O MÉTODO DE ALLAN KARDEC PARA INVESTIGAÇÃO DOS FENÔMENOS MEDIÚNICOS (1854-1869)

Marcelo Gulão Pimentel

Juiz de Fora (MG)
Fevereiro de 2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
Programa de Pós-Graduação em Saúde

Núcleo de Pesquisas em Espiritualidade e Saúde

Marcelo Gulão Pimentel

O MÉTODO DE ALLAN KARDEC PARA INVESTIGAÇÃO DOS FENÔMENOS MEDIÚNICOS (1854-1869)

Orientador: Prof. Dr. Alexander Moreira-Almeida

Coorientador: Prof. Dr. Klaus Chaves Alberto

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Saúde Brasileira.

Juiz de Fora (MG)
Fevereiro de 2014

Marcelo Gulão Pimentel

O MÉTODO DE ALLAN KARDEC PARA INVESTIGAÇÃO DOS FENÔMENOS MEDIÚNICOS (1854-1869)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Saúde Brasileira.

Juiz de Fora, 25 de Fevereiro de 2014.

Comissão Examinadora

_____
Prof. Dr. Alexander Moreira-Almeida
Orientador

_____
Prof. Dr. Klaus Chaves Alberto
Coorientador

_____
Prof. Dr. Silvio Seno Chibeni
Convidado Externo à UFJF

_____
Prof. Dr. Gustavo Arja Castañon
Convidado Interno da UFJF

AO MEU AVÔ TOTA

Agradecimentos

Registro aqui meus agradecimentos ao meu orientador, Prof. Dr. Alexander Moreira-Almeida, e ao meu coorientador Prof. Dr. Klaus Chaves Alberto pelas orientações que recebi desde a elaboração do projeto para a pesquisa, cujo resultado é esta dissertação.

Agradeço também ao Núcleo de Pesquisas em Espiritualidade e Saúde, em especial: Alexandre Sech Jr., Humberto Schubert Coelho e Angélica Aparecida Silva de Almeida pelas valiosas sugestões.

Esta dissertação contou com importantes críticas e sugestões de Alexandre Caroli da Rocha, Silvio Seno Chibeni e Gustavo Arja Castañon que contribuíram para o aprimoramento de nossas ideias e palavras.

Gostaria de agradecer ainda ao apoio de Pierre-Etiènne Jay, Renaud Évrard, Leandro Pimenta, Jérémie Philippe, Christiane Brageul e Cláudia Bonmartin durante meus dias em Paris. Aos professores Guillaume Cuchet, Nicole Edelman e Marion Aubrée pelos valorosos comentários ao nosso trabalho. Em especial, agradeço pela conversa e companhia de Charles Kempf, a quem devo o sucesso na busca documental em Paris. Por fim, minha gratidão à FAPEMIG por acreditar e financiar nossa pesquisa.

E, finalmente, agradeço aos meus familiares, minha irmã Marcele, minha esposa Mariana, meus enteados Aimée e João Pedro pelo estímulo e apoio para a realização deste trabalho.

“As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam no método experimental; até então, acreditou-se que esse método também só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas.”

(Allan Kardec)

RESUMO

Contexto: Ao longo do século XIX, investigações sobre a natureza de fenômenos psíquicos/espirituais como transes e supostas aquisições de informações indisponíveis aos canais sensoriais normais geraram grande debate, mobilizando médicos, cientistas e intelectuais. O professor francês Allan Kardec (1804-1869) foi um dos primeiros pesquisadores a propor uma investigação científica dos fenômenos mediúnicos, tornando-se um influente intelectual na Europa durante a segunda metade daquele século e no Brasil a partir do século XX. Todavia, seu método de investigação é amplamente desconhecido ou mal interpretado.
Objetivos: Identificar e analisar o método de investigação empregado por Allan Kardec em suas investigações das experiências mediúnicas.
Método: A pesquisa se concentrou na leitura e na análise, no idioma original, de toda obra publicada por Kardec: seus livros e os doze volumes da *Revue Spirite: Journal d'Études Psychologiques*. Foram obtidos e analisados documentos originais inéditos de Kardec. Fontes secundárias foram utilizadas como ferramentas de interpretação e de contextualização do trabalho de Kardec.
Resultados: Kardec levantou e testou diversas hipóteses para explicar os fenômenos mediúnicos: fraude, alucinação, forças físicas, sonambulismo, inconsciente, clarividênica, transferência de pensamentos (telepatia) e espíritos desencarnados. Concluiu que todas estas hipóteses eram necessárias para explicar a totalidade das experiências chamadas de mediúnicas. Todavia, por concentrar sua atenção naquelas experiências que ele considerava envolver a comunicação de personalidades desencarnadas (espíritos), buscou desenvolver um método para obter informações úteis e confiáveis sobre a dimensão espiritual do universo. O objetivo de Kardec era naturalizar o domínio espiritual, fazendo dele um objeto de investigação racional e empírica para identificar as leis naturais que regeriam as supostas relações entre espíritos desencarnados e a humanidade encarnada. Por meio do estudo dos processos de investigação e de elaboração das teorias de Allan Kardec para os casos específicos das chamadas sensações dos espíritos logo após o desencarne e para o caso da possessão, percebe-se a busca de uma ampla e diversificada base empírica, bem como a construção progressiva e a reformulação de teorias explicativas.
Conclusão: As investigações sobre os fenômenos psíquicos e mediúnicos preenchem uma importante lacuna, ainda negligenciada, da história da ciência e da medicina. Allan Kardec foi um dos pioneiros desses estudos ao propor a naturalização da dimensão espiritual e sua subsequente investigação empírica e racional. Uma melhor compreensão de seus métodos pode expandir nosso conhecimento sobre as relações entre ciência e espiritualidade no século XIX, bem como oferecer contribuições para os estudos atuais sobre o tema.

Palavras-chave : Pesquisas psíquicas, Século XIX, Espiritismo, Allan Kardec, Mediunidade, Método.

ABSTRACT

Background: During the nineteenth century, investigations on the nature of psychic / spiritual phenomena such as trances and supposed acquisition of information not available through conventional sensory channels generated intense debates which mobilized physicians, scientists and intellectuals. French educator Allan Kardec (1804-1869) was one of the first researchers to propose a scientific investigation on psychic phenomena, thus becoming an influential scholar in Europe during the second half of that century and in Brazil in the twentieth century. However, his method of investigation is largely unknown or misunderstood.
Objectives: To identify and analyze the method employed by Allan Kardec in his investigations on psychic experiences.
Method: Our research focused on the reading and analysis of his complete works – books and twelve volumes of the *Revue Spirite: Journal d'Études Psychologiques* – all of them examined in the original language. We have also obtained and analyzed unpublished and original documents which belonged to Kardec. Secondary sources were used as tools for interpretation and contextualization of his works.
Results: Kardec formulated and tested several hypotheses in order to explain mediumistic phenomena, among them, fraud, hallucinations, physical forces, somnambulism, unconscious clairvoyance, thought transfer (telepathy) and disembodied spirits. He concluded that all of them were necessary to explain the totality of experiences called mediumistic. However, by concentrating his attention on those experiences that he considered involving the communication of disembodied personalities (spirits), he sought to develop a method to obtain useful and reliable information about the spiritual dimension of the universe. Kardec's goal was to naturalize the spirit realm, regarding it as an object of rational and empirical scrutiny in order to identify natural laws that would govern relations between alleged disembodied spirits and the embodied humanity. Through the examination of his research processes and the development of his theories such as on the sensations of the spirits soon after disembodiment as well as on possession, we have come to realize that his work was grounded on a broad and diverse empirical basis and that the formulation and reformulation of his explanatory theories were continuous and progressive.
Conclusion: Investigations on psychic and mediumistic phenomena fill an important gap, still neglected, in the history of science and medicine. Kardec was one of the pioneers of these studies when he proposed the naturalization of a spiritual dimension and its subsequent empirical and rational inquiry. A better understanding of his methods may expand our knowledge about the relationship between science and spirituality in the nineteenth century as well as provide input to current studies on the subject.

Key-words: Psychical Research, Nineteenth Century, Spiritism, Allan Kardec, Mediumship, Method.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO 1

OBJETIVOS 9

Objetivo geral 9
Objetivos específicos 9

METODOLOGIA DE TRABALHO 10

ESTRUTURA DOS CAPÍTULOS 12

Capítulo 1: AS INVESTIGAÇÕES DOS FENÔMENOS PSÍQUICOS NO SÉCULO XIX: SONAMBULISMO E ESPIRITUALISMO (1811-1860) 14

1.1 O MAGNETISMO ANIMAL E OS FENÔMENOS PSÍQUICOS 16

1.2 AS ABORDAGENS DOS FENÔMENOS PSÍQUICOS LIGADOS AO MAGNETISMO ANIMAL 18

1.3 O DISCURSO CÉTICO ACERCA DOS FENÔMENOS PSÍQUICOS 21

1.4 AS INVESTIGAÇÕES DO ESPIRITUALISMO MODERNO E DAS MESAS GIRANTES 24

1.4.1 Charlatanismo 25
1.4.2 Causas físicas 27
1.4.3 Ilusão e alucinação 28
1.4.4 Forças fluídicas 30
1.4.5 Ação espiritual 33

Capítulo 2: DE RIVAIL A KARDEC: O INÍCIO DA INVESTIGAÇÃO DOS FENÔMENOS MEDIÚNICOS 35

2.1 INTERPRETAÇÕES RECORRENTES DA VIDA E OBRA DE KARDEC 35

2.2 O EDUCADOR HIPPOLYTE LÉON DENIZARD RIVAIL 37

2.3 RIVAIL E AS SOCIEDADES CIENTÍFICAS 42

2.4 DAS MESAS GIRANTES À TEORIA ESPÍRITA 46

2.4.1 Charlatanismo 48
2.4.2 Causas físicas 49
2.4.3 Ilusão e alucinação 49
2.4.4 Forças fluídicas 50
2.4.5 Ação espiritual 52
2.4.6 A teoria espírita 53

2.5 O SURGIMENTO DO ESPIRITISMO.....54

Capítulo 3: AS RECONSTRUÇÕES RACIONAIS DE ALLAN KARDEC PARA O MÉTODO DE ELABORAÇÃO DO ESPIRITISMO 60

3.1 PRIMEIRA RECONSTRUÇÃO RACIONAL: O "EDITOR" DOS ESPÍRITOS ... 63

3.2 PERÍODO DE TRANSIÇÃO METODOLÓGICA: A REVISTA ESPÍRITA E A DIVERSIFICAÇÃO DOS DADOS EMPÍRICOS 65

3.3 TRANSIÇÃO METODOLÓGICA: A REESTRUTURAÇÃO DE *O LIVRO DOS ESPÍRITOS* (1857-1860) 68

3.4 TRANSIÇÃO METODOLÓGICA: O CONTROLE UNIVERSAL DAS INFORMAÇÕES DOS ESPÍRITOS.....71

3.5 A SEGUNDA RECONSTRUÇÃO METODOLÓGICA: O DUPLO CARÁTER DA REVELAÇÃO ESPÍRITA 75

Capítulo 4: O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO ESPIRITISMO: AS SENSAÇÕES DOS ESPÍRITOS E A POSSESSÃO.....83

4.1 OS PRIMEIROS RELATOS SOBRE A VIDA ESPIRITUAL.....83

4.2 O ESTADO DA ALMA APÓS A MORTE E AS SENSAÇÕES DOS ESPÍRITOS.....87

4.3 A OBSESSÃO E A NEGAÇÃO DA POSSIBILIDADE DE POSSESSÃO.....96

4.4 OS POSSESSOS DE MORZINE.....98

4.5 O RECONHECIMENTO DO TERMO "POSSESSÃO".....102

CONCLUSÃO..... 106

REFERÊNCIAS..... 109

ANEXOS..... 133

INTRODUÇÃO

Esta dissertação vem ao encontro do crescente interesse que as relações entre espiritualidade e ciência têm despertado no meio acadêmico. Em busca realizada no dia 21/5/2011, através do PubMed, uma das principais bases de dados para artigos científicos na área da saúde do mundo, foram encontrados 46.527 trabalhos com citações dos termos *religio** ou *spiritu**, representando um incremento de 3.793 (8,9%) novos estudos em relação a 21/12/2009, quando o número era de 42.734 (MOREIRA-ALMEIDA, 2010). O interesse pelo tema aumentou na década de 90, quando surgiram influentes estudos em todo o mundo, relacionando espiritualidade com aspectos positivos à saúde do ser humano (KOENIG, 2007).

A maior parte deles explora dados empíricos originais de pesquisas e discute as implicações da espiritualidade em diferentes ramos da sociedade. Contudo, existe uma lacuna de estudos que busquem investigar os aspectos históricos e filosóficos das pesquisas científicas sobre as relações entre espiritualidade[1] e saúde. Tais estudos poderiam retomar teorias e metodologias fomentadoras de novas abordagens empíricas, contribuindo para o desenvolvimento da área (DALGALARRONDO, 2007).

O século XIX se revela como um campo fecundo para essas pesquisas. Diversos estudiosos da época procuraram utilizar abordagens científicas para investigar aspectos do psiquismo humano, que hoje estão vinculados com a espiritualidade, como a mediunidade (ALVARADO, 2013; 2007; 2003; AUBRÉE; LAPLANTINE, 1990; GAULD, 1968). Alguns defendiam o seu caráter patológico, enquanto outros enfatizavam a importância de seu estudo para a compreensão da mente e da natureza humana (ALMEIDA, 2007; MARALDI *et al.*, 2010; MOREIRA-ALMEIDA; LOTUFO NETO, 2005; PAROT, 1993; LACHAPELLE, 2005; LAMONT, 2004; RAIA, 2007; WOLFFRAM, 2006).

Os resultados dessas investigações geraram contribuições para os campos da psicologia e da psiquiatria. Entre elas estão o automatismo psicológico e a mente subliminar. Estudos cujo objeto eram médiuns colaboraram na elaboração do conceito de dissociação e de subconsciente (ALMEIDA; LOTUFO NETO, 2004; ELLENBERGER, 1970; COON, 1992; CRABTREE; 2003; GEZUNDHAJT, 2007;

[1] Referente ao domínio do espírito, à dimensão não material ou extrafísica da existência (Deus ou deuses, almas, anjos, demônios) (HUFFORD, 2010).

ALVARADO, 2010). Todavia, essas pesquisas são pouco conhecidas tanto por cientistas da mente quanto por historiadores.

A visão histórica tradicional entende o século XIX como uma época em que os valores espirituais e religiosos teriam sido solapados pelo desenvolvimento do pensamento racional e científico (HOBSBAWN, 1962/2007; 1975/2007; 1987/2007). Essa interpretação tem sido questionada em estudos recentes, nos quais se mostra que a espiritualidade continuava desempenhando importante papel na sociedade, desenvolvendo-se por caminhos que não foram ainda suficientemente explorados pelos pesquisadores (SHARP, 2006; DIXON, 2008; NUMBERS, 2009).

Novos estudos também mostram que a espiritualidade não representava necessariamente uma reação mística à racionalidade científica e a outros aspectos da "modernidade" que vigoravam no século XIX; na verdade, ela era parte integrante desse processo de modernização (AUBRÉE; LAPLANTINE, 1990; LACHAPELLE, 2002; LAMONT, 2004; MARALDI *et al*., 2010; MONROE, 2008; RAIA, 2007). A formação da Society for Psychical Research (SPR) pode ilustrar esse quadro.

Em janeiro de 1882, a SPR foi criada por acadêmicos e intelectuais britânicos de renome no intuito de investigar rigorosamente e cientificamente um grande corpo de manifestações controversas chamadas de fenômenos psíquicos. A palavra "psíquico" é frequentemente empregada para referir-se a um conjunto de fenômenos também nomeados como mesméricos[2], mediúnicos[3], espirituais[4], metapsíquicos[5] e parapsíquicos[6] (SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, 1882, p. 2; GAULD, 1968, p. 138). Ela designa também uma série de manifestações em que "a mente (espírito ou alma, dependendo da abordagem de cada autor) poderia transcender ao corpo físico e assim mostrar sua independência do corpo" (ALVARADO, 2013, p. 157). Essas manifestações abrangem a comunicação direta mente com mente, aquisições de

[2] Palavra utilizada pelos adeptos da hipótese de que as manifestações psíquicas seriam decorrentes da ação exclusiva do fluido magnético ou mesmérico no corpo do indivíduo (CRABTREE, 1993).

[3] Refere-se a fenômenos originados da mediunidade, que pode ser definida como uma experiência na qual o indivíduo (médium) alega estar em comunicação com, ou sob o controle de, uma personalidade já falecida ou algum tipo de ser imaterial (MOREIRA-ALMEIDA ET AL. 2008).

[4] Palavra utilizada pelos defensores da hipótese de que as manifestações psíquicas seriam resultantes da interação entre espírito e matéria (KARDEC, 1868, pp. 3-4; BRITTEN, 1883).

[5] Definidas pelo fisiologista Charles Richet (1922), manifestações metapsíquicas são caracterizadas pela atuação de forças inteligentes desconhecidas que determinam os pressentimentos, as telepatias, os movimentos sem contato de objetos, as aparições e certos fenômenos mecânicos e luminosos, compreendendo-se nelas os notáveis fenômenos intelectuais das nossas inconsciências.

[6] O termo parapsíquico foi cunhado pelo filósofo francês Émile Boirac (1851-1917) para definir todo fenômeno produzido por seres vivos ou como resultado da ação deles. Tais fenômenos não podem ser inteiramente explicados por leis e forças naturais conhecidas e que possuem relações com a consciência e com a mente (FODOR, 1932, p. 577).

informações indisponíveis aos canais sensoriais habituais, previsões de acontecimentos futuros, batidas e movimentos de objetos sem a aplicação aparente de força sobre eles, entre outros fenômenos. Alguns membros defendiam a utilização do termo parapsíquico, por englobar todos os fenômenos de aspecto anormal, correntemente designados pelos epítetos de psíquicos, ocultos, mediúnicos ou supranormais, sem preconceber nada sobre a sua natureza e as suas causas reais (LALANDE, 1999, p. 891).

Entre seus membros estavam: Henry Sidgwick, professor de filosofia da Universidade de Cambridge; William James, filósofo ligado ao pragmatismo e um dos fundadores da psicologia moderna; Arthur Balfour, filósofo e primeiro-ministro da Inglaterra entre 1902-1906; Sir William Barret, físico e membro da Royal Society; Lord Rayleigh, prêmio Nobel de física de 1904; Frederic Myers, intelectual e inspetor de ensino em Cambridge (GAULD, 1968).

A *Society for Psychical Research* representou um importante marco da tentativa de compreensão das manifestações psíquicas de maneira científica e imparcial. Contudo, mesmo antes da SPR, já existiam propostas de investigação, como é o caso do espiritismo (ALMEIDA; LOTUFO NETO, 2004; ELLENBERGER, 1970, CRABTREE, 2003).

Na segunda metade do século XIX, Hippolyte León Denizard Rivail (1804-1869), conhecido como Allan Kardec, desenvolveu um programa de pesquisa em que afirmava utilizar ferramentas científicas para investigar as manifestações psíquicas, especialmente a alegada capacidade de o indivíduo sentir, em maior ou menor grau, a influência de seres inteligentes imateriais, chamados de espíritos, podendo produzir fenômenos diversos como: curas, efeitos físicos, mensagens escritas ou faladas etc. Essa capacidade era denominada *mediunidade* (KARDEC, 1861/1869, pp. 159-60).

A proposta de observação empírica e a análise racional das manifestações espirituais levaram seus adeptos a reivindicarem um caráter científico, moderno e racional para a teoria espírita, a qual obteve grande repercussão (SHARP, 2006, p.xvi). Kardec se tornou um dos intelectuais franceses mais lidos de sua época. Sua principal obra, *O Livro dos Espíritos*, foi publicada em 1857 e reeditada 15 vezes durante sua vida (faleceu em 1869) e alcançou a sua 22ª edição em 1886 (MONROE, 2008, p. 96). Em 1869, alguns de seus escritos já possuíam versões em inglês, alemão, polonês, espanhol, italiano, português, grego moderno, croata e russo (KARDEC, 1869, pp. 1-2).

O fundador do espiritismo também teria sido um dos principais propagadores da palavra *médium* na Europa em seu sentido particular de intermediário entre vivos e mortos (AUBRÉE, LAPLANTINE, 1990; EDELMAN, 1995, p. 10). Embora não se saiba ao certo a origem do termo médium, parece ter surgido nos Estados Unidos por volta de 1848 para designar a faculdade de Kate e Maggie Fox, irmãs que alegavam se comunicar com espíritos pelo intermédio de batidas (DOYLE, 1926/2007, p 73; BRITTEN, 1870, p. 40). Em *O Livro dos Médiuns* (1861), Kardec definiu médium como "pessoa acessível à influência dos espíritos e mais ou menos dotada da faculdade de receber e de transmitir suas comunicações" (p. 40). Para Edelman, a palavra que não tinha sido citada além do sentido latino, apareceu nos dicionários franceses como um termo do espiritismo a partir de 1869. No dicionário Lachatre, o verbete *médium* significa: "O ser animado que serve de comunicação na produção de certos fenômenos do magnetismo animal e do espiritismo" (LACHATRE, 1869, p. 649). Em 1875, o termo passou a constar no dicionário Larousse: "o médium é para os espíritos um intermediário entre os espíritos dos mortos e os vivos desse mundo"; e em 1889 o dicionário Littré definiu, "Médium: pessoa que pretende servir de intermediário entre seus semelhantes e os espíritos dos mortos ou outros" (EDELMAN, 1995, pp. 10-11). Segundo o fisiologista Charles Richet, prêmio Nobel de Medicina em 1913, "Allan Kardec é certamente o homem que, no período de 1847 a 1871, exerceu a mais intensa das influências, abrindo um corte profundo na ciência metapsíquica"[7] (RICHET, 1922, p. 63).

Kardec entendia o espiritismo como uma ciência surgida com base na investigação dos fenômenos mediúnicos e na elucidação das leis que regem as relações entre o mundo corporal e o mundo espiritual (KARDEC, 1857, pp. 10-11). Para ele, as manifestações espirituais nada teriam de sobrenatural ou de maravilhoso; elas se produziriam sob leis naturais, assim como a eletricidade, a gravitação e a mecânica (KARDEC, 1857, pp. 6-28). Contudo, afirmava que o espiritismo não poderia ser enquadrado no mesmo ramo das ciências tradicionais, como a química e a física, por não lidar com a matéria, mas sim como uma nova ciência cujos fatos observados não encontrariam explicações à luz de teorias ou sistemas já existentes (KARDEC, 1858, p. 2). Em meados do século XIX, o conhecimento científico recebia grande influência do positivismo, corrente filosófica que entendia as ciências naturais como área privilegiada

[7] "Allan Kardec est certainement l'homme qui, dans cette période de 1847 à 1871, a exercé l'influence la plus pénétrante, tracé le sillon le plus profond dans la science métapsychique."

do saber no acesso ao saber verdadeiro (BORDEAU, 2013). As ciências positivas, segundo Stephen Mason, seriam uma combinação do racionalismo, interpretação teórica da natureza consagrada pelo filósofo francês René Descartes; com a investigação empírica prática prescrita pelo inglês Francis Bacon (1561-1626) que enfatizava a observação dos fenômenos (MASON, 1962, p 355).

O positivismo pretendia limitar-se à experiência imediata, pura, constituindo fatos positivos em busca de leis universais explicativos dos fenômenos existentes. Reivindicando o primado da ciência, defendia que o único método para adquirir o conhecimento é o método das ciências naturais, que tem como objetivo o encontro de leis causais e seu controle sobre os fatos (REALE, ANTISERI, 2005, p. 281). O positivismo também traz consigo o evolucionismo que é entendido como lei fundamental dos fenômenos empíricos humanos e naturais (WILSON, 2007).

Há um significativo debate entre os autores em relação a se Kardec deve ser considerado como positivista, com alguns defendendo que sua abordagem seria positivista, trazendo aspectos metafísicos a essa filosofia (CUCHET, 2012; MONROE, 2008; AUBREE, LAPLANTINE, 1990). Ainda há outros pesquisadores que negam esta posição. Para eles, o espiritismo, sem escapar da influência do espírito de seu tempo, possui algumas características em comum com o positivismo. Como expõe Dora Incontri: "a valorização do método científico, experimental, como fonte de segurança no conhecimento e o evolucionismo em todos os setores" (INCONTRI, 2004, p. 53).

Contudo, para ela, o espiritismo possui diferenças intransponíveis em relação ao positivismo. De acordo com Incontri, o positivismo tem seu enfoque materialista da realidade enquanto o espiritismo busca naturalizar o que o positivismo delega ao metafísico, ou seja, a existência de personalidades desencarnadas (espíritos). Analisando o plano histórico, ela afirma que o positivismo propõe a fragmentação das ciências e a especialização do conhecimento em oposição à proposta feita por Kardec de síntese e vínculo das áreas do conhecimento. O positivismo percebe o homem em sua definição das ciências biológicas; o espiritismo entende o homem como um espírito, residindo aí seu valor e a sua dignidade de ser. O positivismo teria uma estrutura doutrinária sistemática ao passo que espiritismo pretenderia ser uma doutrina assistemática, como várias vezes advertiu Kardec, aberta e sem nenhuma forma de idolatria hierárquica (INCONTRI, 2004).

Segundo Silvio Seno Chibeni, Kardec se afasta do positivismo do século XIX ao não se aventurar em criar modelos ou formular explicações técnicas para os fenômenos

mediúnicos em termos de conceitos e princípios das ciências de seu tempo, sendo uma teoria que se apoia em fatos, possuindo uma metodologia própria que não se assentariam nas propriedades da matéria, como estavam assentadas as ciências ordinárias, como a química e a física (CHIBENI, 1991).

Para Kardec, o espiritismo era um novo ramo de conhecimento que deveria ser entendido a partir de novas premissas, geradas por observação, coordenação e dedução lógica dos fatos (KARDEC, 1857, p. 15), indo ao encontro do que se definia por conhecimento científico em um dos principais dicionários da época: "Diz-se particularmente dos conhecimentos que são controlados e sistematizados pela aplicação do método, e que são resultados do objeto de um estudo especial[8]" (LACHATRE, 1869, p. 1309).

De acordo com Lalande, método pode ser entendido como um programa que regula antecipadamente uma sequência de operações a executar e que assinala certos erros a evitar, com vista atingir um resultado determinado (LALANDE, 1999, p. 679). A ciência no século XIX defendia que seu método se baseava em cinco passos básicos: 1. a observação e a coleta de dados; 2. a indução de hipóteses gerais ou as possíveis explicações vindas das observações; 3. a dedução de corolários específicos que precisariam também ser verdadeiros para as hipóteses serem verdadeiras; 4. Testar as hipóteses para checar as implicações deduzidas; 5. repetir os testes ou desenvolver novas (LYONS, 2009, p. 173).

Ainda que Allan Kardec e a Society for Psychical Research alegassem o caráter científico de suas propostas de investigação das manifestações psíquicas, havia um grupo de pesquisadores interessados em abordar esses fenômenos apenas sob um ponto de vista materialista, que se tornou hegemônico. As pesquisas psíquicas foram, então, marginalizadas pelas ciências psicológicas, sendo vinculadas a fraude, alucinação, histeria e transtornos mentais (SOMMER, 2012; 2012a; LAMONT, 2004; MARMIN, 2001; COON, 1992; WOLFFRAM, 2006).

A análise, baseada em fontes primárias, do método da proposta de investigação científica das experiências espirituais realizada por Kardec representa um avanço no restabelecimento de um importante capítulo das investigações psíquicas no século XIX, o que poderá contribuir para o desenvolvimento de novos estudos em distintos campos

[8] "Se dit particulièrement des connaissances qui ont été contrôlées et systématisées par l'application de la méthode, et qui sont devenues l'objet d'une étude spéciale."

do conhecimento, como o da psiquiatria, da psicologia, da filosofia, das ciências da religião e da história.

JUSTIFICATIVA

Allan Kardec tem despertado interesse como objeto de estudo por ser um dos primeiros pesquisadores dos fenômenos mediúnicos. Suas ideias tiveram repercussão na Europa do século XIX e no Brasil. O espiritismo é, hoje, amplamente conhecido no país, assim como é importante na história da saúde mental no Brasil (JABERT, 2011; ALMEIDA, 2007; MOREIRA-ALMEIDA *et al*., 2005).

O movimento espírita brasileiro organizou uma ampla rede de terapias complementares, numa dimensão que não foi encontrada em nenhum outro país, desenvolvendo formas institucionalizadas de integração entre medicina e espiritismo (AUBRÉE, 2006; PUTTINI, 2004; MOREIRA-ALMEIDA, NETO, 2005; ALMEIDA, MOREIRA-ALMEIDA, 2009; LUCCHETTI et al, 2011). Os espíritas partiam do princípio de que seria possível, por meio da mediunidade, a intervenção de um espírito, sendo esta uma possível causa de variados tipos de transtornos mentais (ALMEIDA, 2007). Como forma de tratamento, eles adotavam a associação de práticas terapêuticas médicas e espirituais no paciente (JABERT, 2011).

Apesar dessa relevância histórica e do fato de que os livros de Allan Kardec, traduzidos para diversas línguas, continuam sendo muito populares, vendendo milhões de exemplares[9], seu trabalho ainda é pouco conhecido por historiadores e outros pesquisadores. Faltam discussões e estudos acadêmicos sobre Kardec, especialmente sobre seu método de investigação. Entre os motivos dessa carência estão a dificuldade em adquirir fontes de pesquisa sobre o tema e o forte aspecto religioso que caracteriza o espiritismo brasileiro, distanciando-se da abordagem científica dos fatos pretendida pelo criador do espiritismo. Dessa forma, este trabalho visa colaborar no preenchimento da lacuna de estudos acadêmicos sobre Allan Kardec e seu método de elaboração do espiritismo.

[9] A Federação Espírita Brasileira (FEB), principal instituição espírita do país, afirma que já foram vendidos mais de 25 milhões de livros de Kardec, o que o coloca como o autor francês mais lido do Brasil (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 2014).

OBJETIVOS

Esta dissertação tem como principal meta reconstruir o processo de elaboração do espiritismo. Embora em diversos momentos ao longo deste trabalho sejam feitas análises críticas desse processo, tal não está entre os objetivos da pesquisa. Nossa proposta central é de gerar material descritivo sobre o método de Kardec que sirva de subsídio para pesquisas posteriores que realizem análises críticas aprofundadas, notadamente em seus aspectos históricos, sociológicos e epistemológicos.

Objetivo primário

Identificar e descrever o método de investigação empregado por Allan Kardec para o estudo da mediunidade.

Objetivos secundários

Contextualizar o desenvolvimento das pesquisas sobre mediunidade em meados do século XIX, das quais Kardec foi um dos pioneiros.

Investigar o uso que Kardec fazia dos relatos de comunicações mediúnicas na construção do espiritismo.

MÉTODO

A construção do método de investigação de Allan Kardec partia de uma rede de contatos em todo o mundo (KARDEC, 1868, p. 4). Essa rede consolidou-se por meio das edições da *Revista Espírita*[10]. A análise dos 12 volumes dessa revista editados por Kardec permite uma melhor compreensão de como ele lidava com os relatos de observações mediúnicas que serviram de base para a composição do espiritismo.

A *Revista Espírita* corresponde aos anais, aos *proceedings*, do processo inicial de construção do espiritismo. Allan Kardec foi fundador, redator e editor-chefe da revista por 11 anos e quatro meses, sendo o autor de cerca de 250 artigos nela publicados. Na *Revista Espírita* também eram divulgadas comunicações mediúnicas e artigos de seus correspondentes de diversas partes do mundo, sendo um dos meios mais importantes de reunião de dados e discussão de ideias, as quais foram fundamentais para o amadurecimento teórico que levou à elaboração dos princípios que compõem o espiritismo.

Desse modo, como a análise do conteúdo da *Revista* pode revelar importantes aspectos da construção teórica e metodológica do espiritismo, seguimos estes passos:

Em um primeiro momento, foi realizada uma leitura preliminar do conjunto da obra de Allan Kardec, em busca de uma visão geral de seu teor. Foram consultadas todas as obras de Kardec em francês, de preferência na sua primeira edição ou na edição mais antiga encontrada.

A etapa seguinte foi classificar e agrupar os conteúdos explorados, notadamente os mais relevantes para a compreensão do método de investigação. Foram selecionados os artigos, as comunicações e as correspondências mais relevantes para o nosso objetivo, ou seja, aqueles que Kardec compilava e publicava, com adaptações, nos seus livros.

Após o agrupamento do material, foi realizada uma revisão bibliográfica das principais pesquisas sobre as manifestações psíquicas ou mediúnicas na França, Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos, no período entre 1811 e 1860. Essas referências

[10] *Revue Spirite: Journal d'Études Psychologiques*: revista mensal editada por Kardec entre janeiro de 1858 e março de 1969. Ela se propunha a ser, segundo as palavras do autor, "uma tribuna livre" (1858/2005, p. 24) onde eram publicadas e comentadas as cartas de seus correspondentes, assim como artigos de jornais, trechos de livros, entre outros. Nela, eram expostas ideias que, mais tarde, apareciam em seus livros.

nos remetem à conjuntura na qual Kardec se inseriu quando iniciou suas pesquisas que resultaram na teoria espírita.

Também foram levantadas as principais biografias e fontes primárias sobre Hippolyte Rivail, buscando relacionar a sua trajetória intelectual com a forma como conduziu as pesquisas que resultaram na teoria espírita.

Nesse sentido, para o desenvolvimento desta pesquisa, foram realizadas visitas de pesquisa a centros de documentação parisienses, como: *Institut Métapsychique International (IMI), Archives du Observatoire Flammarion, Archives de la Maison de Balzac, Archives de la Maison Victor Hugo, Librairie Leymarie, Union Spirite Française et Francophone* (USFF) e a *Bibliothèque Nationale de France* (BNF). Na USFF foram obtidas cerca de 160 páginas de documentos e cartas inéditos de Hippolyte Rivail. Parte desse material foi explorado nas investigações sobre a vida e a trajetória de Rivail. A outra parte está sendo transcrita e revisada para análises e publicações futuras. Na BNF foram levantadas algumas das principais publicações da metade do século XIX sobre o espiritismo. Esse material nos possibilitou uma compreensão mais profunda sobre os debates acerca dos fenômenos mediúnicos e do contexto cultural no qual Kardec estava inserido. Esta etapa da pesquisa foi possível graças ao financiamento da FAPEMIG (processo CDS - APQ-01691-10).

Outras fontes exploradas foram as bibliotecas digitais de livros e periódicos, como *Gallica: Biblioteca digital da BNF* e *Google Books*. Elas conservam uma grande variedade de livros, revistas e jornais da época, permitindo a consulta dessas valiosas fontes digitalizadas diretamente do original. Foram realizadas buscas com ênfase no século XIX pelos descritivos: Allan; Kardec; Allan Kardec; Rivail; Hippolyte Leon Denizard Rivail. Grande parte desse trabalho foi realizada pelos bolsistas de iniciação científica Vinicius Lara, Tiago Nunes, Camila Carbogim, e Juliana Blaser aos quais devemos o nosso agradecimento.

Com um conhecimento aprofundado sobre o contexto cultural no qual Kardec estava imerso e do seu posicionamento nessa conjuntura, realizamos a análise interna das informações contidas no material agrupado, buscando distinguir os contextos, os estilos, os argumentos, os pontos de vista e as intenções do autor. Em seguida, realizamos um exame comparativo entre o conteúdo do material da *Revista Espírita* e as obras impressas de Kardec, buscando suas particularidades e, principalmente, seus pontos convergentes. Esses dados foram organizados de modo a reconstruir o método de elaboração do espiritismo, especialmente quanto à análise dos fenômenos mediúnicos.

ESTRUTURA DOS CAPÍTULOS

Esta dissertação está desenvolvida em quatro capítulos, dispostos da seguinte forma:

O primeiro capítulo apresenta um panorama histórico das pesquisas psíquicas nos seus principais centros de debates (Estados Unidos, França, Inglaterra e Alemanha), entre 1811 e 1860, dando ênfase a dois movimentos que fomentaram investigações acerca dos fenômenos psíquicos e mediúnicos: o sonambulismo magnético e o espiritualismo moderno. Nesse capítulo, são expostas as principais hipóteses oferecidas na época para explicar o fenômeno mediúnico, antes do surgimento da teoria espírita.

No capítulo dois, foi feita uma breve biografia de Hippolyte León Denizard Rivail com o objetivo de inseri-lo na conjuntura cultural da época. Enfocou-se sua formação intelectual desde a escola de Yverdon, onde recebeu influência do Iluminismo francês, até a sua formação como educador, escritor e polímata, integrando-se a diversas sociedades intelectuais. Também abordamos sua experiência como magnetizador adepto das técnicas desenvolvidas por Franz Anton Mesmer. Nesse ambiente, foram realizadas as primeiras experiências que buscavam explicar as causas das manifestações sonambúlicas, mais tarde popularizadas como mediúnicas. Por último, foi trabalhada a inserção de Rivail no espiritualismo moderno, do qual se tornou um dos seus principais representantes. Focamos o seu ceticismo perante as primeiras notícias divulgadas sobre as manifestações espirituais e nas suas primeiras experiências com médiuns até o lançamento de *O Livro dos Espíritos*.

O capítulo três trata das reconstruções racionais que Allan Kardec fez da metodologia que utilizou para elaborar o espiritismo. Foi analisada a forma como ele descreveu o seu método na primeira edição de *O Livro dos Espíritos* em 1857 e foram percorridas as adaptações que realizou na descrição de seu método de pesquisa até o ano de 1867, quando ele realizou o que consideramos ser a sua segunda reconstrução racional, *Caracteres da revelação espírita*, que foi transformada no primeiro capítulo do seu último livro: *A Gênese* (1868).

O capítulo quatro analisa o conteúdo do material publicado na *Revista Espírita* e nos livros de Kardec, buscando aspectos que exemplificam o seu método de trabalho na formulação da teoria espírita. Foram realizados estudos de caso da elaboração de dois princípios do espiritismo: as sensações dos espíritos e a possessão. Esses dois temas

foram escolhidos por acreditar-se que exemplificam, respectivamente, um caso de elaboração progressiva de um ponto da teoria espírita e um de refutação de um aspecto teórico, que teria sido falseado por evidências empíricas posteriores.

Não está entre os objetivos desta dissertação averiguar a veracidade das conclusões de Kardec e dos outros pesquisadores, tais como a existência ou não de entidades inteligentes imateriais denominadas espíritos. Desse modo, foi relatado o processo como foi por ele descrito.

Capítulo 1
AS INVESTIGAÇÕES DOS FENÔMENOS PSÍQUICOS NO SÉCULO XIX: SONAMBULISMO E ESPIRITUALISMO (1811-1860)

Desde o final do século XVIII, é possível encontrar análises de intelectuais sobre as experiências chamadas de sonambulismo magnético, envolvendo um grande número de cientistas e investigadores de alto nível, como: Franz Anton Mesmer (ELLENBERGER, 1970) Michael Faraday (FARADAY, 1853), físico e químico considerado um dos cientistas mais influentes da história (JAMES, 2010); o médico e naturalista William Carpenter (CARPENTER, 1853), um dos principais estudiosos a cogitar a existência de mecanismos inconscientes na mente humana (CRABTREE, 1993, pp. 254-6; OPPENHEIM, 1985, pp. 247-9); o físico e primeiro-ministro francês François Arago (ARAGO, 1853); o médico cirurgião James Braid, iniciador da hipnose científica (BRAID, 1853; GAULD, 1992). Um dos principais objetivos deles era analisar as causas desses fenômenos e as suas implicações para a compreensão da mente, de seus transtornos e da própria natureza humana (ELLENBERGER, 1970).

O sonambulismo magnético e o espiritualismo moderno foram duas propostas de investigação dos fenômenos psíquicos que não se consolidaram no meio científico. Todavia, elas têm sido tema de diversos estudos históricos, nos quais se notam duas concepções distintas.

A mais tradicional considera o magnetismo animal e o espiritualismo moderno "pseudociências" surgidas em um período pré-científico em que o misticismo e a superstição teriam contribuído para a formulação de hipóteses que não resistiram a uma análise metodológica mais rigorosa (LEAHEY, LEAHEY, 1983, pp. 115-56). No entanto, historiadores recentes da psicologia e da psiquiatria reconhecem a importância do estudo desses fenômenos para o desenvolvimento de conceitos de mente, doença e saúde mental (WOLFFRAM, 2012; SOMMER, 2012; LAMONT, 2010). Um dos autores pioneiros mais influentes dessa nova concepção é o psiquiatra canadense Henri F. Ellenberger.

De acordo com Ellenberger (1970), a era moderna da cura psicológica foi inaugurada pelo médico alemão Franz Anton Mesmer (1734-1815) e suas investigações sobre o magnetismo animal. Para ele, embora a prática terapêutica de Mesmer tenha se preocupado principalmente com a cura física do indivíduo, ela deu partida a uma série de eventos que mudaram o modo como vemos a mente humana (ELLENBERGER,

1970, p. 53). O espiritualismo, de outro modo, também foi importante, pois indiretamente forneceu a psicólogos, psiquiatras e psicopatologistas uma nova abordagem da mente, pois o médium se tornou objeto de pesquisa do que mais tarde ficou conhecido como inconsciente (ELLENBERGER, 1970, p. 85).

Adam Crabtree (1993) acrescenta que o sonambulismo e o espiritualismo foram eventos que deixaram um grande legado ao estudo da mente, absorvido pela psicanálise freudiana e outros campos de investigação que têm por objeto o estado alterado de consciência. A psiquiatria recebeu um significativo incremento ao voltar sua análise para sonâmbulos e médiuns (CRABTREE, 1993).

Historiadores da psiquiatria ainda mostram que a nosologia francesa do século XIX desenvolveu uma nova teoria da mente a partir do magnetismo animal, classificando como patologia atitudes e comportamentos ocorridos durante a manifestação psíquica (GONÇALVES, ORTEGA, 2013). Com o surgimento do espiritualismo, a nosografia passou a identificar a mediunidade como delírio, também classificado como delírio espírita (ALMEIDA, 2007; LE MALÉFAN, EVRARD, ALVARADO, 2013; MOREIRA-ALMEIDA, LOTUFO NETO, 2005; LE MALÉFAN, 1999).

No entanto, atualmente tais fenômenos constituem uma área de interesse ainda periférica para as ciências da mente, e as obras sobre esse tema são praticamente desconhecidas por autores atuais em ciências comportamentais e por historiadores da psicologia e psiquiatria (MÜLBERGER, 2012).

Nesse sentido, pretende-se apresentar uma breve revisão de alguns dos principais pesquisadores que se dedicaram aos estudos dos fenômenos psíquicos em países como França, Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos. Busca-se expor um panorama dos debates acerca das explicações dos fenômenos psíquicos no qual estava inserido Allan Kardec ao desenvolver o espiritismo.

A análise será concentrada entre 1811, ano da publicação da primeira obra dedicada às pesquisas, experiências e observações sobre o sono magnético (PUYSÉGUR, 1811; CRABTREE, 1993), e a década de 1850, quando diferentes explicações para as manifestações psíquicas ligadas ao fenômeno das mesas girantes[11] e

[11] Fenômeno que consistia no movimento inteligente, sem causa aparente, de mesas e outros objetos, em torno dos quais reuniam-se, nos salões europeus, pessoas de todas as classes sociais (LACHAPELLE, 2002, p.1).

da mediunidade tiveram grande repercussão nos Estados Unidos e em vários países europeus.

Daremos ênfase às análises vinculadas ao sonambulismo e ao espiritualismo, relacionando essas pesquisas com o desenvolvimento de ideias que contribuíram para o maior entendimento da mente humana.

1.1 O MAGNETISMO ANIMAL E OS FENÔMENOS PSÍQUICOS

Mesmer chegou a Paris, em 1778, introduzindo novas técnicas e novas ideias adaptadas ao espírito iluminista que vigorava na época (ELLENBERGER, 1970). Médico formado na Universidade de Viena, ele anunciou sua descoberta sobre um fluido difuso no universo que penetrava e cercava todos os corpos. A existência desse fluido invisível poderia ser deduzida a partir dos princípios conhecidos da atração universal e "(...) do fato de essas esferas [planetas] exercerem também uma ação direta sobre todas as partes constitutivas dos corpos animados, particularmente sobre o sistema nervoso, por meio de um fluido que tudo penetra" (MESMER, 1779, p. 303).

Essa dedução o levou à conclusão de que a doença seria gerada pelo obstáculo à circulação do fluido pelo corpo; este teria propriedades semelhantes a um ímã (MESMER, 1779). Assim, Mesmer desenvolveu uma terapia, conhecida como mesmerismo ou magnetismo animal, na qual o fluido seria controlado e fortalecido a partir de sessões de "mesmerização". O magnetizador transmitiria o fluido através da imposição das mãos ou por meio de massagens nos polos do corpo para a superação do obstáculo (MESMER, 1779, pp. 304-12). O tratamento, muitas vezes, induzia uma "crise", frequentemente sob a forma de convulsões, vista por Mesmer como salutar ao tratamento, cujo objetivo era restaurar a saúde ou a "harmonia" do homem com a natureza (DARNTON, 1988, p. 14).

A grande difusão do mesmerismo na França chamou a atenção das autoridades públicas francesas. Em 1784, foi instaurada uma comissão formada por membros da Faculdade de Medicina e da Academia de Ciências. Após meses de investigação e observação, a comissão concluiu que Mesmer não descobrira um fluido físico real, que o corpo humano não continha os canais sugeridos em sua teoria e que os efeitos de seus tratamentos foram devidos exclusivamente à "imaginação" dos indivíduos mesmerizados (DARNTON, 1988, p. 63).

Apesar do relatório, o mesmerismo continuou conquistando novos adeptos e Mesmer, novos seguidores. Junto com as curas realizadas, o magnetismo animal também chamava a atenção da população por uma série de fenômenos que surgiam como "efeitos colaterais" da mesmerização.

Armand Marie Jacques de Chastenet, o marquês de Puységur (1751-1825), interpretou o magnetismo animal sob um novo aspecto. Ele observou que durante as crises mesméricas os magnetizados entravam em um estado alterado de consciência, em que pareciam despertos enquanto dormiam, o que foi chamado de sonambulismo artificial ou sono magnético (PUYSÉGUR, 1811). O próprio Mesmer havia relatado casos semelhantes de sonambulismo, mas ele afirmava tratar-se de um estado mental perigoso que deveria ser evitado (BRITTEN, 1883, p. 12).

Para Puységur, fazia parte do tratamento o sono magnético, pois neste alguns pacientes atingiam uma espécie de lucidez sob a qual adquiriam habilidades clarividentes, como a de obter informações sem a utilização dos canais sensoriais conhecidos, diagnosticar sua própria doença, prever o seu curso e prescrever os medicamentos necessários para a cura (PUYSÉGUR, 1809, pp. 99-114). Esse fenômeno, conhecido como clarividência médica, foi descrito por Puységur em seus livros, que ressaltam casos de cura alcançados e a validade da terapia sonambúlica, embora reconhecendo que as habilidades clarividentes manifestadas durante o sono magnético tinham origem em forças psicológicas desconhecidas (PUYSÉGUR, 1811).

Puységur também relatou um caso de leitura da mente, ocorrido com um dos seus pacientes, Victor Race:

> Quando eu o vejo contente, imaginando disparar em um prêmio, dançando em uma festa, etc... Eu alimento suas idéias, forçando-o a se movimentar muito na cadeira, como se estivesse dançando uma música. Enquanto canto (mentalmente), eu faço ele repetir em voz alta[12] (PUYSÉGUR, 1809, p. 42).

Outros relatos sobre o fenômeno psíquico também podem ser encontrados nos discursos de magnetizadores do período. Eles informavam que durante as sessões de magnetismo o paciente adquiria o aumento de algumas habilidades cognitivas, intelectuais e sensoriais (MONROE, 2008, p. 68; MÉHEUST, 1999, p. 28). Declarações sobre os magnetizados apontavam casos de curas espirituais, leitura de mensagens

[12] "alors je le voyons content, imaginant tirer à un prix, danser à une fête, etc... Je nourrisois en lui ses idées, et par-là je le forçois à se donner beaucoup de mouvement sur la chaise, comme pour danser sur un air, qu'en chantant (mentalement) je lui faisois répéter tout haut".

armazenadas em recipientes fechados e captação do pensamento de outras pessoas (CRABTREE, 1993, pp. 40-5).

Em busca de uma conclusão definitiva sobre as causas dos fenômenos psíquicos, diversos pesquisadores se debruçaram sobre o tema, especialmente os magnetizadores que se autoproclamavam peritos no estudo experimental da mente humana (MONROE, 2008, p. 64).

1.2 AS ABORDAGENS DOS FENÔMENOS PSÍQUICOS LIGADOS AO MAGNETISMO ANIMAL

Na tradição mesmérica, os magnetizadores possuíam, ao menos, quatro diferentes hipóteses para explicar os fenômenos psíquicos: a fluidista, a psicofluidista, a espiritualista e a animista (MÉHEUST, 1999).

A hipótese fluidista era defendida por mesmeristas ortodoxos que não absorveram as modificações da teoria do magnetismo animal proposta pelos discípulos de Mesmer. Apoiados nos métodos e resultados terapêuticos do mesmerismo, eles consideravam que as alterações físicas e psicológicas que caracterizavam o fenômeno psíquico seriam nocivas ao sonâmbulo e, por isso, não deveriam ser estimuladas (MÉHEUST, 1999).

Os psicofluidistas sustentavam que as manifestações psíquicas tinham origem em forças psicológicas desconhecidas acionadas por intermédio do fluido magnético (ELLENBERGER, 1970). Adeptos do pensamento de Puységur, eles entendiam que o fenômeno poderia demonstrar a ação da mente fora do corpo, devendo ser estudada como uma faculdade humana (MÉHEUST, 1999).

Um dos principais defensores dessa hipótese, o naturalista francês Joseph Philippe François Deleuze (1753-1835) foi um dos primeiros pesquisadores a oferecer explicações aos fenômenos psíquicos que emergiram a partir do sono magnético. Discípulo de Puységur, Deleuze sustentava a ideia de que o estado sonambúlico possuiria diferentes gradações e apenas alguns sonâmbulos desenvolveriam uma suscetibilidade especial, como a de captar pensamentos e sensações de outras pessoas no seu entorno (DELEUZE, 1819/1850, pp. 55-62). De acordo com esse autor, haveria

> na maioria dos sonâmbulos um desenvolvimento da sensibilidade de que não podemos ter nenhuma concepção. Eles são suscetíveis de receber a influência de tudo o que os rodeia e, principalmente, a partir de seres vivos. Eles não só são afetados por emanações físicas, ou os eflúvios de corpos vivos, mas também, em um grau muito mais

> surpreendente, pelos pensamentos e sentimentos dos que os rodeiam, ou que estão ocupados com eles[13] (DELEUZE, 1819/1850, pp. 55-6).

Para Deleuze, o fenômeno psíquico seria resultado da captação, pela mente do sonâmbulo, de fluidos magnéticos emanados por seres humanos e também por objetos. Ele afirmava que, nos fluidos, estariam registradas informações que permitiriam entender outras manifestações psíquicas, como descrever um evento que não testemunhou e reconhecer a origem e a propriedade de um objeto (DELEUZE, 1819/1850, pp. 38-62).

A ação do fluido também explicaria os fenômenos psíquicos da clarividência e da clarividência médica. Para os psicofluidistas, a manifestação não seria considerada sobrenatural. Eles explicavam que a inteligência de alguns sonâmbulos seria suscetível ao fluido, que expandiria sua capacidade de estabelecer relações causais, gerando as previsões (STROMBECK, 1814; TESTE, 1840, p. 238).

A tese dos psicofluidistas era considerada insuficiente pelos magnetizadores espiritualistas. Este grupo defendia que as manifestações psíquicas observadas só poderiam ser explicadas pela atuação de seres inteligentes invisíveis (CRABTREE, 1999). Segundo essa hipótese, o sono magnético dissociaria temporariamente a alma do corpo e, em alguns casos, ela entraria em contato com o mundo espiritual (CAHAGNET, 1848, p. 10; DELAAGE, 1851; JUNG-STILLING, 1854, pp. 48-9). Essa proposição teria sido deduzida por meio do depoimento de sonâmbulos.

O médico alemão Justinus Kerner, nos quatro anos em que tratou de Frederica Hauffe, conhecida como "a vidente de Prevorst", constatou que as previsões dela ocorridas durante o estado sonambúlico poderiam ser classificadas como "dupla vista". A vidente, para ele, entraria em contato com espíritos que lhe transmitiriam as informações sob a forma de símbolos. Em um dos casos, Kerner ilustrou a "dupla vista" citando o seguinte depoimento de Hauffe: "Eu vejo N____ na lua, no entanto, ele ainda vive sobre a terra, mas eu vejo-o ali como se fosse por antecipação. Em um quarto de um ano, ele vai morrer, e meu pai vai ser o primeiro a saber de sua morte"[14]. Kerner

---

[13] "There is in most somnambulists a development of sensibility of which we can have no conception. They are susceptible of receiving influence from everything that surrounds them, and principally from living beings. They are not only affected by physical emanations, or the effluvia of living bodies; but also, to a degree much more surprising, by the thoughts and sentiments of those who surround them, or who are busy with them."

[14] "I shall now relate an instance of her foreknowledge, when she did not dream, but was in her sleep-waking state: It was on the 6th July, 3827, that, after being some time torpid, she said — "I see N____ in the moon, nevertheless he yet lives upon the earth; but I see him there as it were beforehand. In a quarter of a year he will die, and my father will be the first to learn his death." This person, who was then in

complementou o depoimento afirmando que a pessoa citada teria morrido no período dito por Hauffe e a notícia da morte foi dada pelo pai dela (KERNER, 1830/1850, p. 33).

O fenômeno psíquico da "dupla vista" observado por Kerner o levou a concluir que "a alma humana, mesmo nesta vida, está em constante comunicação com o mundo espiritual, e que estes são suscetíveis de impressões mútuas, mas, desde que tudo corra bem, essas impressões passam despercebidas"[15] (KERNER, 1830/1855, p. 32).

Os supostos espíritos[16] agiriam diretamente sobre a saúde do homem. Para os magnetizadores espiritualistas, a ação de espíritos demoníacos sobre o indivíduo causaria parte das doenças mentais. Elas poderiam ser curadas através de sessões de magnetismo, nas quais a má influência espiritual se manifestaria e seria afastada pelo magnetizador, com o auxílio de espíritos bons ou anjos (KERNER, 1824; BILLOT, 1839; CAHAGNET, 1848).

As ideias dos magnetizadores espiritualistas tiveram pequena adesão na tradição mesmerista. De acordo com o médico G. P. Billot, a relutância dos magnetizadores em aceitar essa hipótese se devia ao fato de que uma atuação puramente espiritual não poderia ser estudada pela ciência. Essa visão seria equivocada, pois restringia a possibilidade de explicação do fenômeno. Considerava que o "invisível" não significava "não-natural", e que a aceitação da hipótese da ação de forças inteligentes invisíveis traria uma revolução nas ciências naturais e novas direções para o seu estudo (BILLOT, 1839, pp. ix-x).

Os magnetizadores animistas, de outro modo, afirmavam que os fenômenos psíquicos possuíam causas exclusivamente psicológicas, sendo interpretados como efeito da imaginação (CUVILLERS, 1821). Os argumentos dos espiritualistas sofreram críticas dos magnetizadores animistas; eram considerados resultado do excesso de credulidade e da falta de cuidado na observação (BERTRAND, 1826). Durante a sessão, o magnetizador poderia superexcitar algumas faculdades intelectuais, como a inteligência e a imaginação, enquanto outras faculdades eram anestesiadas por efeito do sonambulismo, como a vontade e a moral (MÉHEUST, 1999, pp. 15-6).

---

perfect health, actually did die at the period named, and her father was the first to hear of it."

[15] "that the human soul, even in this life, is in constant communication with the spiritual world, and that these are susceptible of mutual impressions; but, as long as all goes well, these impressions are unperceived."

[16] Ainda que, muitas vezes, eu registre a expressão "suposto(s) espírito(s)" ou algo equivalente, há também ocorrências em que, para não sobrecarregar o texto, o termo "suposto" não aparece. Reitero, porém, que não tenho aqui a intenção de validar ou invalidar a existência ontológica de espíritos.

O médico e magnetizador Alexandre Bertrand foi um dos principais defensores dessa teoria. Para ele, o sonambulismo artificial atuaria, especialmente, sobre a imaginação do indivíduo. O sonâmbulo seria um autômato sugestionado pelo seu magnetizador (BERTRAND, 1826). Os animistas associavam o sonambulismo e os relatos de visão de supostos espíritos de mortos à ação da imaginação patológica, que atuaria como uma "vontade inimiga" do sonâmbulo (CHARDEL, 1826, pp. 263-74).

O debate entre os magnetizadores sobre sonambulismo e a causa dos fenômenos psíquicos teve repercussão fora da tradição mesmérica, o que contribuiu para a formação de um discurso cético tanto em relação à eficácia do magnetismo animal quanto a respeito da existência dos fenômenos psíquicos.

1.3 O DISCURSO CÉTICO ACERCA DOS FENÔMENOS PSÍQUICOS

Em geral, o discurso cético entendia os fenômenos psíquicos como efeito da ilusão, da fraude e da credulidade. O francês Julien-Joseph Virey, membro da Academia Real de Medicina de Paris, foi um dos principais críticos do magnetismo animal e da validade dos fenômenos psíquicos gerados por sono magnético. Em artigo publicado no *Dictionnaire des sciences médicales* (Dicionário das Ciências Médicas), o autor considerava a terapia mesmerista uma prática supersticiosa ineficaz. Concordava parcialmente com a teoria sonambúlica ao afirmar que ela causaria uma espécie de hipersensibilidade cerebral, por causa da qual o sonâmbulo teria seus sentidos estimulados, permitindo-lhe captar as impressões de uma pessoa deixadas em um objeto, a partir do aumento da visão, do olfato e dos outros sentidos (VIREY, 1818, pp. 54-5).

As supostas comunicações com espíritos e a possessão poderiam ser explicadas pela existência de um instinto interno adormecido, sentido como um ser externo pelo indivíduo a ponto de ser confundido com outra entidade (VIREY, 1818, pp. 74-6). Essa concentração interna inconsciente despertada no sonambulismo também explicaria o aumento intelectual do indivíduo magnetizado em relação ao seu estado ordinário de consciência. Ele seria provocado por uma "tensão cerebral" capaz de reunir fragmentos de informação armazenados pelo inconsciente humano (VIREY, 1818, p. 78).

Os argumentos de Virey, desqualificando o magnetismo animal, foram contestados publicamente por Deleuze (1819; 1822) e por León Louis Rostan (1822), médico de Salpêtrière e membro da Academia Real de Medicina.

Em 1825, o Dr. Rostan foi o responsável pelo verbete "Magnetismo" no *Dictionnaire de médecine et de chirurgie pratique* (Dicionário de medicina e de cirurgia prática). Nele, Rostan sustentou que o magnetismo geraria alterações no sistema nervoso do indivíduo que poderiam ocasionar curas; contudo, ele tinha dúvidas quanto à validade das manifestações psíquicas, devido à suscetibilidade do magnetizado em relação ao magnetizador (ROSTAN, 1825).

Por causa da controvérsia entre céticos e magnetizadores, o médico Pierre Foissac pediu à Academia Real de Medicina o reexame do magnetismo animal, alegando que os meios empregados pela terapia e os seus efeitos haviam mudado desde a condenação de sua prática pela comissão de 1784 (FOISSAC, 1825). A comissão médica investigativa foi instaurada em 1826. O comitê de médicos estudou principalmente os casos ocorridos no Hotel Dieu liderados pelo médico-chefe do hospital, o Dr. Husson, e pelo magnetizador Jules DuPotet de Sennevoy. O relatório da comissão foi favorável à prática do magnetismo animal e à eficácia da sua terapia (BURDIN, DUBOIS, 1841, pp. 413-4). O relatório também descrevia experiências com indivíduos em estado sonambúlico que identificavam o número e a cor de cartas de baralho sem usar os olhos; liam trechos de livros com os olhos cobertos e faziam previsões (BURDIN, DUBOIS, 1841, pp. 386-9).

A conclusão da comissão trouxe legitimidade ao magnetismo animal e às suas práticas. No entanto, alguns membros da academia continuaram a questionar os efeitos do magnetismo animal. Em 1833, o médico Frédéric Dubois publicou um panfleto acusando o mesmerismo de ser irracional e ligado ao absurdo e ao miraculoso (DUBOIS, 1833, p. 6).

Os questionamentos continuaram no ano seguinte, quando o *Dicionário de Medicina e de Cirurgia Prática* de 1834 definiu o sono magnético como um problema funcional do sistema nervoso caracterizado, essencialmente, pela diminuição ou supressão total da consciência e de outras faculdades que nos colocam em relação com o mundo exterior (MÉHEUST, 1999, p. 16). Em 1837, acusações de fraude relacionadas ao magnetismo animal entre membros da academia geraram um longo debate entre defensores e críticos da terapia, levando à instalação de nova comissão pela Academia de Medicina.

Os autores do verbete, Jean Bouillaud e Frédéric Dubois, foram dois dos nove integrantes da comissão. Desta vez, as observações não trouxeram resultados conclusivos. Segundo o relatório, os dois sonâmbulos observados falharam na execução dos fenômenos psíquicos. A comissão concluiu pela inexistência dos efeitos do magnetismo animal e das manifestações psíquicas (BURDIN, DUBOIS, 1841, pp. 506-11).

O Dr. Husson criticou o relatório, afirmando que cinco dos nove membros da comissão eram previamente contrários à validade do magnetismo animal e dos fenômenos psíquicos. Husson ainda tinha ressalvas quanto ao método adotado para a realização da experiência.

Ele alegou que as observações foram feitas com dois sonâmbulos, mas o ideal seria uma experiência com oito a 15 indivíduos. Como magnetizador, o Dr. Husson também ressaltou que as condições de indução do sonâmbulo aos fenômenos psíquicos eram impróprias (BURDIN, DUBOIS, 1841, pp. 517-22). Apesar das críticas, as conclusões do relatório foram mantidas.

Charles Burdin e Pierre Dubois consideraram que o parecer favorável ao magnetismo em 1826 foi obtido em um momento em que a academia possuía um grande número de defensores dessa teoria em seu quadro de membros. Para eles, apesar de a academia considerar, desde 1826, a prática mesmerista pouco científica, ela acabou por ceder para não se indispor com os magnetizadores (BURDIN, DUBOIS, 1841). Em 1837, a presença da maioria declaradamente cética na comissão investigativa do magnetismo e dos fenômenos psíquicos indica uma mudança na configuração política da academia, que foi decisiva para a exclusão do magnetismo animal como terapia medicinal.

Com a rejeição acadêmica, o mesmerismo ganhou espaço entre jornalistas, escritores e políticos vinculados ao socialismo utópico. A doutrina de Mesmer recebeu o escudo das ideologias reprimidas pelo Estado francês (SHARP, 2006). Círculos literários onde renomados romancistas – como Honoré de Balzac, Victor Hugo, Alexandre Dumas, Delphine de Girardin, George Sand – se reuniam passaram a praticar o mesmerismo, simpatizando com as hipóteses dos espiritualistas. O deslocamento da academia para os círculos literários permitiu que essas ideias permanecessem na sociedade até que, na década de 1850, os fenômenos psíquicos voltassem a despertar o interesse dos pesquisadores com o surgimento do espiritualismo moderno e das mesas girantes (MONROE, 2008, p. 70).

1.4 AS INVESTIGAÇÕES DO ESPIRITUALISMO MODERNO E DAS MESAS GIRANTES

Em 1848, os fenômenos psíquicos ganham novo fôlego com o surgimento do espiritualismo moderno nos Estados Unidos. O movimento foi iniciado por duas jovens irmãs, Catherine e Margaretta Fox, de 12 e 15 anos respectivamente, que viviam em Hydesville, região rural do estado de Nova Iorque (WEISBERG, 2004, pp. 1-8). Estas irmãs foram protagonistas de fenômenos como o movimento, sem causa física aparente, de mesas e outros objetos pesados, além de barulhos similares a batidas nos móveis e nas paredes. No mesmo ano Catherine, conhecida como Kate, ganhou notoriedade na comunidade por ter desenvolvido um código para interagir com as batidas, descobrindo que elas tinham causa inteligente (WEISBERG, 2004, pp. 1-8).

Em pouco tempo as letras do alfabeto passaram a ser soletradas sequencialmente em voz alta, havendo interrupção pela batida quando se alcançava a letra desejada pelo suposto ser inteligente (DOYLE, 1926). Desse modo, a família Fox juntamente com os seus vizinhos teriam chegado à conclusão de que as batidas foram geradas por Charles B. Rosma, caixeiro viajante assassinado naquela casa e cujo corpo estava sepultado no porão, onde a família Fox mais tarde encontrou a sua ossada (DOYLE, 1926).

Narrativas sobre manifestações espirituais são amplamente conhecidas em diversas sociedades através da história, como nas sociedades clássicas greco-romanas, nas raízes judaico-cristãs da sociedade ocidental, passando por oráculos, profetas e xamãs (HASTINGS, 1991). No entanto, as irmãs Fox foram as primeiras a estabelecer um código de comunicação com os supostos espíritos, sendo chamadas de “médiuns” (AUBRÉE, LAPLANTINE, 1990, pp. 15-6). O fenômeno ganhou os jornais americanos e foi batizado como espiritualismo moderno por um jornalista (WEISBERG, 2004, p. 3).

Até a metade de 1850, cerca de dez mil adeptos transformaram o fenômeno de Hydesville em um movimento social que em pouco tempo se alastraria pela Europa, com os primeiros grupos de espiritualistas modernos desembarcando na Inglaterra em 1853 (AUBRÉE, LAPLANTINE, 1990, p. 16). Em julho de 1852, o jornal católico francês *L’Univers* já publicava as primeiras notícias sobre o espiritualismo moderno. O

jornal definiu o movimento como “um magnetismo sem sonambulismo e evocação das almas dos mortos”[17] (BARRIER, 1852).

Os espiritualistas disseminaram na Europa sessões de *table turning* (mesas girantes), que consistiam na reunião de um grupo de pessoas em torno de uma mesa e a formação de uma “corrente”, onde geralmente se apoiava a ponta dos dedos sobre a mesa. Após alguns instantes, a mesa iniciaria movimentos circulares sem o uso aparente de força física (DOYLE, 1926). Em maio de 1853, o fenômeno já tinha se propagado para diversos países europeus (AUBRÉE, LAPLANTINE, 1990, pp. 19-20). Desde os salões literários até as pequenas salas de jantar, pessoas de todas as classes sociais cederam ao espiritualismo moderno e à possibilidade de contatar os mortos.

No mesmo ano, os participantes das sessões mediúnicas instituíram códigos de comunicação pelos quais as mesas passaram a responder a perguntas através de batidas com seus pés sobre o solo (CUCHET, 2012, pp. 64-8). Logo, foram estabelecidas formas de contato mais complexas como o uso de um lápis trespassado em uma cesta (*corbeille*) ou uma prancheta com um lápis sobre a ardósia. Os participantes colocavam as mãos sobre os aparatos, que por sua vez se movimentavam, formando frases atribuídas aos espíritos. Em sua última etapa, os médiuns desenvolveram formas diversas de comunicação com os supostos espíritos, sendo uma das mais populares a escrita automática ou mediúnica, pela qual o espírito se comunicaria através do médium, utilizando lápis e papel. Eles alegavam que o espírito tomaria posse do seu braço, escrevendo as mensagens ou que as entidades invisíveis diziam o conteúdo das mensagens como se falasse ao ouvido (CUCHET, 2012, pp. 64-75).

Em pouco tempo o tema foi tratado em artigos de jornais e revistas, bem como de tratados científicos que tentaram explicar o movimento das mesas e as comunicações através dos médiuns (SHARP, 2006, pp. 49-51). Diversos relatórios tentaram explicar suas causas. Dentre elas estavam: fraude ou charlatanismo, ilusão ou alucinação, algum tipo de agente ou força física, o demônio e espíritos desencarnados.

1.4.1 Charlatanismo

A suposta demonstração da existência da vida após a morte, através da comunicação mediúnica com espíritos, tornou-se popular nos Estados Unidos e na Europa. Muitos médiuns acabaram fazendo disso uma fonte de renda. Junto com as

[17] “un magnétisme sans somnambulisme et évocation des âmes des morts.”

apresentações pagas, surgiram as acusações de charlatanismo. As irmãs Fox, que realizavam excursões a outras cidades apresentando suas habilidades em troca de dinheiro (WEISBERG, 2004), tornaram-se foco de investigação dos defensores e opositores dessa teoria.

O Dr. Charles G. Page[18] publicou um livro dedicado à exposição pública das fraudes cometidas por médiuns, especialmente pelas irmãs Fox. Para ele, as batidas atribuídas aos espíritos eram produzidas pelas irmãs por meio de truques (PAGE, 1853). Porém, reconheceu que sua teoria não explicava como as batidas respondiam corretamente a perguntas particulares sobre pessoas mortas desconhecidas das médiuns, como: nome, doença que as levaram ao óbito e a cidade em que viviam (PAGE, 1853, pp. 45-73).

Page concluiu que os fenômenos psíquicos não passavam de truques, nos quais eram utilizados variados subterfúgios. E mesmo que as manifestações escapassem ao alcance de sua teoria, parecendo autênticas, elas ainda assim seriam truques (PAGE, 1853, p. 97). Esses truques também poderiam se manifestar de forma mais sofisticada. Segundo a descrição de médicos da universidade de Búfalo, no *Buffalo Medical Journal*, os estalos teriam origem em movimentos voluntários pouco perceptíveis produzidos por Margaretta Fox, em que sua tíbia se deslocaria lateralmente sobre a superfície inferior do fêmur, gerando o estalo (FLINT, LEE, COVENTRY, 1851, pp. 629-33).

Em sua experiência, os médicos examinaram as principais acusações de fraude feitas contra as irmãs Fox. Eles pediram que mulheres examinassem “cuidadosa” e “repetidamente” as irmãs Fox, buscando excluir a possibilidade de produzirem as batidas de forma artificial, utilizando o vestido para gerar os sons, amarrando-os em portas ou escondendo objetos sonoros dentro dele (FLINT, LEE, COVENTRY, 1851, p. 632).

Buscando razões fisiológicas para o fenômeno, e desconsiderando a suposição de comunicação espiritual até que fossem refutadas todas as causas físicas, os médicos deduziram a hipótese dos músculos estalantes com base no aparente cansaço da irmã mais nova, Kate Fox, após a sessão. Eles consideraram que o cansaço seria decorrente do grande esforço físico realizado para produzir os ruídos. De acordo com esses médicos, a confirmação da hipótese se apoiou em uma mulher capaz de fazer sons

[18] Médico e inventor de aparatos para experiências com eletricidade e magnetismo (POST, 1976).

semelhantes com movimentos de rotação da tíbia e do fêmur, geradores de estalos (FLINT, LEE, COVENTRY, 1851, p. 633).

A explicação teve por consequência o convite das irmãs Fox para testarem sua hipótese em uma de suas sessões. Após sucessivas experiências, que consistiam na imobilização das pernas de Maggie e no apoio das mãos dos médicos para sentir o fêmur e a tíbia da médium, não conseguiram demonstrar sua hipótese; contudo, os autores se valeram de outros depoimentos para afirmar que os estalos poderiam ser realizados em outras partes do corpo (FLINT, LEE, COVENTRY, 1851, pp. 635-6). Explicação semelhante foi dada na Europa e publicada nos anais da Academia de Ciências da França.

Em 1859, o médico cirurgião Alfred Velpeau publicou uma nota sobre a descoberta do médico alemão Moritz Schiff, professor de anatomia comparada em Berna, expondo que os ossos humanos poderiam produzir grandes barulhos, como estalos, a partir do movimento de rotação da coxa, imitando as batidas dos supostos espíritos (SCHIFF, 1859, p. 760).

Observando casos semelhantes, o médico cirurgião francês Armand Jobert Lamballe afirmou que regiões do corpo como o quadril, o ombro e a parte interna do pé também poderiam produzir barulhos perceptíveis até mesmo em outra sala. Membro da Academia de Ciências francesa, ele afirmou que esse movimento poderia ser realizado inconscientemente, através do natural relaxamento das fibras musculares (SCHIFF, 1859, p. 763).

Alguns historiadores consideram que a exposição das fraudes de médiuns mercenários foi a maior causa para o declínio do espiritualismo (LAMONT, 2004).

1.4.2 Causas físicas

Em maio de 1853, nos primeiros meses em que as mesas girantes ocuparam os noticiários europeus, a Academia de Ciências da França organizou uma comissão investigativa destinada a examinar a natureza dos fenômenos. Ela era composta pelo químico Michel Chevreul e pelos físicos Jacques Babinet e François Arago.

Para os membros da comissão, a rotação das mesas seria resultado da ação inconsciente das pessoas postas ao redor delas (ARAGO, 1854, pp. 457-9). As mãos posicionadas sobre a mesa estariam sujeitas a acumulação e dispersão de pequenos impulsos musculares, pouco perceptíveis para o sentido humano, mas rápidos e fortes o

suficiente para provocar o deslocamento de grandes massas (CHEVREUL, 1854, 170-171; BABINET, 1856, pp. 241-2).

No mesmo ano, Michael Faraday publicou uma explicação semelhante. O físico inglês investigou médiuns em quem confiava, realizando uma experiência cujo objetivo era verificar a possibilidade de os participantes da sessão pressionarem a mesa sem perceber. Para isso, prendeu pastilhas de cera e terebintina sobre um cartão fixado na borda da mesa. Após a sessão, Faraday observou que os cartões estavam marcados com os dedos dos participantes, simulando movimento na mesma direção da rotação da mesa. Ele concluiu que a expectativa dos médiuns em produzir o fenômeno psíquico fazia com que eles aplicassem, inconscientemente, uma força na ponta dos dedos em favor do lugar para onde a mesa girava (FARADAY, 1853, p. 190).

Alguns pesquisadores reconheciam que seus estudos apenas apontavam um caminho de investigação para a explicação dos fenômenos a partir da fisiologia humana, sendo necessários mais estudos sobre essas complexas manifestações (FARADAY, 1853; CHEVREUL, 1854). Embora considerassem suficientes suas explicações para explicar as mesas girantes, elas contemplavam somente uma pequena parte do conjunto de fenômenos relatados, excluindo de seu campo aqueles considerados inteligentes, como a resposta a perguntas através de batidas e a escrita sobre uma cesta. Babinet limitou-se a afirmar a impossibilidade desse tipo de manifestação inteligente pelas leis físicas conhecidas (BABINET, 1856, pp. 39-41). Por sua vez, Faraday reconhecia que sua explicação era insuficiente para dar conta de todas as formas de manifestações mediúnicas existentes. Confiante na explicação física, ele sugeriu que mais investigações fossem realizadas por outros pesquisadores (FARADAY, 1853, p. 190).

Ao considerar as mesas girantes consequência da pressão involuntária das mãos dos médiuns, os pesquisadores abriram campo para a investigação das causas psicológicas dos atos inconscientes. A ilusão se tornou uma das principais explicações para as manifestações.

1.4.3 Ilusão e alucinação

Os pesquisadores dessa hipótese concordavam com a ideia que a imaginação gerada pelo desejo dos participantes de que o fenômeno fosse real seria a causa da ilusão em espíritos. Eles estudaram os fatores psicológicos que poderiam levar à ilusão ou alucinação dos participantes das sessões.

O médico escocês James Braid criou uma das primeiras formulações do conceito psicológico de ideia fixa para explicar o fenômeno das mesas girantes. Braid explicou que a rotação das mesas seria o resultado da ação muscular sem esforço consciente produzida por uma ideia dominante (BRAID, 1853, pp. 3-4).

William Benjamin Carpenter, médico britânico, chamou a crença nas mesas girantes de uma epidemia de delírio que poderia ser atribuída "ao desejo emocional de algum tipo de certeza da continuidade da existência dos amigos falecidos e, portanto, da nossa própria existência futura" (1853, p. 5). Para ele, a mente dos médiuns estaria subjugada a uma ideia dominante através da sugestão (1853, p. 509). Desse modo, o médium não teria a habilidade de duvidar de uma ideia, agindo como autômato (1853, p. 547). Adepto das explicações de Faraday, o autor interpretou o fenômeno das mesas girantes da seguinte forma:

> Um número de indivíduos sentam-se em volta de uma mesa, em que o movimento, quer para a direita ou para a esquerda, é geralmente combinado no início da experiência. [...] Como em tantos outros casos, a contínua concentração da atenção sobre uma certa ideia lhe dá um poder dominante, não só sobre a mente, mas ao longo do corpo, e os músculos tornam-se os instrumentos involuntários pelos quais são levados à operação[19] (CARPENTER, 1853, pp. 547-9).

Nos anos seguintes, Carpenter elaborou o conceito de ação involuntária produzida por uma ideia dominante, com a noção de "cerebração inconsciente", que se tornou uma das principais explicações para as ações produzidas por um ser não-desperto. Ele também foi o criador do nome "efeito ideomotor", hoje utilizado pela psicologia para designar movimentos musculares inconscientes (CRABTREE, 1993, p. 256).

Uma publicação anônima de 1855, chamada *Seconde lettre à son éveque au sujet des tables parlantes*, expôs uma teoria complementar à ilusão e alucinação do médium. De acordo com o documento, manifestações psíquicas, como a escrita mediúnica, poderiam ser explicadas através de uma predisposição do médium ao "desdobramento de personalidade". Nessa condição,

> mesmo na mais enérgica concentração, nós não constituímos nossos pensamentos, nós não fazemos mais do que criar e acelerar a aparição deles. Eles nascem nas profundezas misteriosas de nossas mentes, e é só quando eles ganham vida que eles se mostram a nós no teatro da

[19] "A number of individuals seat themselves round a table, on which they of the movement, whether to the right or to the left, being generally arranged at the commencement of the experiment.[…] As in so many other cases, the continued concentration of the attention upon a certain idea gives it a dominant power, not only over the mind, but over the body; and the muscles become the involuntary instruments whereby it is carried into operation."

> consciência. E tem mais: as ideias que se apresentam assim presumem uma série de outras que nunca se deixam ver, como em um espetáculo [...] nós não temos diante de nós mais do que os atores, e não notamos jamais autores ou qualquer um dos muitos agentes cujo envolvimento é essencial para o desempenho da peça[20] (1855, p. 10; CUCHET, 2012, pp. 85-6).

A teoria da segunda personalidade não teve grande repercussão na época. Quase 30 anos mais tarde, o psiquiatra Pierre Janet retomou essa teoria e a considerou uma das primeiras especulações da sua tese sobre a desagregação de personalidade (JANET, 1903, pp. 377–401).

Essas explicações satisfizeram alguns investigadores, enquanto outros perceberam que o fenômeno ainda continuava inexplicado. Para o conde protestante e deputado francês Agénor de Gasparin, as mesas girantes eram cercadas de explicações realizadas a partir de testemunhos e observações insuficientes do fenômeno. Em crítica à hipótese dos movimentos musculares inconscientes para explicar as mesas girantes, Gasparin afirmou que

> a mesa não se limita a girar. Ela levanta seus pés, atinge números indicados pelo nosso pensamento, em uma palavra, ela obedece à vontade, e obedece tão bem que a supressão do contato não suprime a sua obediência. Impulsão lateral ou atração, que representam as rotações, não podem explicar as elevações![21] (GASPARIN, 1857, p. 93).

Gasparin e outros pesquisadores cogitavam a existência de uma força imponderável que seria o agente responsável pelo movimento dos objetos. Essa força estaria presente na natureza e seria pouco conhecida pela ciência até então (CRABTREE, 1993, p. 245).

1.4.4 Forças fluídicas

[20] "Par la concentration même la plus énergique, nous ne formons pas nos pensées, nous ne faisons que les susciter et accélérer leur apparition. Elles naissent dans les mystérieuses profondeurs de nos intelligences, et c'est seulement lorsqu'elles y ont reçu la vie qu'elles se montrent à nous sur le théâtre de la conscience. Il y a plus: les idées qui se présentent ainsi en supposent une foule d'autres qui ne se laissent jamais voir, comme au spetacle [...] nous ne avons sous les yeux que les acteurs, et n'apercevons jamais ni les auteurs ni aucun des nombreux agents dont l'intervention est indispensable à la représentation de la pièce."

[21] "The hypothesis of the fluid (a pure hypothesis, do not forget) has yet to prove that it is reconcilable with the various circumstances of the phenomenon. The table does not merely turn, it raises its feet, it strikes numbers indicated by our thought, in one word, it obeys the will, and obeys so well, that the suppression of contact does not suppress its obedience. Lateral impulsion or attraction, which accounts for the rotations, cannot account for the elevations!"

A ação de forças físicas imponderáveis foi uma das teorias mais exploradas para a explicação das mesas girantes. A voga do magnetismo animal e os estudos científicos da eletricidade tornavam provável a tese da atuação das forças invisíveis sobre a matéria. Acreditava-se que forças poderiam ser retidas e emanadas pelo corpo humano, atuando sob a forma de fluido, definido na época como: "substâncias hipotéticas criadas pelos físicos para compreender os fenômenos naturais que eles não podem relacionar com outras substâncias conhecidas"[22] (LACHATRE, 1869, p. 199).

Na mesma época em que as teses do magnetismo animal começaram a repercutir na sociedade francesa, o médico Luigi Galvani publicou seus primeiros resultados sobre a relação entre o fluido elétrico e o corpo dos animais entre 1782 e 1787, o que chamou de *eletricidade animal* (BRESADOLA, 1998).

Em 1846, a teoria de Galvani foi analisada pela comissão da Academia de Ciências da França na investigação dos movimentos de atração e repulsão de objetos de uma mesa sem o uso de força aparente atribuídos a Angélique Cottin, apelidada "garota elétrica" (ARAGO, 1854, pp. 453-6). Na Inglaterra, o Dr. John Prichard, membro da Royal College of Surgeons, acreditava que as mesas giravam pela ação de um agente elétrico que permeava os espaços da matéria. Os dedos dos médiuns seriam terminais elétricos capazes de preencher tais espaços, causando o movimento contrário à gravidade (PRICHARD, 1853, pp. 15-6).

No entanto, parte dos adeptos dessa teoria considerava que as propriedades já bem conhecidas da eletricidade e do magnetismo terrestre não seriam adequadas à análise do fenômeno (SAMSON, 1852; GENTIL, 1853). Eles defendiam a existência de um fluido presente na natureza e ainda não identificado pela ciência. O "novo fluido", também chamado de fluido odílico (REICHENBACH, 1850; ROGERS, 1853) e de princípio nervoso (SAMSON, 1852), serviria de intermediário entre a alma e a matéria, sendo o elemento responsável pelas manifestações psíquicas (SAMSON, 1852, pp. 13-7; ROUBAUD, 1853, p. 30).

As mesas girantes e as comunicações mediúnicas deram novo ânimo às teorias fluidistas do magnetismo animal, o qual se encontrava em declínio (MONROE, 2008, pp. 64-94; CUCHET, 2012, pp. 82-92). Particularmente, as teses de Puységur sobre a interação entre fluido e mente despertaram maior atenção.

[22] "des substances hypothétiques crées par les physiciens pour se rendre compte des phénomènes naturels qu'ils ne peuvent rattacher aux autres substances connues."

Os adeptos desta hipótese defendiam que essa substância seria a responsável por provocar barulhos e mover objetos à distância (ROGERS, 1852; TOWNSHEND, 1854). O fluido ainda poderia ocasionar a superexcitação do cérebro do médium, que em alguns casos demonstravam maior percepção mental, permitindo o conhecimento de eventos distantes e de pensamentos de seus assistentes (SAMSON, 1852, p. 25; TOWNSHEND, 1854).

Os fluidistas rejeitavam a hipótese da manifestação de espíritos desencarnados levantada pelos espiritualistas. Em sua teoria, alegavam que as comunicações mediúnicas decorriam do organismo humano, e o médium transmitia ecos do pensamento (GENTIL, 1853, pp. 284-6). O processo era executado de forma inconsciente, tanto do médium quanto dos participantes (ROGERS, 1852, p. 135).

Diversas especulações sobre a possibilidade de o pensamento consciente atuar em paralelo com a atividade mental inconsciente foram feitas pelos fluidistas. Eles sustentavam que o cérebro humano possuiria centros autônomos responsáveis pelas atividades conscientes e inconscientes que poderiam atuar ao mesmo tempo (ROGERS, 1852, p. 167; DODS, 1854, pp. 74-5). Durante a sessão, os centros de consciência desperta ficariam dormentes, anulando a vontade e a razão, enquanto os centros inconscientes, por meio da ação do fluido, dariam expressão às ideias do próprio médium ou de seus assistentes, através da escrita e das falas mediúnicas ou por ação do fluido em movimentos de objetos e batidas (ROGERS, 1852, p. 125; DODS, 1854).

O indivíduo também ficaria sujeito à suspensão de sua personalidade no estado de transe, podendo então assumir outras identidades, inclusive a de um suposto espírito desencarnado (ROGERS, 1852, p. 182).

Partidário dessa hipótese, o filósofo norte-americano George Samson, presidente do Columbian College, hoje George Washington University, afirmava que as informações transmitidas em uma comunicação atribuída aos espíritos eram de conhecimento de algum dos presentes, ainda que inconscientemente (1852, pp. 41-2). Samson ilustrou sua teoria com o caso de uma servente inglesa que, após uma doença que teria afetado seu cérebro, passou a ler a bíblia em hebraico. Descobriu-se que, em sua infância, ela fora criada por uma família judia a qual costumava ouvir a leitura da bíblia em hebraico e também repetir as palavras. De acordo com Samson, esse caso se adequaria à comunicação mediúnica. No momento de superexcitação cerebral, as palavras ouvidas e repetidas em sua infância teriam emergido inconscientemente, sendo falsamente atribuídas a espíritos (SAMSON, 1852, pp. 43-4). Em 1900, a teoria de

Samson foi chamada de criptomnésia pelo psiquiatra e pesquisador psíquico Theodore Flournoy. Hoje é considerada um transtorno mental de alteração de memória (DALGALARRONDO, 2000).

Assim, o movimento inteligente da mesa seria resultante da ação do fluido ou força emanada do sistema nervoso do médium. Ela seria dirigida pela atividade mental concorrente desconhecida do pensamento consciente; trata-se de uma das primeiras especulações sobre a possibilidade de uma atividade mental inconsciente (CRABTREE, 1993, p. 253).

1.4.5 Ação espiritual

Esse grupo atribui o movimento das mesas e as mensagens mediúnicas à ação de personalidades inteligentes invisíveis. Seus adeptos partiam do princípio de que o grande número de mensagens supostamente escritas por personalidades incorpóreas tenderia a justificar a hipótese da intervenção dos espíritos (MATHIEU, 1854). O advogado e jornalista norte-americano Herman Snow escreveu que tais fenômenos

> talvez pudessem ser atribuídos à eletricidade, ao magnetismo, ao mesmerismo, ou a algum outro poder, não igualmente misterioso em relação à afirmação da ação de espíritos invisíveis, – se não fosse uma dificuldade intransponível. Faço alusão ao fato inquestionável que os fenômenos singulares em questão não são impulsivos e cegos em sua ação: pelo contrário, eles transmitem, da forma mais clara e decisiva, as manifestações da mente. O telégrafo elétrico, com todo o seu poder maravilhoso, não pode transmitir uma linha sequer de pensamento conectado sem uma mente inteligente para guiá-lo. Agora, de onde vêm essas mensagens? Esta é outra e decisiva questão. Se for satisfatoriamente provado que elas não vêm das mentes daqueles que estão visivelmente presentes, então elas devem provir de mentes em uma forma invisível[23] (SNOW, 1853, pp. 46-7).

Os espiritualistas concordavam que a causa dos fenômenos eram os espíritos, no entanto possuíam diferentes opiniões sobre a natureza deles. Espiritualistas como o reverendo norte-americano C. H. Harvey afirmavam que as comunicações obtidas através das mesas e outros meios eram de "espíritos glorificados" que possuíam grande ciência e sabedoria. Alegavam que esses fenômenos poderiam ser comparados com igual validade aos relatos sobrenaturais presentes na Bíblia (HARVEY, 1853, p. 107).

[23] "perhaps it might do to assign the whole matter over to electricity, magnetism, mesmerism, or to some other power, almost, if not equally mysterious with the asserted agency of invisible spirits, — were it not for one insurmountable difficulty. I allude to the unquestionable fact, that the singular phenomena in question are not impulsive and blind in their action: on the contrary, they convey, in the most clear and decisive manner, the manifestations of mind. The electric telegraph, with all its wondrous power, cannot convey one line even of connected thought without an intelligent mind to guide it. […], whence come these messages ? This is the other and the decisive question. For if it be satisfactorily proved, that they do not come from the minds of those visibly present, then they must come from minds in an invisible form."

Outra hipótese era de que as comunicações eram realizadas por espíritos demoníacos. Jules Eudes, o marquês de Mirville, foi um dos mais populares escritores entre os leitores franceses a expor o ponto de vista católico acerca das mesas girantes. Ele acreditava que a manifestação da mesa era genuína e que só poderia ser explicada pela atuação de agentes inteligentes invisíveis. Mirville insistia, todavia, que os agentes que moviam as mesas e se comunicavam eram espíritos malignos que também estavam associados à clarividência e à leitura da mente (MIRVILLE, 1853).

Contudo, nem todos os representantes da igreja católica consideravam os fenômenos mediúnicos perigosos. O abade Almignana, que chegou a considerar a possibilidade de o demônio estar atuando sobre as mesas girantes, rejeitou esta hipótese quando ele não identificou sinais de possessão entre os participantes. Ao questionar os médiuns durante as sessões sobre variados temas, Almignana observou que o conhecimento que eles possuíam não poderia advir deles próprios nem de seus assistentes. Concluiu que as comunicações eram dadas pelos mortos (ALMIGNANA, 1854).

A hipótese poliespírita considerava a possibilidade de os fenômenos serem produzidos por inteligências extra-corpóreas (espíritos) que viveram na terra, possuindo diferentes graus de bondade, de malícia, de saber e de ignorância (PEZZANI, 1860). O farmacêutico Paul François Mathieu afirmava que os espíritos poderiam ser fonte de conhecimento, mas as sessões deveriam ser conduzidas com extrema seriedade e cautela para evitar os perigos espirituais trazidos por espíritos maliciosos (MATHIEU, 1854).

Neste capítulo, objetivou-se apresentar uma breve revisão de alguns dos mais importantes pesquisadores dos fenômenos psíquicos na primeira metade do século XIX, com a menção das principais hipóteses para essas manifestações. As explicações desses fenômenos foram bastante discutidas e geraram diversas teorias, sem que se chegasse a um consenso. Contudo, como apresentado no texto, ainda que essa tradição seja pouco conhecida nas ciências da mente, ela fez parte da história da psicologia e da psiquiatria.

Reconhece-se que esse panorama representa um recorte temporal limitado do debate ocorrido na época, no entanto este recorte oferece ao leitor um significativo contexto histórico do período.

Foi nesse período que Allan Kardec iniciou suas investigações acerca dos fenômenos psíquicos, conforme veremos no próximo capítulo.

Capítulo 2
DE RIVAIL A KARDEC: O INÍCIO DA INVESTIGAÇÃO DOS FENÔMENOS MEDIÚNICOS

Como vimos no capítulo anterior, na primeira metade do século XIX diversos pesquisadores, alguns de destaque, apresentaram hipóteses para explicar as manifestações mediúnicas decorrentes do magnetismo animal e, principalmente, do fenômeno das mesas girantes e falantes importado dos Estados Unidos à Europa em 1853. Nesse contexto histórico encontrava-se Hyppolite Léon Denizard Rivail, mais conhecido pelo pseudônimo Allan Kardec.

Neste capítulo, pretende-se apresentar uma breve biografia de Allan Kardec, ressaltando a sua formação intelectual até a elaboração da hipótese espírita para a explicação dos fenômenos mediúnicos. A abordagem será realizada com base em fontes primárias do próprio Kardec, complementadas com informações fornecidas por biógrafos e pesquisas recentes.

2.1 INTERPRETAÇÕES RECORRENTES DA VIDA E OBRA DE KARDEC

Existem várias biografias de Allan Kardec. A primeira foi lançada logo após a sua morte, em artigo da *Revista Espírita* de maio de 1869, e reeditada em 1890 no livro *Obras Póstumas*. Ela deixou de ser sua principal referência biográfica em 1896, ano em que Henri Sausse, em razão do 27º aniversário da morte de Kardec, pronunciou conferência sobre ele, a qual apresentava um levantamento biográfico mais abrangente. Claude Varèze (1948), André Moreil (1961) e Jean Vartier (1971) foram outros biógrafos que ofereceram informações sobre Kardec.

No Brasil, Francisco Thiesen e Zêus Wantuil, em 1979, realizaram a pesquisa mais completa disponível sobre o fundador do espiritismo, repleta de fontes primárias que contribuíram para desfazer uma série de equívocos em sua biografia. Contudo, essas obras tiveram pouco alcance na literatura de língua inglesa, na qual foi consolidada uma imagem diferente, com muitos mal-entendidos e imprecisões factuais.

Uma das principais fontes dos equívocos foi o artigo do pesquisador espiritualista russo Alexander Aksakof, que em 1875, na ocasião do lançamento da

tradução inglesa de *O Livro dos Espíritos*, publicou artigo na revista *The Spiritualist* baseado em uma entrevista com a médium francesa Celine Japhet em 1873.

Uma das principais médiuns de Allan Kardec, Japhet forneceu importantes informações ao seu trabalho, mas depois entrou em sério conflito com ele (AKSAKOF, 1875). O artigo objetivava criticar a visão reencarnacionista do espiritismo, tido como enigma pelos espiritualistas ingleses: "como o Espiritismo nasceu em 1856[24] com a publicação do 'Livro dos Espíritos', é claro que para resolver este enigma foi necessário começar com a origem histórica deste livro[25]" (AKSAKOF, 1875, p. 74).

Aksakof sustentava que os médiuns eram sensíveis à influência psicológica de opiniões preconcebidas, como a crença na reencarnação, que Kardec e outros magnetizadores conceberiam de forma intencional ou involuntária (AKSAKOF, 1875, p. 75). Ele utilizou a relação de Kardec com os médiuns como argumentos para sua hipótese.

Celine Japhet teria dito que ela foi responsável por três quartos do conteúdo de *O Livro dos Espíritos*, e mesmo assim ela não foi citada na obra. Segundo Aksakof, apenas após receber censuras de seus correspondentes, Kardec reconheceu a importância de Japhet e de outros médiuns, através de artigo na primeira edição da *Revista Espírita*, em janeiro de 1858 (AKSAKOF, 1875, p. 75).

De acordo com o pesquisador russo, médiuns com opiniões contrárias ao espiritismo teriam sido desconsiderados por Kardec. O famoso médium escocês Daniel Dunglas Home teria sido omitido das obras espíritas por ter se manifestado descrente da hipótese de reencarnação (AKSAKOF, 1875, p. 75).

O artigo recebeu respostas no mesmo periódico nos números seguintes, por intermédio de Anna Blackwell, responsável pela tradução da obra para o inglês, e de Pierre Gaëtan Leymarie, editor da *Revista Espírita* após a morte de Kardec. Com base em trechos da introdução de *O Livro dos Espíritos*, Blackwell afirmou que os livros de Kardec eram resultado da reunião de inúmeras mensagens convergentes, que não foram obtidas por um único médium. As ideias expostas na obra não continham uma opinião pessoal, mas sim a compilação de pensamentos de inúmeras pessoas ilustres emitidos em diferentes períodos históricos apresentadas de forma mais clara, detalhada e consistente através do auxílio dos médiuns modernos (BLACKWELL, 1875). Leymarie

[24] A data correta é 1857.
[25] "As Spiritualism was born in 1856 with the publication of the "Book of Spirits", it is clear that to solve this enigma it was necessary to begin with the historical origin of this book."

acrescentou que seria absurda a ideia nomear dúzias de médiuns responsáveis por uma mensagem acima de cada parágrafo (LEYMARIE, 1875, p. 176).

Embora Kardec, em seus livros, identificasse apenas os espíritos autores da mensagem, na *Revista Espírita* as comunicações mediúnicas e outros escritos publicados nomeavam também os médiuns. Uma busca textual que realizamos com o nome Home, na *Revista Espírita* entre 1858 e 1869, demonstra que há 142 citações diretas ao médium escocês.

Verifica-se que o influente artigo de Aksakof não se baseou em um estudo histórico adequado, nem em uma leitura atenta das obras de Kardec.Teria se baseado em apenas um entrevista com uma médium que teve conflitos com Kardec. Em vista disso, apresenta uma série de imprecisões.

Mesmo assim o texto do pesquisador russso tornou-se base para importantes publicações da época. Emma Hardinge Britten (1883, pp. 46-8) reproduziu, na íntegra, o texto de Aksakof em seu livro *Miracles in Nineteeth Century* (Milagres no Século XIX) para descrever o pensamento de Kardec. A opinião de Aksakof também foi utilizada por Nandor Fodor (1932, pp. 406-7) no verbete sobre Allan Kardec em sua *Encyclopaedia of Psychic Science* (Enciclopédia da Ciência Psíquica) e também influenciou na visão de Arthur Conan Doyle sobre Kardec e o espiritismo francês em seu livro *The History of Spiritualism* de 1926.

Esses elementos demonstram a existência de uma lacuna na história desse pesquisador. Com o intuito de preenchê-la, foram selecionados aspectos relevantes de sua formação intelectual que o conduziram para a investigação dos fenômenos mediúnicos.

2.2 O EDUCADOR HIPPOLYTE LÉON DENIZARD RIVAIL

Hippolyte León Denizard Rivail[26] nasceu na cidade de Lyon em três de outubro de 1804, em um estabelecimento de águas termais[27] (ANEXO I). Biógrafos e

[26] Existem divergências a respeito do nome civil de Allan Kardec. Seu ato de nascimento indica Denisard-Hypolite Rivail, mas no seu ato de casamento consta Hyppolite-Léon-Denizard Rivail. Os seus manuais escolares e os diplomas das sociedades de que fazia parte eram assinados H.-L.-D. Rivail. Nesses diplomas há divergências na grafia do nome Hippolyte (ANEXO IX), que também foi escrito Hyppolite (ANEXO V) e Hypolite (ANEXO II). Segundo a pesquisa de Jorge Damas e Stênio de Barros, o nome Hippolyte (com *pp* e *y* após o *l*) era mais comum, por isso, foi assim escrito por Henri Sausse em seu discurso sobre Allan Kardec (DAMAS, BARROS, 1999, p. 31). Admitindo a diversidade de formas de escrita, o presente capítulo adotará a grafia "Hippolyte", a mesma utilizada pela maior parte de seus biógrafos e pesquisadores do espiritismo (SAUSSE, 1896/1927; WANTUIL, THIESEN, 2004; PRIEUR,

pesquisadores afirmam que ele teria vivido sua infância nessa cidade, conhecida pelo livre-pensamento e pelo ocultismo (SAUSSE, 1896/1927; WANTUIL, THIESEN, 2004; PRIEUR, 2004; SHARP, 2008). No entanto, a informação diverge do próprio Kardec, que afirmou, em artigo da *Revista Espírita* de julho de 1862: "Jamais morei em Lyon"[28] (p. 180). Em seu registro de nascimento consta que os seus pais estavam temporariamente em Lyon (ANEXO I), mas residiam em Bourg de l'Ain, cerca de 60 quilômetros de Lyon. Sua família era ligada à magistratura e marcada pela Revolução Francesa.

Segundo informações do diretor dos *Archives Départamentales* do *Conseil Général de L'Ain* (Arquivos Departamentais do Conselho Geral de l'Ain), o avô materno de Rivail, Benoît Marie Duhamel, exercia o cargo de *procureur general syndic*[29] do departamento de l'Ain. Com a Revolução Francesa (1789-1799), ele rejeitou a monarquia em 1791, tornando-se republicano em 1792 e federalista no ano seguinte (DUPASQUIER apud WANTUIL, THIESEN, 2004, p. 413). No mesmo período, ele foi eleito presidente da Sociedade Popular de Bourg, também chamada de Sociedade Revolucionária *Sans-Culottes* de Bourg (CROYET, 2004).

Em 1793, durante o Regime do Terror (1793-1794), os federalistas iniciaram uma insurreição nas províncias francesas contra a exclusão de seus representantes da Convenção Nacional, órgão que governava a França (DUPUY, 2005, pp. 117-24). Em contrapartida, o governo perseguiu os partidários do federalismo em todas as províncias. Duhamel foi preso sob a acusação de ser inimigo da Revolução, sendo guilhotinado em abril de 1794 (CROYET, 2004).

O pai de Rivail, Jean-Baptiste Antoine Rivail, era advogado e oficial da Guarda Nacional francesa, chegando a ser nomeado juiz militar. Ele também exerceu o cargo público de procurador dos aristocratas emigrados, com a função de representá-los e defendê-los, juntamente com o seu sogro (LE DUC, 1884, p. 46). Em 1793, ano em que Jean-Baptiste Rivail se casou com Jeanne-Louise Duhamel, ele foi preso por ordem do

---

2004; MONROE, 2006; SHARP, 2008; CUCHET, 2012).

[27] De acordo com Damas e Barros (1999, pp. 34-41), o estabelecimento era um local de assistência médica, onde havia quartos para os pacientes se hospedarem e realizarem terapias constituídas de banhos, duchas e vapor.

[28] "je n'ai jamais habité Lyon."

[29] Cargo público de magistratura criado e extinto na Revolução Francesa. Ele personificava o executivo de um departamento ou distrito, junto a um conselho departamental, também chamado de diretório. Os ocupantes da função eram eleitos e deveriam exercê-la por quatro anos (TULARD; FAYARD; FIERRO, 1987).

representante do povo Albitte[30], por suspeita de ser um contrarrevolucionário, sendo solto alguns meses depois (LE DUC, 1884, p. 46).

Jean-Baptiste desapareceu na Espanha por volta de 1807, no período em que as tropas napoleônicas invadiram a Península Ibérica. Foi considerado falecido desde então, conforme relatado no contrato de casamento de Hyppolite Rivail com Amélie-Gabrielle Boudet em 1832 (ANEXO II).

Em 1815, Hyppolite foi enviado à Suíça para ingressar na Escola de Yverdon, renomada instituição localizada no lado sudoeste do lago de Neuchâtel, a cerca de 50 quilômetros de Bourg de l'Ain.

A escola de Yverdon foi fundada e dirigida pelo suíço Johann Heinrich Pestalozzi, pedagogo reconhecido por suas ideias progressivas e liberais concernentes à educação, que influenciaram as reformas educacionais na França e em diversas regiões alemãs no século XIX[31] (LADOUS, 1989, pp. 36-8).

A fama de Pestalozzi elevou Yverdon a um dos principais educandários europeus, sendo visitado por diversas personalidades do período, como: os naturalistas Alexander von Humboldt (1769-1859), Geofroy Saint-Hilaire (1772-1844) e Georges Cuvier (1779-1832); o físico Jean-Baptiste Biot (1774-1862); e os filósofos Maine de Biran (1766-1824), Madame de Staël (1766-1827) e Johann Gottlieb Fichte (1762-1814) (INCONTRI, 2006).

Sua pedagogia foi inspirada no livro *Emílio*, de Jean Jacques Rousseau, e adotava princípios da fraternidade humana e de tolerância religiosa, por meio de uma educação religiosa íntima, não-confessional (MARTINS, 2006, p. 95). Em Yverdon, os alunos mais graduados se tornavam monitores dos iniciantes, que compartilhavam o conhecimento. Essa era uma das práticas de Pestalozzi, norteada por princípios filosóficos e educacionais que buscavam despertar a criança para agir com autonomia,

[30] Antoine Louis Albitte (1761-1812) foi um deputado revolucionário radical, partidário dos montanheses ou jacobinos (BRUNEL, 2005. pp. 13-4). Durante o Período do Terror ficou conhecido pelo seu fanatismo, exigindo a pena de morte àqueles que considerava inimigos da revolução: aristocratas, republicanos e girondinos (CROYET, 2010; BRUNEL, 2005, pp. 13-4). Em 1793, Albitte substituiu o também revolucionário Benoît-Louis Gouly na administração dos departamentos de l'Ain e de Mont Blanc com o objetivo de implantar o Comitê de Salvação Pública na região. Este órgão foi criado, entre outros objetivos, com a tarefa de eliminar os adversários do regime jacobino. Suas medidas repressivas nos departamentos lhe renderam os apelidos de "Tigre de l'Ain" e de "Robespierre Savoiano" (BRUNEL, 2005, pp. 13-4). Curiosamente, Jean-Baptiste Antoine Rivail e outros 13 acusados de serem contrarrevolucionários receberam a pena de morte, contudo, no caminho do cadafalso, foram direcionados para a prisão, onde ficaram até a deposição de Albitte, quando foram libertos (LE DUC, 1884, p. 49).

[31] A educadora Dora Incontri afirma que o trabalho pioneiro de Pestalozzi inspirou outros pensadores do campo educacional, como Célestin Freinet, Jean Piaget e Maria Montessori, cujas teorias e práticas pedagógicas são adotadas por milhares de escolas francesas e também brasileiras (INCONTRI, 1997).

estimulando o processo de autoeducação (INCONTRI, 1996). Pestalozzi ainda estabeleceu em sua pedagogia um conceito de religião moral de influência pietista, fundada em fé simples e na prática da moral cristã, que poderia ser enquadrada em qualquer uma das religiões do cristianismo (MARTINS, 2006, p. 95).

O pensamento iluminista que serviu de inspiração à pedagogia de Pestalozzi também contribuiu para sua visão racional e científica da educação. Segundo Dora Incontri:

> Pestalozzi foi um dos pioneiros a proclamar a necessidade de uma ciência pedagógica, tendo procurado durante toda a sua carreira incorporar a observação empírica à teoria. Sem cair no extremo dos idealistas, seus contemporâneos (alguns, a exemplo de Fichte, se inspiraram nele), Pestalozzi não embasou a pedagogia em especulações filosóficas altamente elaboradas, ao invés fincou sempre o pé na realidade. Mas também não alijou sua proposta das reflexões e até das intuições necessárias, como fizeram vários de seus sucessores, que adotaram o positivismo científico (2006, p. 149).

Em concordância com os pressupostos pedagógicos de Pestalozzi, Rivail entendia a educação como "uma ciência particular, que precisava ser estudada" do mesmo modo que "se estuda medicina para ser médico" (1828, p. 1), e "aqueles que se destinam à advocacia não podem ser advogados sem terem estudado as leis" (1828, p. 35).

A partir de 1822, residindo em Paris, Rivail tornou-se *chef d'institution*[32] (Chefe de Instituição), profissão que acompanhou o seu nome na maior parte dos documentos que assinou antes de se tornar Allan Kardec (ver anexos). Fundou duas escolas, a *École de premier degré* (Escola de primeiro grau), em 1825, e a *Institution Rivail*, em 1826 e atuou como professor de diversas disciplinas, tais como matemática, gramática, astronomia, física, química e anatomia comparada (SAUSSE, 1896/1927). Tornou-se um profícuo escritor no campo educacional, publicando obras didáticas, traduções, propostas pedagógicas e projetos de aperfeiçoamento da educação pública. Já foram identificados mais de vinte textos publicados pelo educador, entre livros e opúsculos, durante os cerca de trinta anos de atuação na área educacional (WANTUIL, THIESEN, 2004, pp. 215-22).

Seus escritos ressaltavam a aplicação no sistema educacional dos princípios iluministas, como: liberdade de pensamento, tolerância religiosa, uso da razão e do conhecimento científico (RIVAIL, 1828).

[32] Cargo específico da França que concedia o direito de fundar e dirigir escolas e lecionar disciplinas de nível secundário (WANTUIL, THIESEN, 2004, p 126).

Rivail também era contrário aos castigos físicos nas escolas. Sintonizado com o pensamento iluminista, ele não acreditava na eficácia dos castigos físicos como instrumento pedagógico, os quais funcionariam na contramão de todos os objetivos educacionais, gerando sentimentos de revolta e de injustiça:

> Eu não direi que é um erro, mas o cúmulo do absurdo e da ignorância, porquanto vós, que desejais que o trabalho e a virtude sejam amados, os apresentais na ponta de uma vara! (...) E é assim que se quer inspirar as crianças a bondade e a doçura; é quando se dá a elas o próprio exemplo da paixão, da ira e da maldade, que se quer fazê-las amar o trabalho e a virtude![33] (RIVAIL, 1828, p. 7).

Os castigos físicos e a exclusão das meninas no ensino público francês eram, para ele, frutos da ignorância que não deveriam ser mantidos no novo modelo de ensino proposto (RIVAIL, 1828).

Partidário da tolerância religiosa, ele também idealizou um ensino desvinculado das instituições religiosas, mas que privilegiasse o cultivo da moral da criança, elemento necessário para que ela se tornasse uma boa cidadã (RIVAIL, 1828, pp. 11-20). Em suma, o plano de ensino de Rivail ia ao encontro das novas demandas sociais de uma época em que o pensamento liberal vigente era marcado pelo movimento anticlerical, mas nem sempre anticristão ou antirreligioso (RÉMOND, 1986, pp. 168-74).

Rivail entendia a educação como "uma ciência bem caracterizada"[34] (RIVAIL, 1828, p. 54) que consistiria no desenvolvimento simultâneo das faculdades morais, físicas e intelectuais do indivíduo (RIVAIL, 1828, pp. 15-7). Para alcançar esse objetivo, propôs a criação de escolas públicas de formação de professores, a fim de prepará-los a integrar instituições onde "tudo nelas deve ser combinado, calculado, de forma a corresponder ao objetivo a que se propõe"[35] (RIVAIL, 1828, p. 49).

Em 1831, recebeu prêmio de primeiro lugar do concurso da *Société Royale D'arras* (Sociedade Real de Arras), em reconhecimento de suas ideias pedagógicas. Rivail realizou uma análise do tema: "Quais são as modificações úteis e fáceis a serem

---

[33] "Je ne dirai pas que c'est une erreur, mais bien le comble de l'absurdité et de l'ignorance. Quoi! vous qui voulez faire aimer le travail et la vertu, c'est au bout d'une verge que vous les présentez! (...) Et c'est ainsi qu'on veut inspirer aux enfants de la bonté et de la douceur; c'est quand on leur donne soi-même l'exemple de la passion, de l'emportement et de la méchanceté, qu'on veut leur faire aimer le travail et la vertu!"

[34] "une science bien caractérisé."

[35] "Tout doit y être combiné, calculé, de manière à répondre à l'objet qu'on se propose."

introduzidas no ensino atual dos colégios para interá-lo com o estado atual da civilização e com as necessidades da época?[36]" (RIVAIL, 1831, p. 1).

Em seu modelo pedagógico, Rivail ressaltava a necessidade de desenvolver nas crianças o conhecimento científico. Para ele, o ensino das ciências desde os primeiros anos facilitaria o aprendizado nas etapas do processo educativo, afastando elementos supersticiosos (RIVAIL, 1834). Afirmava que, adquirindo o conhecimento científico, a criança "rirá da credulidade supersticiosa dos ignorantes... Não mais crerá em almas de outro mundo e em fantasmas. Não mais tomará fogos-fátuos por espíritos"[37] (RIVAIL, 1834, p. 5).

A confiança na observação empírica e no conhecimento científico foi marcante na trajetória intelectual de Rivail, em conformidade com o espírito da época. Em paralelo com a sua atividade no campo educacional, ele demonstrou grande interesse em aprofundar seus conhecimentos em variados temas, associando-se a diversas sociedades científicas.

2.3 RIVAIL E AS SOCIEDADES CIENTÍFICAS

As sociedades científicas, acadêmicas ou de emulação são associações de especialistas ou eruditos em um ramo de conhecimento ou das ciências em geral (DELICADO, 2011). Elas têm como objetivo avançar no conhecimento de sua respectiva área por meio da promoção de reuniões, da exposição dos resultados de pesquisas, confrontando com outros especialistas dos mesmos domínios do conhecimento, e da difusão do trabalho de seus membros através de uma publicação especializada (BURKE, 2011, pp. 208-14).

O surgimento das sociedades, no final do século XVIII, ocorria de forma amadora e voluntária; elas se destinavam a apoiar as artes e as ciências em geral (BURKE, 2011, pp. 208-14). Ao longo do século XIX, as sociedades se especializaram em ramos específicos do saber. Algumas delas se tornaram disciplinas científicas, dando lugar aos institutos universitários (BURKE, 2011, p. 208-214).

Rivail viveu um momento de transição em que a especialização e a profissionalização das sociedades conviviam com eruditos e intelectuais que escreviam

[36] "quelles sont les modifications utiles et faciles a introduire dans l'enseignement actuel des collèges pour le mettre plus en rapport avec l'ètat de la civilisation et les besoins de l'epoque?"
[37] "il rira de la crédule superstition des ignorants... il ne croira plus aux revenants ni aux fantômes; il ne prenda plus les feux follets pour des esprits."

sobre assuntos abrangentes, incluindo as artes e as ciências. Ele participou, pelo menos, das seguintes 13 sociedades:

I. Membro da *Société d'Encouragement pour l'Industrie Nationale* (Sociedade de Encorajamento para a Indústria Nacional), em 1825. Essa sociedade tinha por objetivo publicar boletins de novas invenções e descobertas, além de fomentar a inovação através de prêmios financeiros e fornecer informações sobre os progressos e as perspectivas da técnica (ANEXO III; COLIN, 2009).

II. Membro correspondente da *Société Royale d'Émulation et d'Agriculture du département de l'Ain* (Sociedade Real de Emulação e de Agricultura do Departamento de l'Ain), em 1828. Fundada no final do século XVIII, a Sociedade de l'Ain era dedicada aos estudos das ciências, humanidades e artes, mais particularmente preocupada com a agricultura, mas sem negligenciar as questões de interesse público (ANEXO IV; SOCIETE D'EMULATION DE L'AIN, 2014).

III. Membro fundador da *Société de Prévoyance des Chefs d'Institution et des Maîtres-de-Pension de Paris* (Sociedade de Previdência dos Chefes de Instituição e Mestres de Pensão em Paris), em 1828. Era voltada à defesa dos componentes dessa sociedade quando estivessem necessitados financeiramente, quer por velhice, quer por doença ou outra infelicidade momentânea (ANEXO V; WANTUIL, THIESEN, 2004, p. 204).

IV – Membro residente da *Société Grammaticale* (Sociedade Gramatical), 1829. Ela se ocupava da gramática geral e da gramática particular; visava a resolver as dificuldades da língua francesa (ANEXO VI). Rivail dedicava uma atenção particular a esse campo de conhecimento, no qual publicou três obras: *Grammaire Française Classique sur un Nouveau Plan* (Gramática Francesa Clássica sobre um novo plano), 1831; *Catéchisme Grammatical de la Langue Française* (Catecismo Gramatical da Língua Francesa), 1848; e *Grammaire Normale des Examens* (Gramática Normal dos Exames), 1849.

V – Membro titular da *Académie de l'Industrie Agricole, Manufacturière et Commerciale* (Academia da Indústria Agrícola, Manufatureira e Comercial). O seu objetivo era favorecer a agricultura, as manufaturas e o comércio, promovendo, acima de tudo, os interesses industriais do país (WANTUIL, THIESEN, 2004, p. 210).

VI – Membro da *Société d'Éducacion Nationale* (Sociedade de Educação Nacional), 1831. Constituída por diretores de instituições e pensões de toda a França e das colônias (ANEXO VII).

VII – Membro titular da *Société Française de Statistique Universelle* (Sociedade Francesa de Estatística Universal), 1831. Seu objetivo era contribuir para o progresso da estatística geral, que, em suas vastas aplicações, abarcava todos os conhecimentos humanos (ANEXO VIII; WANTUIL, THIESEN, 2004, p. 206-207). Rivail possuía também um especial interesse pela matemática. Além de trabalhar como contador de três casas comerciais (SAUSSE, 1896/1927), grande parte das obras escolares de Rivail era dedicada ao ensino de matemática. Ele publicou: *Cours Pratique et Théorique d'Arithmétique d'Après la Méthode Pestalozzi* (Curso Prático e Teórico de Aritmética de acordo com o Método de Pestalozzi), em 1824, relançado em 1845 e em 1847; *Cours Complète Théorique et Pratique d'Arithmétique* (Curso Completo Teórico e Prático de Aritmética); *Traité de Aritmétique* (Tratado de Aritmética); e *Cours da Calcul Mental* (Curso de Cálculo Mental), em 1848.

VIII – Membro da *Académie d'Arras: Société Royale des Sciences, Lettres et Arts* (Academia de Arras: Sociedade Real de Ciências, Letras e Artes), 1831. A sociedade pretendia fomentar o cultivo das ciências, letras e artes, incentivar a emulação, despertar a atenção para questões que interessavam mais particularmente à França (ACADÉMIE DES SCIENCES, LETTRES ET ARTS D'ARRAS, 2014).

IX – Membro titular do *Institut Historique* (Instituto Histórico), 1834. Buscava promover, orientar e difundir os estudos históricos na França e no estrangeiro, sob diferentes aspectos da ação do homem em sociedade que tinham conexões com a ciência histórica (INSTITUT HISTORIQUE, 1835). Rivail vinculou-se à área do Instituto voltada à História das Ciências Físicas e Matemáticas e à relação entre elas (ANEXO IX).

X – Membro da *Société des Sciences Naturelles de France* (Sociedade de Ciências Naturais da França), 1835. Tornou-se membro quando o presidente era o naturalista Geoffroy Saint-Hilaire (ANEXO X).

XI – Membro do *Institut des Langues* (Instituto de Línguas), 1838. O presidente do Instituto era o escritor romântico Charles Nodier (ANEXO XI). Segundo alguns de seus biógrafos, Rivail era conhecedor do inglês, holandês, italiano, espanhol e alemão (WANTUIL, THIESEN, 2004, pp. 183-5; SAUSSE, 1896/1927); traduziu do francês para o alemão trechos da obra *Telêmaco*, de Fénelon, em 1834 (WANTUIL, THIESEN, 2004, pp. 183-5).

XII – Membro titular da *Société Phrénologique de Paris* (Sociedade Frenológica de Paris), em 1843 (ANEXO XII). Fundada em 1831, a sociedade se dedicava ao estudo

da anatomia humana e comparada do sistema nervoso, principalmente do cérebro e dos sentidos, que relacionava as bossas cranianas com as faculdades intelectuais, afetivas e instintivas (MÈGE, 1835). Segundo a tradutora de *O Livro dos Espíritos* para a língua inglesa, Rivail teria sido, durante anos, secretário dessa sociedade (BLACKWELL, 1893, p. 11).

Em 1860 e 1862, a *Revista Espírita* abordou a teoria frenológica e a opinião dos frenologistas espiritualistas, os quais se opunham à frenologia de Gall, pois associavam a alma à morfologia cerebral, ou seja, os órgãos seriam os instrumentos da manifestação das faculdades da alma, e o pensamento seria um atributo da alma, não do cérebro (KARDEC, 1860a, pp. 198-204; 1862, pp. 97-106).

XIII – Membro da *Société pour l'Instruction Élémentaire* (Sociedade para a Instrução Elementar), 1847. A sociedade se propunha a fundar escolas, publicar obras didáticas, sendo favorável ao ensino primário obrigatório (ANEXO XIII).

De acordo com Anna Blackwell, Rivail também teria sido membro da *Société de Magnétisme de Paris* (Sociedade de Magnetismo de Paris), desenvolvendo estudos sobre o sonambulismo, a clarividência e outros fenômenos vinculados à ação mesmérica (BLACKWELL, 1893, pp. 11-2). Ainda que não haja fontes que confirmem a afirmação de Blackwell, é possível dizer que Rivail possuía uma estreita relação com o magnetismo.

Ele participou do "banquete magnético" de 1858, evento que era uma espécie de encontro anual dos magnetizadores destinado a comemorar o aniversário do criador do magnetismo animal, Franz Anton Mesmer (KARDEC, 1858, pp. 175-6). Neste texto de 1858, ele afirmou ser adepto da "ciência magnética" há 35 anos (KARDEC, 1858, p. 176). No começo de suas investigações sobre o magnetismo, Rivail entendia as manifestações psíquicas ocorridas no estado sonambúlico como fenômenos gerados pelo fluido magnético e pela mente do sonâmbulo (KARDEC, 1858, p. 91), alinhando-se com as ideias teorizadas pelo marquês de Puységur e por Joseph Deleuze, os quais Rivail considerava os dois maiores teóricos do magnetismo (KARDEC, 1858, p. 92). Segundo Pierre-Gaëtan Leymarie, amigo de Kardec e redator-chefe da *Revista Espírita* após 1869, Rivail teria aprofundado seus conhecimentos sobre o magnetismo diretamente com dois dos principais magnetizadores do período, o barão Du Potet e o abade Faria (LEYMARIE, 1886, p. 631). Ainda que não possamos precisar o grau de envolvimento de Rivail com o magnetismo, é fato que seus conhecimentos sobre o tema

foram de grande importância na investigação dos fenômenos mediúnicos e no desenvolvimento de sua teoria.

A ampla participação de Rivail em sociedades científicas nos permite identificá-lo como um *savant*, ou polímata. Esse tipo de intelectual, conhecedor de várias das ciências fundamentais, passara a ser visto com desconfiança em meio à fragmentação e especialização do conhecimento; o naturalista alemão Alexander von Humboldt (1769-1859), por exemplo, reclamou: "as pessoas frequentemente dizem que eu sou curioso em muitas coisas ao mesmo tempo" (BURKE, 2011, pp. 205-6).

E foi justamente utilizando essa erudição que Rivail realizou uma ampla análise dos fenômenos das mesas girantes transitando por variados campos do saber, tema da seção seguinte.

2.4 DAS MESAS GIRANTES À TEORIA ESPÍRITA

A confiança dos pesquisadores do século XIX no poder da ciência para descrever a realidade propiciou a investigação, por intermédio da observação dos fenômenos mediúnicos, do espiritualismo moderno. Muitos estudiosos e livres-pensadores, com base na observação das mesas girantes, dançantes e falantes passaram a considerar a possibilidade de investigar cientificamente a sobrevivência *post-mortem* do ser humano (MONROE, 2006).

Em 1854, Rivail tomou ciência do fenômeno das mesas girantes por meio de um amigo de longa data, o magnetizador Auguste Fortier.[38] Na primeira conversa, Fortier teria relatado as manifestações como uma nova característica do fluido magnético, que poderia magnetizar a mesa e movê-la de acordo com a vontade, sem qualquer força física. Rivail afirma que recebeu a notícia com desinteresse. Para ele, causas físicas como o magnetismo e a eletricidade poderiam explicar o fenômeno (KARDEC, 1890/1924, p. 206).

Meses depois, Fortier teria narrado uma nova descoberta: as mesas respondiam a perguntas realizadas pelos assistentes (KARDEC, 1890/1924, p. 206). Rivail afirmou então que esse fato era inexplicado, contrário às leis naturais. Tal relato gerou em Rivail uma reação cética: "Só acreditarei quando o vir e quando me provarem que uma mesa

[38] Auguste Fortier, professor de magnetismo animal e membro da Société Philanthro-Magnétique (Sociedade Filantro-Magnética). Fortier ganhou notoriedade em Paris e outras regiões da França e da Europa ao realizar demonstrações de magnetismo animal juntamente com a sonâmbula sra. Roger (COLLIN, 1868).

tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa tornar-se sonâmbula. Até lá, permita que eu não veja no caso mais do que um conto para fazer-nos dormir em pé"[39] (KARDEC, 1890/1924, p. 206).

Em 1855, Rivail recebeu novas notícias das manifestações por meio de um amigo, Sr. Carlotti, que lhe falou pela primeira vez da intervenção dos espíritos nas sessões. O entusiasmo do depoimento de Carlotti teria aumentado a desconfiança de Rivail (KARDEC, 1890/1924, p. 206). Depois de algum tempo, no mesmo ano, Rivail relatou o encontro com o Sr. Pâtier, funcionário público, que pela sua grande instrução, caráter grave, calma e frieza convenceu Rivail a assistir uma sessão mediúnica (KARDEC, 1890/1926, p. 207). Nela, observou os fenômenos das mesas girantes e o que chamou de "ensaios imperfeitos da escrita mediúnica" com os médiuns utilizando uma cesta com um lápis apropriado, fixado no fundo, com a ponta para fora, sobre uma ardósia, chamada de cesta-pião[40] (KARDEC, 1890/1924, p. 207). Após a sessão, Rivail teria decidido iniciar uma investigação aprofundada dos fenômenos. Frequentou regularmente sessões mediúnicas com médiuns desconhecidos um dos outros; dentre eles destacaram-se as irmãs Baudin e Celine Japhet (KARDEC, 1858b, p. 36; KARDEC, 1890, pp. 208-10).

As irmãs Caroline e Julie Baudin, na época com 16 e 14 anos, respectivamente, estabeleciam a comunicação mediúnica também por intermédio da cesta-pião, que funcionava com o apoio simultâneo das duas irmãs. Com as duas médiuns, Rivail teria observado a escrita contínua de mensagens atribuídas aos espíritos e os diálogos em que os supostos espíritos respondiam às perguntas dos assistentes, algumas feitas mentalmente, nas concorridas sessões na casa da família Baudin (KARDEC, 1890/1924, p. 208). No ano seguinte, observou as sessões dirigidas por Roustan, magnetizador, e a sonâmbula Celine Japhet, onde se utilizava um método de escrita mediúnica mais eficaz do que a cesta-pião, chamada cesta de bico[41] (KARDEC, 1890/1924, p. 211).

Rivail afirmou que se viu diante de um fenômeno inexplicado (1890/1924, p. 208). Rejeitando explicações sobrenaturais e milagrosas, ele entendia que cada

---

[39] "j'y croirai quand je le verrai, et quand on m'aura prouvé qu'une table a un cerveau pour penser, des nerfs pour sentir et qu'elle peut devenir somnambule; jusque-là, permettez-moi de n'y voir qu'un conte à dormir debout."

[40] Considerada um método bastante rudimentar de escrita mediúnica, a cesta-pião era assim chamada pelo seu formato e pelos movimentos em forma de espiral que ela realizava com o apoio dos dedos do médium sobre as bordas da cesta. A escrita era de difícil compreensão, muitas vezes sendo interpretada por intuição pela médium (KARDEC, 1861/1869, p. 155).

[41] Seria uma cesta de madeira ou junco onde é adptada uma haste de madeira inclinada, de dez a quinze centímetros, com um lápis preso em sua ponta (KARDEC, 1861/1869, pp. 155-7).

fenômeno deveria ter uma causa natural suscetível de investigação científica (KARDEC, 1857, pp. 1-30).

Já em sua obra espírita, utilizando o pseudônimo Allan Kardec[42], Rivail analisou as principais hipóteses explicativas levantadas na época por diversos pesquisadores para os fenômenos que observara[43].

2.4.1 Charlatanismo

Kardec analisou duas hipóteses de charlatanismo: truques de prestidigitação e músculos estalantes. A primeira era reforçada por prestidigitadores dedicados a denunciar os fenômenos mediúnicos realizando números de simulação da mediunidade por meio de truques (PAGE, 1853). A segunda, defendida por pesquisadores acadêmicos na França e nos Estados Unidos, encontrava razões fisiológicas para as batidas mediúnicas, como a rotação de ossos, articulações e músculos (FLINT, LEE, COVENTRY, 1851; SCHIFF, 1859, p. 760).

Kardec reconhecia que muitas das supostas manifestações mediúnicas tinham como causa a fraude, mas discordava que todas as manifestações mediúnicas fossem fruto dessa prática (KARDEC, 1861/1869, p. 36). Criticava aqueles que chegavam a essa conclusão apressadamente, por não conseguirem encontrar explicações mais adequadas ao fenômeno (KARDEC, 1857, p. 6).

Para ele, a possibilidade de fraude era maior entre médiuns que cobravam pelas sessões, especialmente quando eles afirmavam que estariam aptos a produzir manifestações mediúnicas a sua vontade[44] (1861/1869, pp. 89-91). Por outro lado, não encontrava razões para crer que milhares de médiuns em todo mundo, em sessões públicas e familiares, estariam comprometidos com a fraude (1857, pp. 6-7).

A simulação dos fenômenos mediúnicos por prestidigitadores, para ele, não seria evidência suficiente de que todo fenômeno era falso (KARDEC, 1866, pp. 58-61). Kardec defendia que a forma mais eficaz de combater as fraudes era pelo conhecimento aprofundado da mediunidade, que possibilitaria detectar os charlatães. Estes, quando

[42] Rivail justificou a utilização do pseudonimo Allan Kardec para separar as publicações espíritas das que compunham sua obra anterior, que era de natureza diferente (KARDEC, 1890/1927, p. 4).
[43] Para sermos coerentes com as obras analisadas, passaremos a utilizar o nome Allan Kardec em vez de Hippolyte Rivail.
[44] Kardec (1861/1869, pp. 89-91) dizia que a manifestação mediúnica era um fenômeno inteligente que dependeria da vontade do espírito para ser realizada.

descobertos, deveriam ser denunciados, pois "o espiritismo tem apenas a ganhar com a exposição dos impostores"[45] (KARDEC, 1859, p. 96).

Os efeitos físicos e os efeitos inteligentes vulgares (transportes de objetos, batidas e respostas para perguntas banais) seriam mais propensos ao charlatanismo do que as comunicações inteligentes de elevado alcance (KARDEC, 1859/1868, p. 110), ou seja, com conteúdo de grande profundidade filosófica, científica ou moral. Para ele, esse tipo de comunicação estaria pouco sujeito à fraude porque exigiria do médium "uma instrução pouco comum, uma superioridade intelectual excepcional e uma capacidade de improvisação, por assim dizer, universal"[46] (KARDEC, 1859/1868, pp. 110-1).

2.4.2 Causas físicas

A ideia de que forças físicas, conhecidas ou desconhecidas, estavam entre as causas dos controversos fenômenos, conforme vimos, foi uma das primeiras hipóteses levantadas por Kardec. Para ele, a eletricidade poderia "perfeitamente atuar sobre corpos inertes e fazer com que eles se movam[47]" (1890/1926, p. 206).

Kardec afirmava que os movimentos circulares das tampas das mesas "nada tinham de extraordinários: está na Natureza; todos os astros se movem circularmente[48]" (KARDEC, 1857, p. 4). Esses movimentos poderiam ser derivados, em pequena escala, "do movimento geral do Universo[49]" (KARDEC, 1857, p. 4).

Para Kardec, a teoria era consistente para explicar os fenômenos mecânicos, como as mesas girantes, mas insuficiente em oferecer respostas para fenômenos inteligentes, como batidas que respondem a sinais inteligentes (KARDEC, 1861/1869, p. 36).

2.4.3 Ilusão e alucinação

Assim como diversos membros da Academia Francesa de Ciências do período, Kardec considerava que superstição, credulidade e causas fisiológicas eram, frequentemente, geradoras de alucinações relatadas como mediunidade (1859/1868, p.

[45] "le spiritisme ne peut que gagner à démasquer les imposteurs."
[46] "une instruction peu commune, une supériorité intellectuelle hors ligne, et une faculté d'improvisation pour ainsi dire universelle."
[47] "peut très bien agir sur les corps inertes et les faire mouvoir."
[48] "n'avait rien d'extraordinaire: il est dans la nature; tous les astres se meuvent circulairement."
[49] "du mouvement général de l'univers."

29). Entretanto, a alucinação, entendida como um "erro, ilusão da pessoa que crê ter percepções que realmente não possui"[50] (KARDEC, 1858/1923, p. 13), explicaria apenas parte dos fenômenos. A respeito da ilusão provocada pelas mesas girantes, Kardec afirmou que

> o observador estaria de muito boa-fé; apenas, julgaria ver o que não vê. Quando diz que viu uma mesa levantar-se e manter-se no ar, sem ponto de apoio, a verdade é que a mesa não se mexeu. Ele a viu no ar, por efeito de uma espécie de miragem, ou por uma refração, qual a que nos faz ver, na água, um astro, ou um objeto qualquer, fora da sua posição real. Isto, a rigor, seria possível; mas, os que já testemunharam fenômenos espíritas hão podido certificar-se do isolamento da mesa suspensa, passando por debaixo dela, o que parece difícil de se conseguir, caso o móvel não se houvesse despregado do solo. Por outro lado, muitas vezes tem sucedido quebrar-se a mesa ao cair. Dar-se-á que também aí nada mais haja do que simples efeito de ótica?[51] (KARDEC, 1861/1869, p. 37)

Além disso, a alucinação não possuía respostas para os fenômenos inteligentes, como a escrita mediúnica, que muitas vezes forneciam informações desconhecidas do médium, confirmadas posteriormente (KARDEC, 1861, p. 196).

Por considerar insuficientes as hipóteses que rejeitavam a possibilidade de ação inteligente além da matéria, Kardec examinou as teorias fluidistas que admitiam existir no homem um princípio responsável pelas manifestações mediúnicas.

2.4.4 Forças fluídicas

Com os defensores das hipóteses que negavam o fenômeno, Kardec argumentava para demonstrar a natureza inteligente das manifestações; com os adeptos das forças fluídicas, o debate girava em torno da fonte das manifestações inteligentes. Deste grupo, ele analisou a teoria sonambúlica e a teoria do reflexo de pensamento.

De acordo com os magnetizadores, o fenômeno proviria da própria alma do médium. Induzidos ao sono magnético, os médiuns poderiam mover objetos e obter acesso a informações através de canais sensoriais desconhecidos (KARDEC, 1858c, p. 61). Fenômenos que seriam atualmente chamados de psicocinese e clarividência, no

[50] "erreur, une illusion d'une personne qui croit avoir des perceptions qu'elle n'a pas réellement."

[51] "l'observateur serait de très bonne foi; seulement, il croirait voir ce qu'il ne voit pas. Quand il voit une table se soulever et se maintenir dans l'espace sans point d'appui, la table n'aurait pas bougé de place; il la voit en l'air par une sorte de mirage ou un effet de réfraction comme celui qui fait voir un astre, ou un objet dans l'eau, hors de sa position réelle. Cela serait possible à la rigueur; mais ceux qui ont été témoins de ce phénomène ont pu constater l'isolement en passant sous la table suspendue, ce qui paraît difficile si elle n'a pas quitté le sol. D'un autre côté, il est arrivé maintes fois que la table s'est brisée en tombant: dira-t-on aussi que ce n'est là qu'un effet d'optique?"

vocabulário da parapsicologia (PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION, 2014). Para Kardec,

> nesse estado as faculdades intelectuais adquirem um desenvolvimento anormal; o círculo das percepções intuitivas se amplia além de nossa concepção ordinária. Assim o médium tiraria de si mesmo e por efeito de sua lucidez tudo que diz e todas as noções que transmite, mesmo sobre as coisas que lhe sejam mais estranhas no seu estado normal (KARDEC, 1857, p. 24-25).

Como magnetizador experiente, Kardec acreditava que o sonambulismo poderia ser a explicação de muitas das supostas comunicações espirituais (KARDEC, 1861a, p. 39). Admitia que a comunicação dada pelo médium pudesse ser resultado da criação inconsciente de suas próprias ideias, por isso aceitava que mesmo na comunicação mediúnica considerada autêntica, as informações fornecidas eram muitas vezes uma combinação de conteúdos oriundos do espírito com dados inerentes da mente inconsciente do médium (KARDEC, 1865a, p. 155). No entanto, pensava que a teoria sonambúlica não compreenderia uma série de outros fenômenos observados, como as comunicações transmitidas por batidas, a escrita mediúnica feita por médiuns analfabetos e a obtenção de informações particulares de pessoas mortas desconhecidas do médium e dos seus assistentes (KARDEC, 1861/1869, pp. 41-2).

A teoria do reflexo de pensamento sustentava que os fenômenos mediúnicos seriam gerados pela ação fluídica, que possibilitava ao médium ler os pensamentos, ideias e conhecimentos das pessoas presentes nas sessões (ROGERS, 1856, p. 286; SAMSON, 1852, pp. 13-25; REICHENBACH, 1850, pp. 164-5). É o que seria posteriormente chamado de telepatia (PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION, 2014). No início de suas investigações, Kardec chegou a conjecturar essa hipótese como a fonte inteligente das comunicações mediúnicas (1859/1868, pp. 29-30).

Embora considerasse válida a hipótese de leitura do pensamento (KARDEC, 1864, pp. 300-6), Kardec verificou muitos casos em que as comunicações do médium eram desconhecidas, e até mesmo contrárias aos pensamentos, conhecimentos e opiniões daqueles que estavam presentes nas sessões (KARDEC, 1857, p. 26; 1860, p. 30; 1862a, pp. 176-8). A teoria do reflexo do pensamento também se demonstraria falha para explicar fenômenos como a escrita direta, em que mensagens surgiriam em folhas de papel sem o auxílio de caneta nem lápis ou mesmo da participação do médium (KARDEC, 1859a, pp. 205-10; 1864a, pp. 393-7; 1860b, pp. 155-7); e a escrita mediúnica de médiuns iletrados (KARDEC, 1863, pp. 227-8).

Alguns fluidistas, como o barão de Reichenbach, entendiam que o médium poderia acessar informações contidas no fluido que estaria presente não apenas na sala da sessão mediúnica, mas em todo o universo (REICHENBACH, 1850, pp. 162-8). Kardec chamava essa teoria fluidista de irradiação. Segundo ele,

> a irradiação vai muito além do círculo imediato que nos cerca; o médium é o reflexo da Humanidade inteira, de tal sorte que não se haure as inspirações ao seu redor, vai buscá-las fora, na cidade, no país, em todo o globo terreno e mesmo em outras esferas[52] (KARDEC, 1857, p. 25).

Por analisar a irradiação de pensamento como uma teoria rival da teoria espírita, Kardec utilizou o princípio epistemológico conhecido como princípio do Ockham, ou navalha de Ockham, afirmando que quando existem hipóteses diferentes para explicar o mesmo tipo de fatos, deve-se escolher a mais simples. Segundo ele, a teoria de uma "irradiação universal, vindo de todos os pontos do universo e convergindo no cérebro de um indivíduo único (...) pressupõe a ação de uma causa muito mais maravilhosa"[53] do que a teoria espírita (KARDEC, 1857, p. 25).

2.4.5 Ação espiritual

Mesmo entre os defensores da possibilidade da intervenção de uma inteligência externa na comunicação médium, havia discussões sobre a natureza dessa inteligência. Kardec avaliou a hipótese pessimista ou demoníaca e a otimista uniespírita.

Para Kardec, tratava-se de duas teorias inadequadas, pois não apresentavam razões que explicassem de modo adequado o motivo de apenas Jesus ou somente o Satã e outros diabos serem os únicos espíritos a se comunicarem com os médiuns (KARDEC, 1861/1869, pp. 42-7).

As teorias também não explicavam a variedade das mensagens mediúnicas. Elas podiam ser desde mensagens de grande alcance moral, sem falhas que pudessem revelar sua natureza demoníaca (KARDEC, 1861/1869, p. 42), até mensagens frívolas em que pouco delas se aproveita, não podendo ser atribuídas a seres de grande envergadura moral (KARDEC, 1861/1869, p. 46). Para Kardec, ambas as hipóteses tinham como fragilidade o fato de os espíritos comunicantes darem provas de afeição e de identidade,

[52] "Le rayonnement s'étend bien au delà du cercle immédiat qui nous entoure; le médium est le reflet de l'humanité toute entière, de telle sorte que s'il ne puise pas ses inspirations à côté de lui, il va les chercher au dehors, dans la ville, dans la contrée, dans tout le globe, et même dans les autres sphères."

[53] "rayonnement universel venant de tous les points de l'univers se concentrer dans le cerveau d'un individu [...] suppose une cause bien autrement merveilleuse."

afirmando serem parentes de pessoas vivas, muitas vezes presentes na sessão (KARDEC, 1857, p 19).

2.4.6 A teoria espírita

Embora considerasse as teorias anteriores válidas para parte dos fenômenos mediúnicos, Kardec as criticava pelo fato de elas serem incompletas e existirem fatos que as contradiziam. A observação sob um único ponto de vista seria a principal causa das explicações parciais para as manifestações mediúnicas. A hipótese da existência de inteligências extracorpóreas, para ele, seria a mais abrangente por ser capaz de explicar o grande conjunto dos fenômenos mediúnicos observados.

Para Kardec, as primeiras manifestações espirituais nos Estados Unidos e depois na França se deram por meio de pancadas que formavam palavras e frases com o auxílio das letras do alfabeto, afastando a possibilidade de ação inconsciente do médium (KARDEC, 1857, p. 26).

A escrita mediúnica por meio da cesta-pião, observada por Kardec pela primeira vez nas sessões das irmãs Baudin, era considerada por ele um método que afastaria a possibilidade de intervenção da mente do médium, pois a escrita acontecia com dois médiuns tocando a cesta com as pontas dos dedos ao mesmo tempo, e respondendo a questões formuladas na hora, o que indicaria uma inteligência externa como fonte da comunicação (KARDEC, 1860, p. 30; 1890/1924, p. 208).

Médiuns teriam fornecido informações de espíritos desconhecidos tanto deles quanto dos membros da sessão no momento da comunicação; elas conteriam detalhes específicos cuja precisão foi posteriormente verificada (KARDEC, 1859b, pp. 336-7; 1863a, pp. 309-11).

Outra evidência levantada por Kardec para sustentar a hipótese da ação espiritual era a aquisição de habilidades pelos médiuns, durante o estado mediúnico, como: médiuns analfabetos escrevendo (KARDEC, 1861, pp. 193-8); pintar e desenhar habilmente sem nenhum treinamento prévio e sem exibir essas habilidades em suas vidas comuns (KARDEC, 1858d; 1858e); escrever poemas sem conhecimento prévio das regras de poesia e sem experiência prévia com esse tipo de arte (KARDEC, 1857, p. 20); falar ou escrever corretamente em línguas que não conheciam (KARDEC, 1860c, pp. 77-81; 1861, pp. 193-8); escrever com letra semelhante à da alegada personalidade comunicante quando esta pessoa estava viva, sem o médium ter visto previamente a

caligrafia do falecido (KARDEC, 1857, p. 20); demonstrar características como caráter, humor e escolha de palavras relacionadas com o espírito comunicante, que eram desconhecidas dos médiuns (KARDEC, 1858f, pp. 19-20; 1859c, pp. 10-1; 1859d, pp. 62-6; 1859e, pp. 76-8).

A teoria espírita, segundo Kardec, seria também corroborada por possuir um grande número de adeptos: "milhares de médiuns, espalhados por todo o globo, e totalmente desconhecidos uns dos outros, concordam em afirmar a mesma coisa"[54] (KARDEC, 1857, p. 26; 1860d, p. 55).

Depois de se convencer de que havia obtido evidências empíricas suficientes para sustentar a hipótese da sobrevivência da personalidade após a morte, Kardec afirmou estar diante de "um imenso campo aberto às nossas explorações, a chave de inúmeros fenômenos até então inexplicados."[55] (KARDEC, 1890/1924, p. 210).

2.5 O SURGIMENTO DO ESPIRITISMO

A possibilidade de estabelecer comunicação com o mundo espiritual levou Kardec a acreditar que estava próximo de uma revolução nas ideias e nas crenças (KARDEC, 1890/1924, p. 210). A existência de um mundo invisível, que era uma especulação religiosa ou metafísica, teria passado a ser passível de abordagem empírica.

Uma das características centrais da abordagem que Kardec desenvolvia era a naturalização do mundo espiritual. As manifestações espirituais seriam objeto de investigação empírica: eram observadas e comparadas; suas consequências eram deduzidas; suas causas eram remontadas (KARDEC, 1890/1924, p. 209).

Kardec afirmava aplicar o método experimental, entendido como uma investigação baseada na experiência no sentido de empiria, de observação empírica dos fatos e não no sentido de experiências de laboratório (KARDEC, 1864). Assim, fundamentado na experiência para investigar os fenômenos mediúnicos, Kardec buscava identificar as leis naturais que regiam as experiências espirituais. Essas leis naturais seriam tão naturais e passíveis de investigação como as leis físicas e químicas que explicam a eletricidade, a gravidade e o calor (KARDEC, 1890/1924, p. 210). De acordo com ele: "As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos

[54] "milliers de médiums disséminés sur tous les points du globe, qui ne se sont jamais vus, s'accordent pour dire la même chose."
[55] "un champ immense ouvert à nos explorations, la clef d'une foule de phénomènes inexpliqués."

se basearam sobre o método experimental; até então, acreditou-se que esse método também só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas"[56][57] (KARDEC, 1868, p. 11). O mundo espiritual seria tão natural e regido por leis naturais como os astros e os microrganismos. Kardec dizia que os médiuns poderiam ser comparados a microscópios (KARDEC, 1859f) ou telescópios, no sentido de permitir a observação de um mundo que não podia ser visto a olho nu:

> O microscópio revelou-nos o mundo dos infinitamente pequenos, do qual não suspeitávamos, embora estivesse ao alcance de nossas mãos; da mesma forma, o telescópio mostrou-nos uma infinidade de mundos celestes que não sabíamos que existiam. O Espiritismo descobre-nos o mundo dos Espíritos, que está por toda parte, ao nosso lado como nos espaços, mundo real que reage incessantemente sobre nós[58] (KARDEC, 1860, p. 326).

Em outro trecho, Kardec continuou sua analogia entre o espiritismo e a astronomia. Para ele, o espiritismo faria sobre crenças espirituais algo semelhante ao que a astronomia fez em relação a ideias astrológicas:

> os astros eram, para o vulgo, seres misteriosos [...]. Quando Galileu, Newton e Kepler tornaram conhecidas essas leis, quando o telescópio rasgou o véu e mergulhou nas profundezas do espaço um olhar que algumas criaturas acharam indiscreto, os planetas apareceram como simples mundos semelhantes ao nosso e todo o castelo do maravilhoso desmoronou. O mesmo se dá com o Espiritismo, relativamente à magia e à feitiçaria (KARDEC, 1868).

Kardec dava grande ênfase às evidências empíricas no estudo dos fenômenos espirituais. Buscando evitar tanto o ceticismo exagerado quanto a credulidade, ele percebeu que sua investigação poderia constituir uma teoria abrangente sobre as relações entre os homens e os espíritos (CHIBENI, 1986; KARDEC, 1890/1927, p. 211). Com base nesta investigação, Kardec formulou uma "Filosofia Espiritualista" (termo que aparece no cabeçalho da página de rosto de *O Livro dos Espíritos*) e, para designa-la, cunhou uma nova palavra: "Espiritismo" (KARDEC, 1857, p. 1).

---

[56] Kardec concebia a metafísica como era designada habitualmente, segundo Lalande, no século XVIII como algo oposta à física, imaterial, aquilo que não é matéria (LALANDE, 1999, p. 672-3).

[57] "Les sciences n'ont fait de progrès sérieux que depuis que leur étude est basée sur la méthode expérimentale; mais jusqu'à ce jour on a cru que cette méthode n'était applicable qu'à la matière, tandis qu'elle l'est également aux choses métaphysiques."

[58] "Le microscope nous a révélé le monde des infiniment petits que nous ne soupçonnions pas, quoiqu'il fût sous nos doigts, le télescope nous a révélé l'infinité des mondes célestes que nous ne soupçonnions pas davantage; le spiritisme nous découvre le monde des Esprits qui est partout, à nos côtés comme dans les espaces; monde réel qui réagit incessamment sur nous."

Em 1857, após dois anos de investigações, Rivail publicou a primeira obra baseada em seus estudos dos fenômenos mediúnicos, *O Livro dos Espíritos*. Esta obra é considerada o marco de surgimento do espiritismo.

O Livro dos Espíritos contém principalmente teorias desenvolvidas com base em suas explorações de manifestações mediúnicas, bem como as bases para essas teorias (CUCHET, 2012). Nesse livro é apresentada e discutida a filosofia que emergiu de suas investigações.

A maior parte dos relatos de casos e outras evidências empíricas foi publicada na *Revue Spirite: Journal d'études psychologiques* (Revista Espírita: Jornal de estudos psicológicos). Lançada em janeiro 1858 e publicada mensalmente sob a direção de Allan Kardec até o mês de sua morte, em março de 1869, este foi o periódico espiritualista de maior circulação na França no período (MONROE, 2008, p. 116). Dela saíram diversos artigos que, remodelados, constituíram grande parte de seus livros.

Quatro meses depois, em abril de 1858, Kardec fundou a *Société Parisienne des Études Spirites* (Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas), com o objetivo de estudar o espiritismo "como outros se reúnem para estudar a frenologia, a história ou outras ciências"[59] (KARDEC, 1860e, p. 100).

A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas possuía um estatuto com características semelhantes às das sociedades científicas do período: realizava reuniões semanais onde eram apresentados temas para o debate e eram discutidos e confrontados os resultados obtidos pelos seus membros (KARDEC, 1861/1869, p. 357). A *Revista Espírita* representava os anais do espiritismo, publicando os principais resultados e descobertas e temas de interesse.

Kardec considerava a revista uma "tribuna livre" (KARDEC, 1858g, p. 2), onde eram apresentados relatos de observações de fenômenos mediúnicos feitos por ele e por outros pesquisadores pelo mundo. Na *Revista Espírita* também havia espaço para discutir possíveis explicações de todos os tipos de manifestações mediúnicas, físicos e mentais. Tanto Kardec quanto a Sociedade eram intensamente envolvidos com uma ampla rede de correspondentes em todo o mundo. Um levantamento feito nas obras publicadas por Kardec identificou que foram publicados relatos de correspondentes oriundos de 268 cidades de 37 países, em quatro continentes(FERNANDES, 2004). Como grande parte do material recebido por Kardec não era publicado, é bastante

[59] "comme d'autres pour l'étude de la phrénologie, de l'histoire ou d'autres sciences."

possível que sua rede de correspondentes seja maior do que o identificado em suas publicações.

Entre 1857, quando foi lançada a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, e 31 de março de 1869, data de seu falecimento, Kardec se dedicou em tempo integral ao desenvolvimento do espiritismo, editando mensalmente a *Revista Espírita* e publicando livros sobre vários aspectos do espiritismo, conforme seus frontispícios:

- *Le Livre des Esprits (*O Livro dos Espíritos), 2ª edição, 1860. Classificado por Kardec como "filosofia espiritualista", esta obra foi consideravelmente aumentada em relação à 1ª edição, sendo considerada um trabalho novo (KARDEC, 1860). Substituiu a edição de 1857, que parou de ser publicada;
- *Le Livre des Médiums ou Guide des Médiums et des Évocateurs* (Livro dos Médiuns ou Guia dos Médiuns e dos Evocadores), 1861. Em seu frontispício, ele era apresentado como "espiritismo experimental", "contendo informações especiais dos espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os modos de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade e os escolhos que se podem encontrar na prática do espiritismo".[60]
- *L'Évangile selon le Spiritisme* (O Evangelho segundo o Espiritismo), *1864*. Considerado por Kardec como a parte moral da concepção filosófica extraída do estudo das manifestações mediúnicas (KARDEC, 1868/1869, p. 1), este livro contém "a explicação das máximas morais do Cristo, sua concordância com o espiritismo e sua aplicação em diversas circunstâncias da vida"[61] (KARDEC, 1864b).
- *Le Ciel et l'Enfer ou La Justice Divine selon le Spiritisme* (O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina segundo o Espiritismo), 1865. Ela se propõe a realizar um exame comparativo de diferentes concepções sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual. Ela também contém uma seleção das comunicações mediúnicas que mostram diferentes quadros apresentados por espíritos após a morte.
- La *Genèse: les Miracles et les Prédictions selon le Spiritisme* (A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo), 1868. Tem "por objeto o estudo dos três pontos até agora diversamente interpretados e comentados: a Gênese, os milagres e

[60] "l'enseignement spécial des esprits sur la théorie de tous les genres de manifestations, les moyens de communiquer avec le monde invisible, le développement de la médiumnité, les difficultés et les écueils que l'on peut rencontrer dans la pratique du spiritisme."
[61] "contenant l'explication des maximes morales du Christ leur concordance avec le Spiritisme et leur application aux diverses positions de la vie."

as predições, em suas relações com as novas leis que decorrem da observação dos fenômenos espíritas" (KARDEC, 1868, p. 1).

Além dos livros, Kardec publicou os seguintes opúsculos de divulgação do espiritismo:

- *Instruction Pratique sur les Manifestations Spirites* (Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas), 1858. É uma brochura apresentada como uma espécie de manual que aborda as condições necessárias para estabelecer comunicação com os espíritos. Foi substituída por *O Livro dos Médiuns*, que se apresentaria mais completo do que esse (KARDEC, 1861b, pp. 6-8).
- *Qu'est-ce que le Spiritisme: introduction a la connaissance du monde invisible par les manifestations des esprits* (O que é o Espiritismo: introdução ao conhecimento do mundo invisível, pelas manifestações dos espíritos), 1859. Obra que se propõe a oferecer uma introdução ao conhecimento do mundo dos espíritos (KARDEC, 1868/1869, p. 1). Em seu frontispício, informa: "contendo: resumo dos princípios da Doutrina Espírita e resposta às principais objeções que podem ser apresentadas."[62]
- *Le Spiritisme à sa plus Simple Expression: exposé sommaire de l'enseignement des esprits et de leurs manifestations* (O Espiritismo na sua Expressão mais Simples: exposição sumária sobre a informação dos espíritos e de suas manifestações), 1862.
- *Voyage Spirite em 1862* (Viagem Espírita de 1862). Reunião de discursos pronunciados por Kardec em viagens de visita a grupos espíritas situados em diversas cidades na França, Bélgica e Suíça, "contendo observações sobre a situação em que se encontrava o Espiritismo; instruções dadas a diversos grupos espíritas; e orientações sobre a formação de grupos, incluindo um modelo de regimento a ser utilizado por essas sociedades"[63] (KARDEC, 1862b)
- *Catalogue Raisonné des Ouvrages Pouvant Servir a Fonder une Bibliothèque Spirite* (Catálogo Racional das Obras que Podem Servir para Fundar uma Biblioteca Espírita), 1868.

Da *Revista Espírita* ainda foram retirados extratos para a publicação de outros dois opúsculos de divulgação:

---

[62] "contenant le résumé des principes de la doctrine spirite, et la réponse aux principales objections."

[63] "contenant: les observations sur l'état du spiritisme; les instructions données dans les différents groupes; les instructions sur la formation des groupes et sociétés, et un modèle de règlement à leur usage."

- *Résumé de la Loi des Phénomènes Spirites* (Resumo da Lei dos Fenômenos Espíritas), 1864. Opúsculo extraído de artigo homônimo da *Revista Espírita* do mês de abril de 1864.
- *Caractères de la Révélation Spirite* (O Caráter da Revelação Espírita), *1868*. Artigo publicado na *Revista Espírita* de 1867 que integra o primeiro capítulo do livro *A Gênese.*

Após o falecimento de Kardec foi publicado:

- *Oeuvres Posthumes* (Obras Póstumas), 1890. Coletânea de textos avulsos de Allan Kardec reunidos por Pierre Gaetan Leymarie, editor da *Revista Espírita*.

Os livros espíritas de Kardec seguiram um roteiro semelhante ao de *O Livro dos Espíritos.* Segundo Kardec, seus livros eram uma coletânea de comunicações mediúnicas e de observações extraídas dessas sessões, que foram desenvolvidas por ele para adquirir proporções de uma "filosofia" (KARDEC, 1860, pp. 29-31; 1861/1869, pp. 3-5; 1890/1927, pp. 210-1).

Nestes livros, apenas em alguns casos, Kardec descrevia os fatos observados que sustentavam sua argumentação teórica. Por outro lado, na *Revista Espírita* é possível acompanhar parte das evidências empíricas que o levaram à formulação da teoria explicativa de um fenômeno. Ao ser publicada, a teoria estaria sujeita a testes e discussões pelos leitores da *Revista* antes de ser aceita no corpo teórico do espiritismo. Muitos textos e teorias publicadas pela primeira vez na *Revista* foram, posteriormente, revistos e publicados nos livros de Kardec.

Estas questões relativas ao método utilizado por Allan Kardec para a elaboração do espiritismo merecem um estudo mais aprofundado; serão o objeto principal de análise dos próximos capítulos.

Capítulo 3
AS RECONSTRUÇÕES RACIONAIS DE ALLAN KARDEC PARA O MÉTODO DE ELABORAÇÃO DO ESPIRITISMO

"O homem que julga sua razão infalível está bem próximo do erro".[64] (KARDEC, 1860, p. XXII)

Conforme foi visto nos capítulos anteriores, Allan Kardec estava inserido no contexto das investigações psíquicas da primeira metade do século XIX, que se mantiveram como objeto de interesse da sociedade francesa em meados do século XIX por decorrência do chamado fenômeno das mesas girantes. Kardec foi um dos pioneiros a desenvolver pesquisas nessa área, propondo uma abordagem abrangente das manifestações mediúnicas, analisou e buscou testar as principais teorias a respeito do tema e concluiu que a hipótese da existência dos espíritos era aquela que melhor explicava o conjunto dos fenômenos observados. Kardec utilizou os médiuns como instrumentos de acesso a dados empíricos a respeito do mundo espiritual.

O objetivo deste capítulo é apresentar as reconstruções racionais realizadas por Allan Kardec para o seu método[65] de elaboração do espiritismo. O termo reconstrução racional pode ser entendido por, pelo menos, duas formas distintas. A primeira, difundida por Imre Lakatos diz respeito a pesquisadores que desenvolvem concepções diversas da racionalidade científica e interpretam a história da ciência de acordo com essas concepções, concebendo reconstruções racionais diferentes daquela que é comumente aceita (LAKATOS, 1970). A segunda forma, exposta pelo historiador da ciência, Helge Kragh, foca na análise das reconstruções racionais realizadas pelos próprios cientistas dos seus processos dedescoberta ou de elaboração de uma teoria científica (KRAGH, 1989, p. 150). Em nossa investigação, adotaremos a concepção de Kragh.

Nesse sentido, serão analisados dois relatos de Kardec acerca de seu método: o primeiro, publicado em *O Livro dos Espíritos* de 1857; e o segundo, após dez anos, na *Revista Espírita* de setembro de 1867, o qual foi posteriormente revisado e publicado no primeiro capítulo do livro *A Gênese* (1868). Entre os dois relatos destacam-se elementos que sugerem uma nova reconstrução racional na descrição de seu método de

[64] "L'homme qui croit sa raison infaillible est bien près de l'erreur."

[65] Nesta dissertação, entende-se por método o "programa que regula antecipadamente uma sequência de operações a executar e que assinala os erros a evitar, com vistas a atingir um resultado determinado (LALANDE, 1999, p. 679).

investigação, que podem ser identificados em alguns artigos da *Revista Espírita* e em passagens dos livros de Kardec.

Historiadores da ciência consideram a análise das reconstruções racionais que os próprios cientistas fazem dos métodos de elaboração de suas teorias uma forma eficaz de compreensão da lógica interna delas (KRAGH, 1989, p. 150; HOLTON, 1969, p. 134). A tentativa de analisar a reconstrução racional de uma teoria muitas vezes se depara com as declarações de um cientista que remonta o seu método de diversas formas distintas. Helge Kragh (1989) explica que o discurso de um cientista sobre sua descoberta ou teoria é criado em um contexto social particular. Ele não pode ser analisado corretamente se considerado de forma isolada, ou como uma coletânea de afirmações sobre dados e hipóteses que assenta o conhecimento científico (KRAGH, 1989, pp. 150-5). Para Kragh, caberia ao historiador investigar o comportamento humano dos pesquisadores e as motivações que contribuíram para a construção de seu discurso, principalmente quando o pesquisador descreve seu método em termos conflitantes (KRAGH, 1989, p. 150). O caso do cientista brasileiro Carlos Chagas, com relação à descoberta da doença de Chagas, oferece um exemplo peculiar de modificações feitas pelo pesquisador na reconstrução racional de sua descoberta.

Simone Kropf, Nara Azevedo e Luiz Otávio Ferreira afirmam que Chagas teria realizado dois relatos distintos sobre a descoberta da doença. Primeiramente, em 1909, nos seus trabalhos iniciais, Chagas alegou ter encontrado o vetor da doença, um inseto conhecido como barbeiro. Em seguida descobriu o agente, um parasita encontrado no intestino do inseto, batizado como *Trypanossoma cruzi*. E, por último, Chagas encontrou a doença, existente em macacos e no homem (KROPF et al, 2000, pp. 348-9).

De acordo com estes autores, em 1922, Chagas reconstruiu sua descoberta. Afirmou que desconfiava da existência da doença entre os moradores da cidade mineira de Lassance e a correlacionou com a infestação de barbeiros nas residências da região, identificando o agente presente nesses insetos e a nova doença humana (KROPF et al, 2000, pp. 349-50). Para eles, tais mudanças tinham o objetivo de fortalecer as premissas de Carlos Chagas perante a comunidade científica, que desconfiava de seus méritos científicos, insinuando que a doença, o agente e o vetor foram encontrados por mero acaso (KROPF et al, 2000, p. 351).

O descrédito à doença teria implicações políticas para Chagas, pois sua descoberta lhe conferiu o cargo de diretor do Instituto Oswaldo Cruz, cobiçado por inimigos políticos seus (KROPF et al, 2000, p. 348). Por isso, ele realizou uma nova

reconstrução racional, adaptando sua descoberta ao sistema de que dependiam a sua carreira e a difusão de seu achado científico. O caso de Carlos Chagas nos revela como motivações de caráter político podem interferir na construção de um discurso acerca de uma teoria ou descoberta científica.

Em outro exemplo de reconstruções racionais conflitantes feitas pelo próprio pesquisador a respeito de suas descobertas, Gerald Holton analisou a polêmica em torno do discurso de Albert Einstein a respeito da teoria da relatividade. Em um primeiro momento, Einstein teria creditado sua teoria ao experimento de Albert Michelson destinado a medir a velocidade da Terra em relação ao éter (HOLTON, 1969; KRAGH; 1989, pp. 151-4).

O reconhecimento foi feito publicamente à comunidade científica em uma conferência em 1931, com a presença de Michelson (KRAGH, 1989, p. 151). Entretanto, ao longo de 20 anos, as afirmações de Einstein a respeito do tema variaram de "não há dúvidas de que o experimento de Michelson foi de considerável influência no meu trabalho" até "O experimento Michelson-Morley teve um efeito desprezível na descoberta da relatividade"[66] (HOLTON, 1969, p. 134). As afirmações, quando tomadas isoladamente, parecem contraditórias. Contudo, se consideradas em seu contexto, podem revelar influências externas no discurso de Einstein.

Holton afirmou que o reconhecimento de Einstein ao trabalho de Michelson foi resultado de um conjunto de fatores. Na época, a comunidade científica acreditava que uma teoria de fôlego como a de Einstein, caracterizada pelo seu poder de síntese, deveria ser confirmada por um experimento marcante, muitas vezes chamado de experimento "crucial" (HOLTON, 1969, p. 135). Acreditava-se que o experimento de Michelson de 1880 teria sido fundamental para a Teoria da Relatividade de 1905, e esperava-se ouvir de Einstein essa confirmação. Também havia o fator psicológico da presença de Michelson na plateia, com 79 anos de idade, que já era reconhecido pela sua influência no trabalho de Einstein (HOLTON, 1969, p. 135). Após a morte de Michelson, Einstein passou a modificar o seu discurso, chegando a afirmar, em 1954, que a experiência de Michelson não teria influência importante na sua teoria (HOLTON, 1969). Esse caso ilustra uma situação em que o autor de um modelo teórico adapta seu discurso para não entrar em desacordo com as opiniões da comunidade científica da época.

[66] "there is no doubt that Michelson's experiment was of considerable influence on my work…" to "the Michelson-Morley experiment had a negligible on the discovery of relativity."

As reconstruções conflitantes também podem ser justificadas pela tendência de o cientista racionalizar sua descoberta à luz de um amadurecimento posterior, que o faz entender os acontecimentos significativos de sua teoria sob diferentes óticas ao longo de sua vida. S. W. Woolgar, analisando várias descrições de uma descoberta científica, afirma que elas podem representar a sequência lógica de seu desenvolvimento, oferecendo fontes valiosas para a compreensão do processo da descoberta (WOOLGAR, 1976, p. 400).

Nesse sentido, considera-se que o desenvolvimento de uma metodologia de investigação é historicamente contextualizado e, por isso, deve ser avaliado criticamente. Com base nesse raciocínio, iremos investigar distintos relatos de Allan Kardec a respeito de seu método de pesquisa em suas publicações.

3.1 PRIMEIRA RECONSTRUÇÃO RACIONAL: O "EDITOR" DOS ESPÍRITOS

As primeiras informações sobre o método de pesquisa que resultou na elaboração do espiritismo foram publicadas logo na primeira edição de *Le Livre des Esprits* (O Livro dos Espíritos), lançado em 18 de abril de 1857. Em nota nos prolegômenos, Allan Kardec afirmou que:

> Os princípios contidos neste livro resultam, seja de respostas dos espíritos a perguntas diretas que lhes foram propostas, seja de instruções dadas por eles espontaneamente sobre as matérias que encerra. O todo foi coordenado de maneira a apresentar um conjunto regrado e metódico, e só foi dado à publicidade depois de haver sido cuidadosamente e reiteradas vezes revisto e corrigido pelos próprios espíritos.
>
> A primeira coluna contém as perguntas formuladas e as respostas textuais. A segunda encerra o enunciado da doutrina sob forma fluente. São ambas, propriamente falando, duas redações ou duas formas diferentes do mesmo tema: uma tem a vantagem de mostrar de certa sorte a feição das entrevistas espíritas; outra a de permitir uma leitura sequente.
>
> Conquanto o assunto versado em cada coluna seja o mesmo, encerram às vezes uma e outra pensamentos especiais que, quando não resultam propriamente de perguntas diretas, não constituem menos o fruto das lições dadas pelos espíritos, pois há nenhuma que não seja expressão do pensamento deles[67] (KARDEC, 1857, p. 31).

[67] "Les principes contenus dans ce livre résultent, soit des réponses faites par les esprits aux questions directes qui leur ont été proposées, soit des instructions données par eux spontanément sur les matières qu'il renferme. Le tout a été coordonné de manière à présenter un ensemble régulier et méthodique, et n'a été livré à la publicité qu'après avoir été soigneusement revu à plusieurs reprises et corrigé par les esprits eux-mêmes.

No primeiro parágrafo deste extrato, Kardec distinguiu o aspecto metodológico da constituição do livro em três partes: 1) Perguntas diretas que foram propostas aos espíritos; 2) Respostas dos espíritos; 3) Instruções espontâneas dadas pelos espíritos.

No segundo e terceiro parágrafos, Kardec se aprofundou em seu método, afirmando que as respostas dadas pelos espíritos na primeira coluna foram publicadas textualmente. Já a segunda coluna teria a função de oferecer uma leitura sequente do texto.

A respeito da composição da obra e de sua função nela, Kardec escreveu que o livro

> [...] foi escrito por ordem e mediante ditado de espíritos superiores, para estabelecer os fundamentos da verdadeira doutrina espírita, isenta de erros e preconceitos. Nada contém que não seja a expressão do pensamento deles e que não tenha sido por eles examinado. A ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como as notas e a forma de algumas partes da redação constituem obra daquele que recebeu a missão de o publicar[68] (KARDEC, 1857, pp. 29-30).

Este trecho sugere uma posição mais passiva de Kardec, cuja missão seria a de organizar e publicar um livro revelado pelos espíritos superiores, assemelhando-se a um "editor". Essa visão seria corroborada na transcrição de uma das comunicações: "[...] tu estarás às nossas ordens cada vez que nós te chamarmos"[69] (KARDEC, 1857, p. 30). Em outro trecho, acentuou essa característica através de comunicação atribuída a espíritos de moral superior, obtida por intermédio de diversos médiuns[70]. Sobre a incumbência de Kardec de escrever *O Livro dos Espíritos*, eles teriam aconselhado:

> Ocupa-te com zelo e perseverança do trabalho que empreendeste com o nosso concurso; é também nosso. Teremos de revê-lo juntos a fim de que não

---

"La première colonne contient les questions proposées suivies des réponses textuelles. La seconde renferme l'énoncé de la doctrine sous une forme courante. Ce sont à proprement parler deux rédactions sur un même sujet sous deux formes différentes: l'une a l'avantage de présenter en quelque sorte la physionomie des entretiens spirites, l'autre de permettre une lecture suivie.

"Bien que le sujet traité dans chaque colonne soit le même, elles renferment souvent l'une et l'autre des pensées spéciales qui, lorsqu'elles ne sont pas le résultat de questions directes, n'en sont pas moins le produit des instructions données par les esprits, car il n'en est aucune qui ne soit l'expression de leur pensée."

[68] "a été écrit par l'ordre et sous la dictée d'esprits supérieurs pour établir les fondements de la véritable doctrine spirite, dégagée des erreurs et des préjugés; il ne renferme rien qui ne soit l'expression de leur pensée et qui n'ait subi leur contrôle. L'ordre et la distribution méthodique des matières, ainsi que la forme matérielle de quelques parties de la rédaction, sont seuls l'œuvre de celui qui a reçu mission de le publier."

[69] "tu seras à nos ordres chaque fois que nous t'appellerons".

[70] Kardec definiu médiuns como pessoas dotadas de potencialidade especial para serem intermediárias entre os espíritos e os homens (KARDEC, 1857, p. 8).

> encerre nada que não seja a expressão de nosso pensamento e da verdade, mas especialmente quando a obra estiver concluída[71] [...] (KARDEC, 1857, p. 30).

Percebe-se que a primeira edição de *O Livro dos Espíritos* foi apresentada com um caráter transcendente, de obra revelada. Ela não seria resultado das pesquisas e concepções de um homem, mas sim o trabalho de espíritos superiores. Eles seriam a expressão da verdade, isentos de erros e preconceitos. A Kardec caberia a função de "editor" ou de "secretário" dos espíritos. Essa visão é corroborada por diversos historiadores que utilizaram o termo « codificador » para definir o papel de Kardec perante o espiritismo (CUCHET, 2012, p. 143 ; SHARP, 2006, pp. 52-3 ; AUBRÉE, LAPLANTINE, 1990, p. 32). Nessa concepção, a tarefa de Kardec pode ser entendida como a de um compilador de documentos oriundos de diversas fontes em uma só obra (HOUAISS, 2009). O advogado e pesquisador do espiritismo Silvino Canuto Abreu (1892-1980), ao tratar sobre a função de Kardec na elaboração do espiritismo em 1857, concluiu que

> em seu trabalho de secretário, resumia ditados prolixos, interpretava sentenças lapidares ou desenvolvia respostas monossilábicas. Mas o resultado de sua redação só era incorporado ao texto depois de cuidadosamente examinado e corrigido, palavra por palavra, pelos Instrutores [espíritos] (ABREU, 1957, p. X).

A partir de 1858, o discurso de Kardec sobre o método de elaboração do espiritismo começou a apresentar uma série de mudanças que permearam sua obra, sendo consolidado apenas em 1868, com o lançamento de seu último livro, intitulado *La Genèse: les Miracles et les Prédictions selon le Spiritisme.* Chamaremos o período entre essas duas fases de *transição metodológica*, que será tratada a seguir.

3.2 PERÍODO DE TRANSIÇÃO METODOLÓGICA: A REVISTA ESPÍRITA E A DIVERSIFICAÇÃO DOS DADOS EMPÍRICOS

Em janeiro de 1858, no número de lançamento da *Revue Spirite*, parece haver uma redução do caráter passivo dos métodos de Kardec em prol da ênfase nos aspectos

[71] "Occupe-toi avec zèle et persévérance du travail que tu as entrepris avec notre concours; ce travail est aussi le nôtre. Nous le reverrons ensemble afin qu'il ne renferme rien qui ne soit l'expression de notre pensée et de la vérité; mais, surtout quand l'œuvre sera terminée... "

empíricos e racionais. Na introdução da revista, dissertando sobre os objetivos dela, Kardec escreveu:

> no que concerne às manifestações atuais, daremos explicação de todos os fenômenos patentes que testemunharmos ou que chegarem ao nosso conhecimento, quando nos parecerem merecer a atenção de nossos leitores. À narração dos fatos acrescentaremos a explicação, tal como ressalta do conjunto dos princípios. [...] A respeito, faremos notar que esses princípios decorrem das informações dadas pelos Espíritos, fazendo sempre abstração de nossas próprias ideias. Não será, pois, uma teoria pessoal que exporemos, mas a que nos tiver sido comunicada e da qual não seremos senão meros intérpretes[72] (KARDEC, 1858g, p. 5).

Este trecho sugere que a função de Allan Kardec na construção do espiritismo foi redimensionada. Embora Kardec se situe como intérprete dos espíritos superiores, abstendo-se de qualquer concepção teórica, agora ele aparenta ter começado a assumir o caráter de pesquisador dos fenômenos espirituais. Sua pretensão de aplicar o conjunto de princípios revelados pelos espíritos superiores, isentando-se de suas próprias ideias, assemelha-se à de um pesquisador da época que, com neutralidade, aplicaria os princípios de sua ciência ao objeto analisado.

Naquele mesmo mês, em artigo destinado a divulgar a repercussão positiva de *O Livro dos Espíritos,* Allan Kardec fez novo comentário sobre sua metodologia. Dessa vez, destacou o seu trabalho junto aos médiuns e a forma como teria recebido as mensagens dos espíritos: "as comunicações por pancadas, ou tiptologia, são muito lentas e bastante incompletas para um trabalho alentado; por isso jamais utilizamos esse recurso: tudo foi obtido através da escrita e por intermédio de vários médiuns psicógrafos"[73] (KARDEC, 1858b, p. 35).

Dentre os médiuns psicógrafos[74] que forneceram material de análise, Kardec destacou três, revelando mais detalhes sobre o seu método de elaboração do espiritismo:

---

[72] "Pour ce qui concerne les manifestations actuelles, nous rendrons compte de tous les phénomènes patents dont nous serons témoin, ou qui viendront à notre connaissance, lorsqu'ils nous paraîtront mériter l'attenion de nos lecteurs. (...) À la relation des faits nous ajouterons l'explication telle qu'elle ressort de l'ensemble des principes. Nous ferons remarquer à ce sujet que ces principes sont ceux qui découlent de l'enseignement même donné par les Esprits, et que nous ferons toujours abstraction de nos propres idées. Ce n'est donc point une théorie personnelle que nous exposerons, mais celle qui nous aura été communiquée, et dont nous ne serons que l'interprète."

[73] "les communications par coups frappés, autrement dit par la typtologie, sont trop lentes et trop incomplètes pour un travail d'aussi longue haleine; aussi n'avons-nous jamais employé ce moyen: tout a été obtenu par l'écriture et par l'intermédiaire de plusieurs médiums psychographes."

[74] Eram chamados de médiuns psicógrafos aqueles que transmitiam as comunicações espirituais por intermédio da escrita. Em *Obras Póstumas*, Kardec afirmou que, na elaboração da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, utilizou cerca de dez médiuns diferentes para a verificação das mensagens, principalmente para a incorporação de princípios mais polêmicos ao corpo do espiritismo (1890/1924, pp.

> Os primeiros médiuns que concorreram para o nosso trabalho foram as senhoritas B... [Baudin], cuja boa vontade jamais nos faltou. O livro foi quase todo escrito por seu intermédio e em presença de numeroso público que assistia às sessões, nas quais tinha o mais vivo interesse. Mais tarde os Espíritos recomendaram uma revisão completa em sessões particulares, tendo-se feito, então, todas as adições e correções que eles julgaram necessárias. Esta parte essencial do trabalho foi feita com o concurso da Senhorita Japhet, a qual se prestou com a melhor boa vontade e o mais completo desinteresse a todas as exigências dos Espíritos, porque eram eles que marcavam dia e hora para suas lições[75] (1858b, p. 36).

A utilização de diferentes médiuns na obtenção e verificação das comunicações mediúnicas foi a forma encontrada por Kardec para ter mais segurança quanto às informações que seriam publicadas.

A descrição da utilização dos médiuns oferece importantes elementos para o entendimento do método de Kardec. Ele justificou sua escolha pelos médiuns psicógrafos, clarificou seu principal procedimento para a elaboração da obra (perguntas e respostas) e mencionou outras fontes de dados empíricos (correspondências e coleta de materiais obtidos por outros grupos de pesquisa). Descreveu os critérios de fiabilidade (utilização de diversos médiuns, sendo dois principais para a aquisição das mensagens, irmãs Baudin, e outros médiuns para controlar a validade das informações, sendo Céline Japhet a mais utilizada para esse objetivo). A omissão dessas características de seu método na primeira obra espírita foi corrigida na segunda edição. Em março de 1860, Allan Kardec anunciou na *Revista Espírita* o lançamento da segunda edição de *O Livro dos Espíritos*. Ela seria uma obra refundida, incluindo uma parte suplementar "composta de todas as questões que não encontraram lugar naquela edição, ou que circunstâncias ulteriores e novos estudos tivessem originado"[76] (KARDEC, 1860f, p. 96).

208-10).

[75] "Les premiers médiums qui ont concouru à notre travail sont mesdemoiselles B*** dont la complaisance ne nous a jamais fait défaut: le livre a été écrit presque en entier par leur entremise et en présence d'un nombreux auditoire qui assistait aux séances et y prenait le plus vif intérêt. Plus tard, les Esprits en ont prescrit la révision complète dans des entretiens particuliers, pour y faire toutes les additions et corrections qu'ils ont jugées nécessaires. Cette partie essentielle du travail a été faite avec le concours de mademoiselle Japhet, qui s'est prêtée avec la plus grande complaisance et le plus complet désintéressement à toutes les exigences des Esprits, car ce sont eux qui assignaient les jours et heures de leurs leçons" (1858, p. 36).

[76] "composer de toutes les questions qui n'avaient pu y trouver place, ou que les circonstances ultérieures et de nouvelles études devaient faire naître."

3.3 TRANSIÇÃO METODOLÓGICA: A REESTRUTURAÇÃO DE *O LIVRO DOS ESPIRITOS* (1857-1860)

A segunda edição de *O Livro dos Espíritos* passou por uma remodelagem formal: recebeu uma nova parte, teve o número de questões aumentado de 501 para 1019[77] e deixou de apresentar a divisão das páginas em duas colunas. A replicação do texto em forma corrida foi retirada, mantendo apenas comentários a certas questões.

Em uma detalhada análise comparativa das edições, o filósofo Silvio Seno Chibeni (2002) afirma que, com essa supressão, Kardec buscava uma melhor formatação do livro, uma vez que, caso mantivesse essa estrutura na edição ampliada, teria um número de páginas que poderia inviabilizar a obra.

Os prolegômenos das duas edições tiveram a mesma estrutura de 18 parágrafos. Porém, Kardec inseriu uma série de modificações. Algumas das mais importantes envolvem os aspectos metodológicos, conforme destacamos a seguir:

> Nota [da 2ª edição] – Os princípios contidos neste livro resultam, seja das respostas dadas pelos Espíritos[78] às questões diretas que lhes foram propostas em diversas épocas e por meio de um grande número de médiuns, seja das instruções que espontaneamente deram a nós ou a outras pessoas, acerca dos assuntos que ele abrange. O material foi organizado de maneira a formar um conjunto regular e metódico, e só foi entregue ao público depois de ter sido cuidadosamente revisto várias vezes e corrigido pelos próprios Espíritos[79] (KARDEC, 1860, p. 30).

Na nova edição, elementos referentes ao método relatados na *Revista Espírita* do mês de janeiro foram adicionados à nota. O crédito das informações a "um grande número de médiuns", provenientes de diversos lugares e em diferentes ocasiões, sugere que Kardec buscava enfatizar características científicas do espiritismo, como a generalidade da obtenção de dados empíricos. Chibeni (2002) acrescenta que, em 1860,

---

[77] Ou 1018, pois o número 1011 não vem acompanhado de pergunta. Houve provavelmente um erro na edição que foi mantido nas edições posteriores.

[78] A palavra *esprit* (espírito) passou a ser grafada com a letra inicial maiúscula na 2ª edição. Sobre essa alteração, Silvio Chibeni explica que "na língua francesa o uso de iniciais maiúsculas é mais restrito do que em português, e no presente caso não se justificaria senão pela intenção de Kardec de diferençar as 'individualidades dos seres extracorpóreos' – *E*spíritos – do 'elemento inteligente universal' – *e*spírito" (CHIBENI, 2002).

[79] "NOTA. - Les principes contenus dans ce livre résultent, soit des réponses faites par les Esprits aux questions directes qui leur ont été proposées à diverses époques et par l'entremise d'un grand nombre de médiums, soit des instructions données par eux spontanément à nous ou à d'autres personnes sur les matières qu'il renferme. Le tout a été coordonné de manière à présenter un ensemble régulier et méthodique, et n'a été livré à la publicité qu'après avoir été soigneusement revu à plusieurs reprises et corrigé par les Esprits eux-mêmes".

Kardec dispunha de um número muito maior de comunicações mediúnicas do que em 1857, tornando-se patente o papel desse novo material no processo de elaboração de sua teoria. Outras importantes alterações no texto também puderam ser observadas.

Na folha de rosto da primeira edição pode-se ler que o livro tinha sido "escrito e publicado conforme o ditado (*dictés*) e a ordem de espíritos superiores por Allan Kardec"[80] (KARDEC, 1857). Já na segunda, lê-se: "Segundo as informações (*enseignement*) dadas por espíritos superiores com o concurso de diversos médiuns e postos em ordem por Allan Kardec"[81] (KARDEC, 1860). Segundo a interpretação de Chibeni, a palavra *dictés* poderia dar a ideia de que o livro foi entregue pronto pelos espíritos, e a sua substituição por *enseignement* permitiria maior autonomia de interpretação daquele que o recebeu, pois no idioma francês a palavra denota mais uma "informação" do que um "ensinamento" (CHIBENI, 2002a).

A palavra *ordre* permaneceu nas duas folhas de rosto, mas com sentidos completamente diferentes. Na primeira, ela oferece a ideia de mando. Kardec teria recebido a ordem dos espíritos superiores para publicar a obra ditada por eles. Na segunda, esse sentido desapareceu. A palavra passou a significar "organizar", ou seja, pôr em ordem as informações dadas pelos espíritos superiores recebidas através de diversos médiuns.

Em outra passagem, Kardec realizou novas mudanças em seu texto que interferiram na reconstituição racional de seu método, como a da apresentação dos objetivos de *O Livro dos Espíritos.* Na segunda edição ele escreveu:

> Este livro [...] foi escrito por ordem e sob o ditado de espíritos superiores para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, livre dos preconceitos do espírito de sistema. Nada contém que não seja a expressão do pensamento deles e que não tenha sido por eles examinado. Só a ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como as notas e a forma de algumas partes da redação constituem obra daquele que recebeu a missão de o publicar[82] (1860, p. 29).

[80] "écrit sous la dictés et publié par l'ordre d'esprits supérieurs par Allan Kardec".

[81] "selon l'enseignement donné par les Esprits supérieurs à l'aide de divers médiums recueillis et mis en ordre par Allan Kardec".

[82] "Ce livre est le recueil de leurs enseignements; il a été écrit par l'ordre et sous la dictée d'Esprits supérieurs pour établir les fondements d'une philosophie rationnelle, dégagée des préjugés de l'esprit de système; il ne renferme rien qui ne soit l'expression de leur pensée et qui n'ait subi leur contrôle. L'ordre et la distribution méthodique des matières, ainsi que les remarques et la forme de quelques parties de la rédaction sont seuls l'oeuvre de celui qui a reçu mission de le publier".

Kardec substituiu o trecho "verdadeira doutrina espírita, isenta de erros e de preconceitos", da primeira edição, por "filosofia racional, livre dos preconceitos do espírito de sistema". A mudança nos sugere que o livro deixou de ser expressão de um conhecimento "verdadeiro e isento de erros e preconceitos" para ser uma "filosofia racional", definida por um dos principais dicionários da época como aquela "que busca as causas dos fatos" (LACHÂTRE, 1869, p. 1036).

Quanto a sua postura perante as mensagens atribuídas aos espíritos superiores, também houve uma modificação importante. Na segunda edição, foi alterada a citação creditada aos espíritos:

> Ocupa-te com zelo e perseverança do trabalho que empreendeste com o nosso concurso, pois este trabalho é nosso. Nele pusemos as bases do novo edifício que se eleva e deve um dia reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e de caridade. Mas, antes de o divulgares, nós o reveremos em conjunto, a fim de controlar todos os detalhes[83] (1860, p. 29).

Se, em um primeiro momento, a obra era atribuída exclusivamente aos espíritos, não contendo "nada que não seja a expressão de nosso [dos espíritos] pensamento e da verdade...", na segunda edição eles desempenhariam a função de revisores dos novos textos que iriam compor o "edifício" espírita. Conforme percebemos no trecho: "antes de o divulgares, nós o reveremos em conjunto, a fim de controlar todos os detalhes". Essa visão se consolidou na segunda edição de *O Livro dos Espíritos*.

Entre as possíveis explicações para as transformações em seu texto, podemos especular a repercussão positiva que *O Livro dos Espíritos* obteve em sua primeira edição. O contato com uma vasta gama de correspondentes pelo mundo e a criação da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, em abril de 1858, também permitiram que Kardec tivesse conhecimento de fatos empíricos e informações das manifestações mediúnicas em outras regiões interpretadas por outros pesquisadores, possibilitando a correção de informações, conceitos e o desenvolvimento de sua teoria.

Apresentado como um conhecimento progressivo, o espiritismo ganhou ênfase em seu aspecto empírico. Em seus relatos, Kardec alertava seus leitores dos cuidados a

[83] "Occupe-toi avec zèle et persévérance du travail que tu as entrepris avec notre concours, car ce travail est le nôtre. Nous y avons posé les bases du nouvel édifice qui s'élève et doit un jour réunir tous les hommes dans un même sentiment d'amour et de charité; mais avant de le répandre, nous le reverrons ensemble, afin d'en contrôler tous les détails."

serem tomados na análise de uma comunicação mediúnica. A busca por meios de obter informações mais confiáveis para o desenvolvimento de seu programa de pesquisa teria gerado o "controle universal das informações dos Espíritos", importante elemento metodológico.

3.4 TRANSIÇÃO METODOLÓGICA: O CONTROLE UNIVERSAL DAS INFORMAÇÕES DOS ESPÍRITOS

Desde o lançamento de sua primeira obra, Kardec se preocupava com a classificação das comunicações mediúnicas. Para ele, um dos elementos fundamentais que as distinguiam era a linguagem e o caráter delas, bem como a profundidade de seu pensamento (KARDEC, 1857, p. 22). Em artigo de março de 1858, Kardec ofereceu novos indícios sobre a utilização desse método. Ao presenciar diferentes comunicações, iniciava a análise pela apreciação esmiuçada das informações existentes nas mensagens, conforme vemos a seguir:

> Se só devemos crer no que vemos, creremos em pouca coisa. O que neste caso dá certo valor ao que dizem os Espíritos é a correlação existente entre eles, pelo menos quanto aos pontos capitais. Para nós, que temos testemunhado estas comunicações centenas de vezes; que as apreciamos nos seus mínimos detalhes; que lhes sondamos os pontos fracos e fortes; que observamos as similitudes e as contradições, nelas achamos todos os caracteres da probabilidade. Contudo, não as damos senão como informações e a título de ensinamentos, aos quais cada um será livre de dar a importância que melhor lhe parecer[84] (1858h, p. 70).

As mensagens atribuídas aos espíritos não seriam aceitas imediatamente, mas sim analisadas como fontes de informações que deveriam ser interpretadas em suas semelhanças e contradições. Com a observação e comparação dos fatos, estabelecer-se-iam as regras, as classificações e os princípios constituintes da teoria espírita.

Segundo Kardec, essa estratégia foi adotada pelas ciências estabelecidas na época –como a botânica, a zoologia, a fisiologia e a medicina – para eliminar as anomalias existentes ou para gerar novos princípios (1858i, p. 210). No caso do

[84] "Si nous ne devions croire que par nos yeux, nous ne croirions pas grand chose. Ce qui donne ici un certain poids au dire des Esprits, c'est la corrélation qui existe entre eux, au moins quant aux points principaux. Pour nous qui avons été cent fois témoins de ces communications, qui avons pu les apprécier dans les moindres détails, qui en avons scruté le fort et le faible, observé les similitudes et les contradictions, nous y trouvons tous les caractères de la probabilité; toutefois, nous ne les donnons que sous bénéfice d'inventaire, à titre de renseignements auxquels chacun sera libre d'attacher l'importance qu'il jugera à propos".

espiritismo, o objetico era criar regras eficazes para eliminar as contradições existentes na linguagem dos espíritos que causavam incerteza sobre o real valor das comunicações. Ele resumiu as contradições em sete pontos principais:

> 1º. ─ O grau de ignorância ou de saber dos Espíritos aos quais nos dirigimos;
> 2º. ─ O embuste dos Espíritos inferiores que podem, por malícia, ignorância ou malevolência, tomando um nome de empréstimo, dizer coisas contrárias às que alhures foram ditas pelo Espírito cujo nome usurparam;
> 3º. ─ As falhas pessoais do médium, que podem influir sobre as comunicações e alterar ou deformar o pensamento do Espírito;
> 4º. ─ A insistência por obter uma resposta que um Espírito se recusa a dar, e que é dada por um Espírito inferior;
> 5º. ─ A própria vontade do Espírito, que fala conforme o momento, o lugar e as pessoas e pode julgar conveniente nem tudo dizer a toda gente;
> 6º. ─ A insuficiência da linguagem humana para exprimir as coisas do mundo incorpóreo;
> 7º. ─ A interpretação que cada um pode dar a uma palavra ou a uma explicação, de acordo com as suas ideias, os seus preconceitos ou o ponto de vista sob o qual encara o assunto[85] (1858i, p. 223).

Kardec reconhecia que a variabilidade das informações obtidas através de médiuns era um obstáculo à teoria espírita (KARDEC, 1857, pp. 22-3), por isso ressaltava a necessidade de estabelecer critérios para filtrar as comunicações úteis e informativas das demais. A psicografia seria o melhor modo de obter informações mediúnicas, mas possuiria riscos que poderiam ser contornados adotando-se algumas diretrizes de abordagem das fontes empíricas (KARDEC, 1858j, p. 13).

Ele chamava a atenção para a quantidade e qualidade das informações. Seria um equívoco estabelecer um princípio fundado em apenas uma fonte empírica. Um pesquisador deveria estar aberto para acolher e analisar variadas mensagens, excluindo o conteúdo que estivesse em contradição. A interferência do médium no conteúdo dos textos também deveria ser levada em consideração. Por isso, ressaltava a necessidade de

---

[85] "1° Le degré d'ignorance ou de savoir des Esprits auxquels on s'adresse;
2° La supercherie des Esprits inférieurs qui peuvent, en prenant des noms d'emprunt, dire, par malice, ignorance ou méchanceté, le contraire de ce qu'a dit ailleurs l'Esprit dont ils ont usurpé le nom;
3° Les défauts personnels du médium, qui peuvent influer sur la pureté des communications, altérer ou travestir la pensée de l'Esprit;
4° L'insistance pour obtenir une réponse qu'un Esprit refuse de donner, et qui est faite par un Esprit inférieur;
5° La volonté de l'Esprit même, qui parle selon les temps, les lieux et les personnes, et peut juger utile de ne pas tout dire à tout le monde;
6° L'insuffisance du langage humain pour exprimer les choses du monde incorporel;
7° L'interprétation que chacun peut donner d'un mot ou d'une explication, selon ses idées, ses préjugés ou le point de vue sous lequel il envisage la chose."

receber mensagens de diferentes médiuns, que deveriam ser analisadas por diferentes pessoas, de forma a evitar interpretações errôneas (KARDEC, 1858j).

Esses critérios metodológicos receberam uma análise mais detida em abril de 1864, no artigo *Autorité de la doctrine spirite. Contrôle universel de l'enseignement des Esprits* (Autoridade da doutrina espírita. Controle universal das informações dos espíritos).[86] Nele, Kardec afirmou: "uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares"[87] (KARDEC, 1864c, p. 102).

Em maio de 1863, Kardec afirmou já ter recebido por volta de 3600 cartas com comunicações mediúnicas de seus correspondentes, das quais somente 100 teriam qualidade suficiente para serem publicáveis (KARDEC, 1863b, p. 156). Essa base empírica de dados partiria de cerca de mil centros espíritas em todo o mundo[88] (KARDEC, 1864d, p. 69). O controle da concordância permitiria estabelecer com maior segurança os novos princípios que se agregariam à teoria espírita, conforme percebemos a seguir:

> Em geral, nunca haveria excesso de prudência em relação a teorias novas, sobre as quais poderíamos ter ilusões. Assim, quantas vimos, desde a origem do Espiritismo que, entregues prematuramente à publicidade, só tiveram uma existência efêmera! Assim será com todas as que apenas tiverem caráter individual e não houverem passado pelo controle da concordância. Em nossa posição, estamos em condições de ver os princípios sobre os quais houve concordância. Foi esta observação que nos guiou até hoje e nos guiará igualmente nos novos campos que o Espiritismo é chamado a explorar. É assim que, desde algum tempo, notamos nas comunicações, vindas de vários lados, tanto da França quanto do estrangeiro, uma tendência para entrarem numa via nova, por meio de revelações de uma natureza toda especial.
>
> Sem essa concordância, quem poderia estar seguro de ter a verdade? A razão, a lógica, o raciocínio, sem dúvida são os primeiros meios de controle que devem ser usados; em muitos casos isto basta. Mas quando se trata de um princípio importante, da emissão de uma idéia nova, haveria presunção em crer-se infalível na apreciação das coisas. É, aliás, um dos caracteres distintivos da revelação nova o ser feita em toda parte e ao mesmo tempo; assim ocorreu com

[86] Esse artigo consta da Introdução do livro *Imitation de l'Évangile Selon le Spiritisme* (1864), obra que foi renomeada em sua segunda edição para *L'Évangile Selon le Spiritisme.*

[87] "La seule garantie sérieuse est dans la concordance qui existe entre les révélations faites spontanément, par d'entremise d'un grand nombre de médiums étrangers les uns aux autres, et dans diverses contrées".

[88] Segundo levantamento realizado por Washington Fernandes acerca dos núcleos espíritas que se correspondiam com Kardec a partir de pesquisas na Revista Espírita e na obra O Céu e o Inferno, foram encontradareferências a 268 localidades de 37 países de quatro continentes (Europa, América, África e Ásia), sendo que várias destas localidades continham mais de um núcleo espírita.

> as diversas partes da doutrina. O controle universal é uma garantia para a futura unidade da doutrina[89] (KARDEC, 1864d, pp. 68-9).

Embora Kardec já tenha usado como critério de fiabilidade o fato de uma mesma informação ter sido obtida por diversos médiuns, desta vez esse argumento foi redimensionado, tornando-se um dos principais métodos de captação de dados empíricos confiáveis. Além disso, Kardec impôs limites para a confiança nessas informações, desenvolvendo novos critérios no intuito de melhor selecionar os dados recebidos:

> O primeiro controle é sem contradita, o da razão, ao qual cumpre se submeta, sem exceção, tudo o que venha dos Espíritos. Toda teoria em manifesta contradição com o bom-senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos já adquiridos, deve ser rejeitada, por mais respeitável que seja o nome que traga como assinatura[90] (KARDEC, 1864c, p. 102).

Superada a fase analítica do conteúdo das comunicações, o segundo controle seria iniciado: o da concordância entre as mensagens mediúnicas. Kardec explicava que esse princípio possuía diferentes condições de fiabilidade:

> A mais fraca de todas ocorre quando um médium, a sós, interroga muitos espíritos acerca de um ponto duvidoso. [...] Tampouco garantia alguma suficiente haverá na conformidade que apresente o que se possa por diversos médiuns, num mesmo centro [...]. Prova a experiência que, quando um princípio novo tem de ser anunciado, isso se dá *espontaneamente* em diversos pontos ao mesmo tempo e de modo idêntico, senão quanto à forma, quanto ao fundo (KARDEC, 1864c, pp. 102-3, grifos do autor).

---

[89] "En général, on ne saurait apporter trop de prudence en fait de théories nouvelles sur lesquelles on peut se faire illusion; aussi combien en a-t-on vu, depuis l'origine du Spiritisme, qui, prématurément livrées à la publicité, n'ont eu qu'une existence éphémère ! Ainsi en sera-t-il de toutes celles qui n'auront qu'un caractère individuel et n'auront pas subi le contrôle de la concordance. En notre position, (...) nous sommes à même de voir les principes sur lesquels cette concordance s'établit; c'est cette observation qui nous a guidé jusqu'à ce jour, et c'est également celle qui nous guidera dans les nouveaux champs que le Spiritisme est appelé à explorer. C'est ainsi que, depuis quelque temps, nous remarquons dans les communications venues de divers côtés, tant de la France que de l'étranger, une tendance à entrer dans une voie nouvelle, par des révélations d'une nature toute spéciale. [...] Sans cette concordance, qui est-ce qui pourrait être assuré d'avoir la vérité? La raison, la logique, le jugement, sont sans doute les premiers moyens de contrôle dont il faut faire usage; en beaucoup de cas cela suffit; mais quand il s'agit d'un principe important, de l'émission d'une idée nouvelle, il y aurait présomption à se croire infaillible dans l'appréciation des choses; c'est d'ailleurs un des caractères distinctifs de la révélation nouvelle, d'être faite sur tous les points à la fois; ainsi en est-il des diverses parties de la doctrine. (...) Ce contrôle universel est une garantie pour l'unité future de la doctrine."

[90] "Le premier contrôle est sans contredit celui de la raison, auquel il faut soumettre, sans exception, tout ce qui vient des Esprits; toute théorie en contradiction manifeste avec le bon sens, avec une logique rigoureuse, et avec les données positives que l'on possède, de quelque nom respectable qu'elle soit signée, doit être rejetée."

Entre 1858 e 1864, percebe-se a movimentação de Kardec para adicionar novos elementos na descrição de sua metodologia que pudessem atender, de forma eficaz, o grande volume de dados empíricos que contribuíram na elaboração de sua teoria. Nesse sentido, era necessário estabelecer critérios metodológicos claros que balizassem o desenvolvimento do espiritismo perante o crescente número de adeptos e colaboradores.

Os aspectos metodológicos descritos na primeira edição de *O Livro dos Espíritos* deram lugar a elementos que se aproximavam das ciências do século XIX. O controle universal das informações dos supostos espíritos representou um marco no processo de transição de uma epistemologia mais restrita à revelação espiritual para uma mais voltada à revelação científica. Esse aspecto metodológico se assemelha com a replicabilidade de observações e de experimentos na ciência convencional, no sentido de que tornava possível a checagem dos princípios teóricos obtidos nas comunicações mediúnicas por médiuns, desconhecidos uns dos outros, de diversas regiões do mundo.

Diversos analistas da obra de Kardec sugerem que, apesar das afirmações de Kardec acerca da base empírica que constituíria o espiritismo, na prática, a exposição de sua filosofia se assemelharia mais com uma dedução metafísica do que com a indução científica (MONROE, 2008, pp. 110-1). Haveria uma grande subjetividade na seleção dos documentos. Kardec escolheria comunicações as quais aceitava como verdade, rejeitando outras pretensas mensagens do além que contradiziam sua opinião (AKSAKOF, 1876). Este conflito pode se dever ao fato de frequentemente se tomar o modo de exposição dos princípios espíritas utilizado por Kardec em seus livros como se fosse o modo pelo qual ele chegou a estes princípios. Os livros são obras de sistematização e divulgação dos princípios espíritas, enquanto a Revista Espírita permite compreender melhor o processo de elaboração desses princípios.

Em 1867, no decênio da publicação de *O Livro dos Espíritos*, Kardec lançaria seu último olhar retrospectivo acerca da elaboração do espiritismo. Ele publicou o artigo *Caractères de la révélation spirite* (Caracteres da revelação espírita). Nele, ratificou o controle universal do ensino dos espíritos, mas acrescentou novos elementos de análise.

3.5 A SEGUNDA RECONSTRUÇÃO METODOLÓGICA: O DUPLO CARÁTER DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

O texto *Caractères de la révélation spirite* foi fruto de uma longa elaboração e recebeu destaque de seu autor. Uma versão preliminar com alguns esboços sobre o tema

foi publicada na *Revista Espírita* em abril de 1866 sob o título *Da revelação*. Depois, o texto completo foi publicado na *Revista Espírita* de setembro de 1867. Com pequenas modificações, ele foi transformado no primeiro capítulo do livro *A Gênese* (janeiro de 1868). Na introdução do livro, Kardec deu especial destaque a esse capítulo:

> pareceu-nos necessário definir claramente os papéis respectivos dos Espíritos e dos homens na elaboração da nova doutrina. Essas considerações preliminares, que a escoimam de toda ideia de misticismo, fazem objeto do primeiro capítulo, intitulado: Caracteres da revelação espírita. Pedimos séria atenção para esse ponto, porque, de certo modo, está aí o nó da questão[91] (KARDEC, 1868, p. 3).

A partir de fevereiro de 1868, ele passou a publicar o texto *Caractères de la révélation spirite* em uma separata em formato brochura, vendida por poucos centavos, de modo a facilitar a divulgação desse conteúdo, pois ele era "próprio para dar a conhecer o verdadeiro caráter da Doutrina Espírita"[92] e permitia a "refutação de certas críticas"[93] (KARDEC, 1868a, p. 63).

Kardec, logo no início desse texto, ampliou o conceito de revelação para "qualquer coisa ignota que é divulgada"[94] (KARDEC, 1868, p. 5), visto que, etimologicamente, revelação significaria tirar o véu, descobrir, fazer conhecer uma coisa desconhecida. Assim, "deste ponto de vista, todas as ciências [...] são revelações"[95] (KARDEC, 1868, p. 5).

Para Kardec, haveria dois tipos de revelação: as científicas, como as descobertas científicas de Copérnico, Newton e Galileu; e as religiosas, como as realizadas por profetas como Moisés, ao trazer os dez mandamentos, acrescentando que "no sentido especial da fé religiosa [...], a revelação implica a passividade absoluta e é aceita sem verificação, sem exame, nem discussão"[96] (KARDEC, 1868, p. 8).

O espiritismo seria, segundo Kardec, uma revelação com ambas as características: divina e científica: "*o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina*

---

[91] "Avant d'entrer en matière, il nous a paru nécessaire de définir nettement le rôle respectif des Esprits et des hommes dans l'œuvre de la doctrine nouvelle; ces considérations préliminaires, qui en écartent toute idée de mysticisme, font l'objet du premier chapitre, intitulé: *Caractères de la révélation spirite*; nous appelons sur ce point une attention sérieuse, parce que là est, en quelque sorte, le nœud de la question."
[92] "propre à faire connaître le véritable caractère de la doctrine spirite".
[93] "réfutation de certaines critiques".
[94] "toute chose ignorée qui est mise au jour".
[95] "À ce point de vue, toutes les sciences […] sont des révélations".
[96] "Dans le sens spécial de la foi religieuse, la révélation implique la passivité absolue; on l'accepte sans contrôle, sans examen, sans discussion".

a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem"[97] (KARDEC, 1868, p. 10, grifo do autor).

O espiritismo seria entendido como uma revelação divina "porque foi providencial o seu aparecimento e não o resultado da iniciativa, nem de um desígnio premeditado do homem; porque os pontos fundamentais da doutrina são o fato da informação que deram os Espíritos"[98] (KARDEC, 1868, p. 10). A revelação científica se daria de forma complementar, por meio do trabalho de observação e pesquisa, deduzindo hipóteses através das informações fornecidas pelos médiuns. Assim, o espiritismo seria também uma revelação científica:

> por não ser essa informação privilégio de indivíduo algum, mas ministrado a todos do mesmo modo; por não serem os que o transmitem e os que o recebem seres passivos, dispensados do trabalho da observação e da pesquisa, por não renunciarem ao raciocínio e ao livre-arbítrio; porque não lhes é interdito o exame, mas, ao contrário, recomendado; enfim, porque a doutrina não foi ditada completa, nem imposta à crença cega; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as ilações e aplicações[99] (KARDEC, 1868, p. 10).

Nesse sentido, a revelação divina e a revelação científica seriam complementares. Kardec entendia por revelação divina o fenômeno das mesas girantes, que teria exposto a existência dos espíritos e a possibilidade da comunicação com os mortos (KARDEC, 1868, p. 227). A revelação científica seria fruto da observação desses fenômenos, com base nos quais foram formulados os princípios que compuseram a teoria espírita. Kardec complementou, aprofundando sua concepção metodológica:

> como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental [...]. *Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida;* [...] Não foram os fatos que vieram *a posteriori* confirmar a teoria: a teoria é que veio subsequentemente explicar e resumir os fatos. É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma

[97] "ce qui caractérise la révélation spirite, c'est que la source en est divine, que l'initiative appartient aux Esprits, et que l'élaboration est le fait du travail de l'homme".
[98] "en ce que son avènement est providentiel, et non le résultat de l'initiative et d'un dessein prémédité de l'homme; que les points fondamentaux de la doctrine sont le fait de l'enseignement donné par les Esprits".
[99] "Notre rôle personnel […] en ce que cet enseignement n'est le privilège d'aucun individu, mais qu'il est donné à tout le monde par la même voie; que ceux qui le transmettent et ceux qui le reçoivent ne sont point des êtres *passifs*, dispensés du travail d'observation et de recherche; qu'ils ne font point abnégation de leur jugement et de leur libre arbitre; que le contrôle ne leur est point interdit, mais au contraire recommandé; enfin, que la doctrine n'a point été *dictée de toutes pièces, ni imposée à la croyance aveugle*; qu'elle est déduite, par le travail de l'homme, de l'observation des faits que les Esprits mettent sous ses yeux, et des instructions qu'ils lui donnent, instructions qu'il étudie, commente, compare, et dont il tire lui-même les conséquences et les applications."

> ciência de observação e não produto da imaginação[100] (KARDEC, 1868, pp. 10-1. grifos do autor).

Kardec chamava seu método de experimental por se basear na experiência, no sentido de observação e de empiria, e não em experiências de laboratório, nas quais se baseavam algumas das ciências positivas do período, como a física e a química. Por meio desse método, Kardec consolidou-se como ativo construtor da teoria espírita, conforme pode-se ler no trecho:

> O nosso papel pessoal [...] é o de um observador atento, que estuda os fatos para lhes descobrir a causa e tirar-lhes as consequências. Confrontamos todos os [fatos] que nos têm sido possível reunir, comparamos e comentamos as instruções dadas pelos Espíritos em todos os pontos do globo e depois coordenamos metodicamente o conjunto; em suma, estudamos e demos ao público o fruto das nossas indagações[101] (KARDEC, 1868, p. 23).

Ao qualificar-se como observador cuidadoso e meticuloso que observava um amplo leque de dados empíricos para elaborar e testar hipóteses, Kardec se aproximava da função de cientista, termo criado, provavelmente, pelo inglês William Whewell em 1834, que se difundiu durante o restante do século XIX.

O papel dos espíritos no desenvolvimento de sua teoria também foi reinterpretado nessa última reconstrução. Nela, é acentuado que, na elaboração do espiritismo, os espíritos "são mais *colaboradores* seus do que *reveladores"* (KARDEC, 1868, p. 31), conforme os seguintes trechos:

> Sendo os Espíritos unicamente as almas dos homens, comunicando-nos com eles *não saímos fora da Humanidade*, circunstância capital a considerar-se. [...] Apenas, são invisíveis, em vez de serem visíveis; essa a única diferença. [...] O meio em que se encontram lhes permite, ao demais, iniciar-nos nas coisas, que ignoramos, relativas à vida futura e que não podemos aprender no meio em que estamos. Até ao presente, o homem apenas formulara hipóteses sobre o seu porvir. [...] Hoje, são as testemunhas oculares, os próprios atores da

[100] "Comme moyen d'élaboration, le Spiritisme procède exactement de la même manière que les sciences positives, c'est-à-dire qu'il applique la méthode expérimentale. [...] *Il n'établit aucune théorie préconçue*; il a conclu à l'existence des Esprits lorsque cette existence est ressortie avec évidence de l'observation des faits, et ainsi des autres principes. Ce ne sont point les faits qui sont venus après coup confirmer la théorie, mais la théorie qui est venue subséquemment expliquer et résumer les faits. Il est donc rigoureusement exact de dire que le Spiritisme est une science d'observation, et non le produit de l'imagination."

[101] "un observateur attentif qui étudie les faits pour en chercher la cause et en tirer les conséquences. Nous avons confronté tous ceux qu'il nous a été possible de rassembler; nous avons comparé et commenté les instructions données par les Esprits sur tous les points du globe, puis nous avons coordonné le tout méthodiquement; en un mot, nous avons étudié et donné au public le fruit de nos recherches".

> vida de além-túmulo que nos vêm dizer em que se tornaram e só *eles o podiam fazer*.[102] (KARDEC, 1868, pp. 31-4, grifos no original)

Essa visão que naturalizava as informações obtidas dos supostos espíritos foi se consolidando através de sua obra, apresentando fortes diferenças quando comparadas com *O Livro dos Espíritos* de 1857, onde se acentuava seu papel de "secretário" ou "editor*"* dos espíritos. Em relação às suas publicações, Kardec enfatizava o caráter empírico de apuro das informações que integravam novos princípios do espiritismo:

> todas as opiniões são discutidas, mas as questões somente são apresentadas em forma de princípios, depois de haverem recebido a consagração de todas as comprovações, as quais, só elas, lhes podem imprimir força de lei e permitir afirmações[103] (KARDEC, 1868, p. 28).

Para ele, a inclusão de novos princípios à teoria espírita por meio de critérios apoiados por fatos tornaria o espiritismo essencialmente progressivo, como as ciências de observação. Kardec aplicou tais características à jornada percorrida pelo espiritismo.

> O Espiritismo, pois, não estabelece como princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. [...] assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam assumido o estado de *verdades práticas* e abandonado o domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria. [...] *Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará*[104] (KARDEC, 1868, p. 30, grifos do autor).

---

[102] "Les Esprits n'étant autres que les âmes des hommes, en communiquant avec eux *nous ne sortons pas de l'humanité*, circonstance capitale à considérer. [...] ils sont invisibles au lieu d'être visibles, voilà toute la différence. […] Le milieu dans lequel ils se trouvent leur permet en outre de nous initier aux choses de la vie future que nous ignorons, et que nous ne pouvons apprendre dans celui où nous sommes. Jusqu'à ce jour, l'homme n'avait créé que des hypothèses sur son avenir. […] Aujourd'hui, ce sont les témoins oculaires, les acteurs mêmes de la vie d'outre-tombe, qui viennent nous dire ce qu'il en est, *et qui seuls pouvaient le faire*."

[103] "Tel est l'objet de nos publications, qui peuvent être considérées comme le résultat de ce dépouillement. Toutes les opinions y sont discutées, mais les questions ne sont formulées en principes qu'après avoir reçu la consécration de tous les contrôles qui, seule, peut leur donner force de loi, et permettre d'affirmer. Voilà pourquoi nous ne préconisons légèrement aucune théorie, et c'est en cela que la doctrine, procédant de l'enseignement général, n'est point le produit d'un système préconçu; c'est aussi ce qui fait sa force et assure son avenir."

[104] "Le Spiritisme ne pose donc en principe absolu que ce qui est démontré avec évidence, ou ce qui ressort logiquement de l'observation. [...] Il s'assimilera toujours toutes les doctrines progressives, de quelque ordre qu'elles soient, arrivées à l'état de *vérités pratiques*, et sorties du domaine de l'utopie, sans cela il se suiciderait [...] *Le Spiritisme, marchant avec le progrès, ne sera jamais débordé, parce que, si*

Ao lançar um olhar retrospectivo da repercussão de sua primeira obra, Kardec ressaltou o fato de *O Livro dos Espíritos* ter permanecido inalterado em seus pontos cruciais, continuando como alicerce da edificação do espiritismo. Refletindo sobre a progressividade de sua teoria:

> A primeira obra que levou o Espiritismo a ser considerado de um ponto de vista filosófico, pela dedução das consequências morais dos fatos; que considerou todas as partes da Doutrina, tocando nas questões mais importantes que ela suscita, foi, desde o seu aparecimento, o ponto para onde convergiram espontaneamente os trabalhos individuais. É notório que da publicação desse livro data a era do Espiritismo filosófico, até então conservado no domínio das experiências curiosas. Se esse livro conquistou as simpatias da maioria é que exprimia os sentimentos dela, correspondia às suas aspirações e encerrava também a confirmação e a explicação racional do que cada um obtinha em particular. Se estivesse em desacordo com a informação geral dos Espíritos, teria caído no descrédito e no esquecimento. [...]
>
> Essa espontânea concentração de forças dispersas deu lugar a uma amplíssima correspondência, monumento único do mundo, quadro vivo da verdadeira história do Espiritismo moderno, onde se refletem ao mesmo tempo os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que a Doutrina fez nascer, os resultados morais, as dedicações, os desfalecimentos; arquivos preciosos para a posteridade, que poderá julgar os homens e as coisas através de documentos autênticos[105] (KARDEC, 1868, p. 27).

Em síntese, Carlos Chagas parece ter alterado o método de descoberta da doença de Chagas por razões políticas, visando a resguardar seu cargo e a difusão da pesquisa sobre a doença. No caso de Albert Einstein, a adaptação de seu discurso teria sido feita para atender as expectativas da comunidade científica e consolidar a teoria da relatividade por meio do experimento de Michelson. Havia também a explicação de S.

---

de nouvelles découvertes lui démontraient qu'il est dans l'erreur sur un point, il se modifierait sur ce point; si une nouvelle vérité se révèle, il l'accepte".

[105] "le premier ouvrage qui ait fait entrer le Spiritisme dans la voie philosophique, par la déduction des conséquences morales des faits, qui ait abordé toutes les parties de la doctrine, en touchant aux questions les plus importantes qu'elle soulève, a été, dès son apparition, le point de ralliement vers lequel ont spontanément convergé les travaux individuels. Il est de notoriété que, de la publication de ce livre, date l'ère du Spiritisme philosophique, resté jusque-là dans le domaine des expériences de curiosité. Si ce livre a conquis les sympathies de la majorité, c'est qu'il était l'expression des sentiments de cette même majorité, et qu'il répondait à ses aspirations; c'est aussi parce que chacun y trouvait la confirmation ou une explication rationnelle de ce qu'il obtenait en particulier. S'il avait été en désaccord avec l'enseignement général des Esprits, il n'aurait eu aucun crédit, et serait promptement tombé dans l'oubli.

Cette concentration spontanée des forces éparses, a donné lieu à une correspondance immense, monument unique au monde, tableau vivant de la véritable histoire du Spiritisme moderne, où se reflètent à la fois les travaux partiels, les sentiments multiples qu'a fait naître la doctrine, les résultats moraux, les dévouements et les défaillances; archives précieuses pour la postérité qui pourra juger les hommes et les choses sur des pièces authentiques."

W. Woolgar, que colocava as diferentes reconstruções racionais como uma série lógica de uma descoberta ou desenvolvimento da teoria científica.

Hipotetizamos que as reconstruções racionais de Allan Kardec estão provavelmente mais próximas da terceira explicação. Kardec estaria adaptando sua metodologia ao dinamismo que o espiritismo ganhou entre 1858 e 1868. Em 1857, segundo Kardec, ele dispunha de aproximadamente dez médiuns, ao passo que, em 1864, reunia em sua correspondência milhares de comunicações oriundas de centenas de cidades de dezenas de países (FERNANDES, 2004).

As mudanças e acréscimos metodológicos encontrados nas reconstruções racionais do espiritismo podem ser explicados pela busca por novos elementos que pudessem contemplar o grande volume de dados empíricos. Esse volume significava, por um lado, novas fontes para a elaboração de sua teoria; por outro, havia o problema da fiabilidade das informações recebidas. Nesse sentido, sugere-se que foram estabelecidos critérios metodológicos e epistemológicos mais claros como forma de orientar o desenvolvimento do espiritismo perante o crescente número de adeptos e colaborares, como a universalidade dos ensinos dos espíritos. Esses critérios parecem buscar uma maior aproximação do espiritismo com as ciências positivas.

Ainda que esses aspectos possam ser identificados em sua obra desde 1858, ainda é marcante em pesquisas históricas e mesmo entre os estudiosos adeptos do espiritismo o papel de Kardec como o « codificador » do espiritismo. Kardec não se limitou a ser um editor das mensagens fornecidas pelos médiuns (CHIBENI, 2002a). O termo ‘‘codificador’’, no sentido de compilador de uma obra, utilizado como epíteto para Kardec não corresponderia ao seu papel na constituição do espiritismo, conforme está relatado em sua segunda reconstrução racional.

As reconstruções metodológicas de Kardec preparam o terreno para uma análise mais aprofundada da elaboração do espiritismo, que abre campo para análises futuras. A primeira reconstrução racional, com um tom mais místico-religioso, é bastante difundida entre os adeptos do espiritismo; já a visão com ênfase racional e científica consolidada na segunda reconstrução parece-nos mais presente em sua obra. Estudos complementares sobre o desenvolvimento de alguns dos principais conceitos do espiritismo podem nos ajudar a compreender melhor o processo de trabalho empreendido por Kardec.

No próximo capítulo, estudaremos o desenvolvimento de dois princípios espíritas que oferecem perspectivas distintas da elaboração desse programa de pesquisa: a sensação dos espíritos e a possessão.

Capítulo 4
O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO ESPIRITISMO: AS SENSAÇÕES DOS ESPÍRITOS E A POSSESSÃO

"Como meio de elaboração, o Espiritismo... *não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida*"[106] (KARDEC, 1867, p. 262; 1868, p. 10, grifos do autor).

Conforme o capítulo anterior, Allan Kardec afirmava em sua segunda reconstrução racional que os princípios do espiritismo foram estabelecidos com base na observação dos fatos, de onde foram deduzidas as hipóteses integrantes de sua teoria (KARDEC, 1867, pp. 257-79; 1868, pp. 5-36). Neste capítulo, serão realizados dois estudos de caso, a partir de exemplos concretos, para depreender o processo utilizado por Kardec na elaboração dos princípios teóricos do espiritismo: o estado da alma logo após a morte e a existência ou não de quadros de possessão. Para tanto, serão explorados os próprios relatos de Kardec e de seus correspondentes, obedecendo a uma ordem cronológica de análise[107]. Fontes secundárias serão utilizadas para melhor contextualizar a elaboração de seus princípios.

Esses estudos de caso foram escolhidos por ilustrarem aspectos importantes do método de Kardec. O primeiro mostra um exemplo de como Kardec parte da observação para a construção de princípios, enquanto o segundo representa um caso de revisão de um princípio perante o surgimento de novos dados empíricos.

4.1 OS PRIMEIROS RELATOS SOBRE A VIDA ESPIRITUAL

Após ter concluído que existem espíritos e que existe comunicação entre estes e os seres encarnados, Kardec buscou estabelecer princípios que regeriam as relações entre espírito e matéria, por intermédio de dados empíricos oriundos de sessões queKardec convocava e presidia, onde afirmava ter evocado espíritos através de diferentes médiuns, teria feito perguntas, analisado comunicações espontâneas dadas por espíritos e comunicações enviadas pelos seus correspondentes.

---

[106] "Comme moyen d'élaboration, le Spiritisme... *Il n'établit aucune théorie préconçue*."

[107] O objetivo deste capítulo é identificar e reconstruir o método utilizado por Allan Kardec para o desenvolvimento de alguns dos princípios que compuseram a teoria espírita. Não está entre os objetivos averiguar a veracidade das conclusões de Kardec, tais como a existência ou não das entidades inteligentes imateriais denominadas de espíritos. Desse modo, relataremos o processo tal como descrito por Kardec.

Um dos temas abordados nos primeiros números da *Revista Espírita* foi a compreensão da situação *post-mortem* das supostas personalidades desencarnadas (chamadas de espíritos ou almas). Kardec procurou entender sob que forma ou aparência elas existiriam. Ao investigar ativamente o tema, ele obteve muitos relatos de manutenção da aparência física depois da morte (KARDEC, 1857, pp. 165-6; 1858f; 1858k; 1858l; 1858m), como o de Theóphile Z., na nota de número XV da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*:

> Sob que forma está no meio de nós e como poderíamos ter uma idéia da sua presença?
> – Uma forma semi-material.
> Essa forma semi-material tem a aparência de que você tinha quando vivo?
> – Sim.
> Será então como as pessoas que vemos nos sonhos?
> – Sim[108] (KARDEC, 1857, pp. 167-9).

Respostas como estas colocavam em questão certa ideia de imaterialidade da alma[109], que não teria forma e não ocuparia lugar no espaço, comumente aceita por doutrinas espiritualistas. Nesse tipo de concepção de alma imaterial, ela não possuiria forma, sendo uma espécie de centelha que animaria o corpo humano (KARDEC, 1857, p. 2). Em outra evocação, esta datada de 12 de janeiro de 1857, ele se deparou com novas descrições sobre a forma humana dos espíritos. Na conversa com Clary D., morta em 1850 aos 13 anos, ele perguntou:

> 6. Visto que estais aqui entre nós, ocupais um lugar determinado; qual é?
> Resp. – Estou com aparência etérea; posso dizer que meu Espírito, propriamente dito, estende-se muito mais longe; vejo muitas coisas e me transporto para bem longe daqui com a rapidez do pensamento; minha aparência está à direita de meu irmão e guia-lhe o braço.
> 7. O corpo etéreo de que estais revestida vos permite experimentar sensações físicas, como o calor e o frio, por exemplo?

---

[108] "*Sous quelle forme es-tu au milieu de nous, et comment pourrions-nous nous faire une idée de ta présence?* – Une forme semi-matérielle.
Cette forme semi-matérielle a-t-elle l'apparence que tu avais de ton vivant? – Oui.
C'est donc alors comme les personnes que nous voyons en rêve? – Oui."

[109] Em seu vocabulário espírita, Kardec definiu *Alma espírita*, ou simplesmente *alma* como "o ser imaterial, distinto e individual, unido ao corpo que lhe serve de invólucro temporário, isto é, o espírito em estado de encarnação" (KARDEC, 1858/1923, p. 5)

> Resp. – Quando me lembro muito de meu corpo, sinto uma espécie de impressão, como quando se tira um manto e se fica com a sensação de ainda estar com ele por algum tempo.
> [...] 9. Quando vosso pensamento se transporta para algum lugar, como se dá a separação de vossa alma?
> Resp. – A aparência se desvanece; o pensamento segue sozinho.
> [...] 12. Quando vossa faculdade de pensar se destaca, não agis, então, por intermédio da matéria?
> Resp. – A sombra se dissipa; reproduz-se onde o pensamento a guia[110] (KARDEC, 1858k, p. 56).

Segundo o trecho, a aparência do espírito é interpretada como um revestimento à alma, que poderia ser dissipado e reproduzido pela vontade do pensamento. De acordo com Kardec, em alguns casos, esse revestimento semimaterial traria a impressão aos espíritos desencarnados de que ainda estariam vivos (encarnados), justamente por se verem com uma forma corporal e, talvez, por ainda se referirem sensações físicas (KARDEC, 1858p; 1858q; 1858r; 1858s). Em 30 de janeiro de 1857, antes de lançar o seu primeiro livro, Kardec registrou a comunicação atribuída ao padre Verger, o assassino do arcebispo de Paris, sentenciado à morte pela justiça francesa que teria sido evocado no mesmo dia de sua execução:

> (O supliciado, após a evocação, responde): – Ainda estou preso ao corpo.
> *Tua alma não está inteiramente desprendida do corpo?* – Não... Eu estou com medo... Não sei... Espera que eu fique senhor de mim... Eu não estou morto, não é? [...] Estou louco, digo-te, porque vejo meu corpo dum lado e minha cabeça de outro e me parece que estou vivo e no ar, entre o solo e aquilo que tu chamas o Céu... Estou sentindo mesmo o frio da lâmina que caiu no meu pescoço... Mas é medo que tenho de morrer... [111] (KARDEC, 1857, pp. 165-6).

---

[110] "6. *D.* Puisque vous êtes ici parmi nous, y êtes-vous à une place déterminée et en quel endroit? – *R.* J'y suis en apparence éthéréenne; je puis dire que mon Esprit proprement dit s'étend beaucoup plus loin; je vois beaucoup de choses, et je me transporte bien loin d'ici avec la vitesse de la pensée; mon apparence est à droite de mon frère et guide son bras.
7. *D.* Ce corps éthéréen dont vous êtes revêtue, vous permet-il d'éprouver des sensations physiques, comme par exemple celle du chaud ou du froid? – *R.* Quand je me souviens trop de mon corps, j'éprouve une sorte d'impression comme lorsqu'on quitte un manteau et que l'on croit encore le porter quelque temps après.
[...] 9. *D.* Lorsque votre pensée se porte quelque part, comment se fait la séparation de votre âme? – *R.* L'apparence s'évanouit; la pensée marche seule.
[...]12. *D.* Lorsque votre faculté de penser se détache, vous n'agissez donc plus par l'intermédiaire de la matière? – *R.* L'ombre s'évanouit; elle se reproduit où la pensée la guide."

[111] "(Le supplicié, étant évoqué, répond): Je suis encore retenu dans mon corps.
Est-ce que ton âme n'est pas entièrement dégagée de ton corps? – Non… j'ai peur… je ne sais… attends que je me reconnaisse… Je ne suis pas mort, n'est-ce pas? […] Je suis fou, te dis-je, car je vois mon corps d'un côté et ma tête de l'autre, et il me semble que je vis, mais dans l'espace qui est entre la terre et ce que tu appelles le ciel… Je sens même le froid d'un couteau tombant sur mon cou… mais c'est la peur que j'ai de mourir…"

Nota-se que a primeira pergunta decorreu da resposta anterior em que o suposto espírito teria afirmado ainda estar preso ao corpo. Sugere-se que a pergunta seguiria do fato de que Kardec ainda não estaria certo da possibilidade do fenômeno, conforme ele afirmou em sua reconstrução racional em 1868, que se adéqua bem ao processo que é observado entre 1857 e 1858:

> Passa-se no mundo dos Espíritos um fato muito singular, de que seguramente ninguém houvera suspeitado: o de haver Espíritos que se não consideram mortos. [...] Tendo-se visto Espíritos incertos quanto ao seu estado, ou afirmando ainda serem deste mundo, julgando-se aplicados às suas ocupações ordinárias, deduziu-se a regra. A multiplicidade de fatos análogos demonstrou que o caso não era excepcional, que constituía uma das fases da vida espírita[112] (KARDEC, 1868, p. 11).

Kardec (1868, p. 11) afirmou que foram informações obtidas em diálogos como estes que o levaram a desenvolver a ideia de um envoltório semimaterial do espírito, ou perispírito (termo criado por Kardec: de *peri*, em volta de, e *spiritus*, espírito). O conceito de perispírito veio a público na primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, sendo desenvolvido em cinco das 501 perguntas que compuseram a obra[113]. Na primeira delas, Kardec escreveu:

> 42. O espírito propriamente dito é despido ou, conforme alguns espíritos têm dito, revestido duma substância qualquer?
> – O espírito é revestido duma substância, vaporosa para ti, mas ainda muito densa para nós; bastante vaporosa entretanto para poder levitar-se em tua atmosfera e transportar-se para onde quiser. [114]

A resposta da pergunta 42 parece ter sido resultado da fusão das comunicações relatadas anteriormente[115]. Na mensagem mediúnica atribuída ao espírito de Clary D.,

---

[112] "Il se passe, dans le monde des Esprits, un fait très singulier, et qu'assurément personne n'aurait soupçonné, c'est celui des Esprits qui ne se croient pas morts. [...] Ayant donc vu des Esprits incertains de leur état, ou affirmant qu'ils étaient encore de ce monde, et croyant vaquer à leurs occupations ordinaires, de l'exemple on a conclu à la règle. La multiplicité des faits analogues a prouvé que ce n'était point une exception, mais une des phases de la vie spirite."

[113] Perguntas número: 42, 82, 94, 136 e 138.

[114] "L'esprit proprement dit est-il à découvert, ou, comme quelques-uns l'ont dit, environné d'une substance quelconque? 'L'espnt est enveloppé d'une substance vaporeuse pour toi, mais encore bien grossière pour nous; assez vaporeuse cependant pour pouvoir s'élever dans ton atmosphère et se transporter où il veut.'"

[115] No que diz respeito ao método de perguntas e respostas, Kardec esclareceu que nem todas eram respostas textuais realizadas pelos espíritos. Esse argumento se tornou mais claro em *Obras Póstumas*, onde ele escreveu: "Da comparação e da fusão de todas as respostas, coordenadas, classificadas e muitas

ela teria afirmado estar revestida em forma etérea e teria a capacidade de transportar-se na velocidade do pensamento, bem como o depoimento referido ao assassino supliciado que teria dito flutuar sobre o seu corpo decapitado. De mesmo modo, o relato do suposto espírito Theóphile Z. também corroborou com a ideia de que sua forma seria vaporosa o suficiente para não ser identificado pelos presentes. No comentário à pergunta 42, Kardec complementou:

> 42 – Tal como o germe dum fruto fica envolto pelo perisperma, assim o espírito, propriamente dito, se cobre dum envoltório que, por mera comparação, se pode chamar *perispírito.* O perispírito é de natureza semimaterial, isto é, de natureza mediana, entre a espírita e a material. Toma as formas determinadas pela vontade do espírito e pode, em certos casos, impressionar nossos sentidos[116] (1857).

Nesse comentário, ressalta-se a utilização do termo *semimaterial*, mencionado anteriormente em uma das respostas conferidas a Theóphile Z., e a variabilidade de sua forma, que teria sido relatada por Clary D.

Na primeira edição de *O Livro dos Espíritos* foram descritas algumas propriedades do perispírito a partir das informações adquiridas nas mensagens dadas pelos médiuns. Assim, Kardec buscou explicar como os espíritos permaneciam com sua forma humana após a morte. Por outro lado, o conceito de perispírito era limitado e as suas características, vagas. A partir de janeiro 1858, novos relatos geraram uma série de investigações que resultariam em um estudo mais aprofundado do conceito e das características do perispírito. Nas próximas duas seções serão tratadas as percepções e os sentimentos dos espíritos após a morte, além da teoria explicativa de Kardec para as sensações dos espíritos.

4.2 O ESTADO DA ALMA APÓS A MORTE E AS SENSAÇÕES DOS ESPÍRITOS

---

vezes retocadas no silêncio da meditação, foi que elaborei a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, entregue à publicidade em 18 de abril de 1857" (p. 211).

[116] "42 – Comme le germe d'un fruit est entouré du périsperme, de même l'esprit proprement dit est environné d'une enveloppe que, 'par comparaison, on peut appeler *périsprit.* Le périsprit est d'une nature semimatérielle, c'est-à-dire intermédiaire entre l'esprit et la matière. Il prend des formes déterminées à la volonté de l'esprit et peut, dans certains cas, affecter nos sens."

Kardec buscou compreender o estado da alma após a morte interrogando frequentemente, através de médiuns, supostas personalidades desencarnadas sobre a sensação que elas tinham experimentado ao deixar o corpo físico (KARDEC, 1857, pp. 167-9; 1858f; 1858k; 1858m; 1858n; 1858o; 1858p; 1858q; 1858r). Com base nesse material que foi considerado por Kardec como um conjunto de evidências sobre o tema, ele divulgou na edição de dezembro de 1858 da *Revista Espírita* o artigo *Sensations des esprits* (Sensações dos espíritos). Este artigo foi publicado com modificações na segunda edição de *O Livro dos Espíritos* (KARDEC, 1860), sob o título: *Essai théorique sur la sensation chez les Esprits* (Ensaio teórico sobre a sensação dos Espíritos).

Na primeira edição de *O Livro dos Espíritos* ele entendia que o homem, no momento da morte, libertava-se dos laços com a matéria instantaneamente, adquirindo consciência imediata como espírito; contudo, a alma precisaria de algum tempo para reconhecer-se (KARDEC, 1857, p. 60). Segundo uma comparação com o despertar de uma pessoa de um sono profundo, feita por Kardec, a lucidez e a memória iam sendo recuperadas à medida que o espírito se libertava da matéria (KARDEC, 1857, p. 60). De acordo com Kardec, em alguns casos, como o do assassino supliciado do padre Verger, a separação entre a alma e o corpo consumiria mais tempo (KARDEC, 1857, p. 110).

A explicação dada por Kardec de que o espírito se libertava instantaneamente da matéria e possuía consciência imediata de si mesmo era, aparentemente, paradoxal em relação à afirmação de que a alma, após deixar o corpo físico, precisaria de algum tempo para libertar-se da matéria. É possível que essa contradição tenha motivado o desenvolvimento complementar do tema realizado através da *Revista Espírita* e publicado na segunda edição de *O Livro dos Espíritos*.

Desde a primeira edição de *O Livro dos Espíritos* em 1857 e, principalmente nas edições da *Revista Espírita* de 1858, é possível encontrar registros de Allan Kardec sobre evocações de supostos espíritos de pessoas feitas pouco tempo depois de suas mortes ou apenas alguns dias após morrerem. Nesses registros pode-se identificar um padrão de perguntas em busca de um melhor entendimento sobre as percepções atribuídas à alma depois da morte do corpo físico. A repetição da pergunta "Que sensação experimentastes [após a morte]?" (KARDEC, 1857, pp. 167-9; 1858f; 1858k; 1858m; 1858n; 1858q; 1858p; 1858q; 1858r) seria a busca pela concordância (universalidade), da replicação das observações empíricas em condições diversas. Dessas comunicações, Kardec obteve, basicamente, dois conjuntos de relatos distintos.

Para Kardec, o primeiro conjunto seria formado por espíritos que se sentiriam felizes após a morte (KARDEC, 1857, pp. 167-9; 1858f; 1858k; 1858l; 1858r). Em comum, esses relatos tinham como característica serem atribuídos a espíritos de pessoas conhecidas pelos seus valores éticos bem desenvolvidos. Conforme pode ser observado em alguns dos primeiros relatos registrados por Kardec, como o de Thèophile Z., considerado homem de eminente saber e pensamentos elevados, há pouco falecido naquele momento: "És feliz no estado em que te encontras agora? – Sou muito feliz no estado atual em que me encontro"[117] (KARDEC, 1857, pp. 167-9). Um segundo caso ilustrativo desses relatos é o da senhorita Júlia, publicado na edição de fevereiro de 1858 da *Revista Espírita*[118]. Segundo Kardec, o espírito da senhorita Júlia teria sido evocada por ele, a pedido da mãe, através de uma médium que Kardec afirmava desconhecer. Júlia, morta aos 14 anos, era descrita como uma pessoa de qualidades que poderiam fazer dela uma "mulher perfeita" (KARDEC, 1858l, p. 17). De acordo com Kardec, foi registrado o diálogo:

> A mãe: Considerando que não havias feito o mal durante tua vida, por que sofreste tanto?
> Júlia: Prova! Prova! Eu a suportei com paciência, por minha confiança em Deus; sou muito feliz hoje, por isso[119] (KARDEC, 1858l, p. 17).

O segundo conjunto de relatos seria de espíritos que sentiam perturbação (KARDEC, 1857, pp. 165-6; 1858m; 1858n; 1858o; 1858p; 1858q; 1858s; 1858t), definida por Kardec como um tipo confusão que não permitiria ao espírito dar-se conta da sua situação no momento da morte (KARDEC, 1858q, pp. 426-7). Para ele, esses espíritos tinham como característica comum o fato de serem pouco desenvolvidos eticamente, conforme poderia ser observado no diálogo com Lemaire, um assassino condenado à morte na guilhotina pelo Supremo Tribunal de Justiça Criminal, de Aisne, França. Lemaire foi executado em 31 de dezembro de 1857 e teria sido evocado por Kardec em 29 de janeiro de 1858, por intermédio da médium Ermance Dufaux. Em sua comunicação, teria relatado:

> 6. Após a execução tivestes imediata noção dessa nova existência?

---

[117] "Es-tu heureux dans l'état où tu te trouves maintenant? – Je suis très heureux dans mon état actuel."
[118] Kardec não informa a data desta comunicação. Limita-se a dizer que ela foi realizada alguns meses antes da sua publicação (KARDEC, 1858, p. 17).
[119] "La mère. Puisque tu n'avais point fait de mal pendant ta vie, pourquoi as-tu tant souffert?
Julie. Épreuve! Épreuve! Je l'ai supportée avec patience, par ma confiance en Dieu; j'en suis bien heureuse aujourd'hui."

> Resp. – Eu estava imerso em grande perturbação, da qual, aliás, ainda não me libertei. Senti uma dor imensa, afigurando-se-me ser o coração quem a sofria. Vi rolar não sei quê aos pés do cadafalso; vi o sangue que corria e mais pungente se me tornou minha dor. [...]
> 15. Qual o primeiro sentimento que experimentastes ao entrar na nova existência?
> Resp. – Um sofrimento intolerável, uma espécie de remorso pungente, cuja causa ignorava[120] (1858n, p. 80).

Em outra comunicação, Kardec teria evocado o espírito da rainha de Aúde, nobre indiana morta em janeiro de 1858 em Paris e enterrada no cemitério Pére Lachaise (França).

> 1. Que sensação experimentaste deixando a vida terrestre?
> Resp. Não saberia dizê-lo; experimento, ainda, perturbação.
> 2. Sois feliz?
> Resp. – Não.
> 3. Por quê?
> Resp. – Tenho saudades da vida... não sei... experimento dor mordaz da qual a vida me libertaria... quisera que o corpo se levantasse do túmulo...[121] (KARDEC, 1858m, p. 86)

Nesse diálogo, Kardec acentuou o orgulho como uma das características que justificariam a perturbação sentida pela rainha após a morte. A comunicação da rainha de Aúde também informaria a manutenção das sensações do corpo físico no espírito, fato semelhante ao descrito no relato do "suicida da samaritana" (*Suicide de la Samaritaine*). Na introdução da entrevista, Kardec revelou que os jornais do dia oito de abril de 1858 noticiaram o caso do suicídio de um homem, de cerca de 50 anos, ocorrido na banheira de uma casa de banhos na região da Samaritana em Paris. Evocado por Kardec seis dias depois, teria sido questionado:

> 13. Que reflexões vos ocorreram ao sentirdes a extinção da vida?
> Resp. – Não refleti, senti... Mas a vida não se me extinguiu... minha alma está ligada ao corpo... não estou morto... e, no entanto, sinto os vermes a me corroerem.

---

[120] "6. Et immédiatement après ton exécution, as-tu eu la conscience de ta nouvelle existence? – *Rép*. J'étais plongé dans un trouble immense dont je ne suis pas encore sorti. J'ai senti une immense douleur; il m'a semblé que mon cœur la souffrait. J'ai vu je ne sais quoi rouler au pied de l'échafaud; j'ai vu du sang couler, et ma douleur n'en est devenue que plus poignante. [...]
15. Quel est le premier sentiment que tu as éprouvé en entrant dans ta nouvelle existence? – *Rép*. Une intolérable souffrance; une sorte de remords poignant dont j'ignorais la cause."

[121] "1. Quelle sensation avez-vous éprouvée en quittant la vie terrestre? – *Rép*. Je ne saurais le dire; j'éprouve encore du trouble.
2. Êtes-vous heureuse? – *Rép*. Non.
3. Pourquoi n'êtes-vous pas heureuse? – *Rép*. Je regrette la vie… je ne sais… j'éprouve une poignante douleur; la vie m'en aurait délivrée… je voudrais que mon corps se levât de son sépulcre."

> 14. Que sensação experimentastes no momento decisivo da morte?
> Resp. – Pois ela se completou?[122] (KARDEC, 1858o, p. 166)

Nesse caso, o ato suicida teria sido, para Kardec, determinante para a sensação do espírito de ainda estar ligado ao corpo (KARDEC, 1858o, p. 166).

Sobre o conjunto das comunicações obtidas, pode-se observar que a perturbação relatada nas conversas publicadas por Kardec seria peculiar a algumas pessoas nos primeiros momentos após a morte, cujas principais características seriam o seu desenvolvimento ético e o seu apego ao mundo corporal. Ao estudar as razões dos diferentes estados da alma após a morte, Kardec buscou mais informações evocando o Dr. Xavier, codinome do espírito de um famoso médico morto no período. Em artigo do mês de março de 1858, Kardec perguntou:

> 21. – Como se opera a separação entre a alma e corpo?
> – Como um fluido que se escapa de um recipiente qualquer.
> 22. – Há uma linha de separação real entre a vida e a morte?
> – Os dois estados se tocam e se confundem. Assim, o Espírito se desprende pouco a pouco de seus laços; desata-os e não os arrebenta.
> 23. – Esse desprendimento da alma opera-se mais prontamente nuns que noutros?
> – Sim, nos que em vida se elevaram acima da matéria, pois sua alma pertence mais ao mundo dos Espíritos que ao terrestre.[123] (1858u, p. 87)

Os trechos acima foram importantes fontes de informação para o desenvolvimento da teoria sobre a sensação dos espíritos. Isso pode ser demonstrado em seu primeiro ensaio explicativo das sensações dos espíritos, em um artigo dedicado à intervenção dos espíritos sobre a matéria de maio de 1858:

> [...] A observação prova – e insistimos nessa palavra observação, porque toda a nossa teoria é a consequência de fatos estudados –, que a matéria sutil que constitui o segundo envoltório do Espírito não se liberta senão pouco a pouco, e não instantaneamente, do corpo. Assim, os laços que unem a alma e o corpo não são subitamente rompidos pela

[122] “13. Quelles réflexions avez-vous faites au moment où vous avez senti la vie s'éteindre en vous? – R. Je n'ai pas réfléchi; j'ai senti... Mais ma vie n'est pas éteinte... mon âme est liée à mon corps... je ne suis pas mort, cependant je sens les vers qui me rongent.
14. Quel sentiment avez-vous éprouvé au moment où la mort a été complète? – R. L'est-elle?”

[123] “21. Comment s'opère la séparation de l'âme du corps? – *Rép*. Comme un fluide qui s'échappe d'un vase quelconque.”
22. Y a-t-il une ligne de démarcation réellement tranchée entre la vie et la mort? – *Rép*. Ces deux états se touchent et se confondent; ainsi l'Esprit se dégage peu à peu de ses liens; il se dénoue et ne se brise pas.
23. Ce dégagement de l'âme s'opère-t-il plus promptement chez les uns que chez les autres? – *Rép*. Oui: ceux qui, de leur vivant, se sont déjà élevés au-dessus de la matière, car alors leur âme appartient plus au monde des Esprits qu'au monde terrestre.”

> morte; ora, o estado de perturbação que observamos subsiste durante todo o tempo em que se opera o desligamento.
> [...] Quanto mais o homem viveu materialmente, quanto mais absorveu seus pensamentos nos gozos e nas preocupações da personalidade, tanto mais esses laços são tenazes; parece que a matéria sutil esteja identificada com a matéria compacta, e que haja entre elas coesão molecular; eis por que elas não se separam senão lenta e dificilmente.
> [...] A experiência prova, ainda, que a duração desse desligamento varia segundo os indivíduos. Em alguns se opera em três ou quatro dias, ao passo que, em outros, não está inteiramente realizada ao cabo de vários meses. Assim, a destruição do corpo, a decomposição pútrida, não bastam para operar a separação; por isso, certos Espíritos dizem: Sinto que os vermes me roem.
> [...] Em algumas pessoas, a separação começa antes da morte; são as que, em vida, se elevaram, pelo pensamento e a pureza de seus sentimentos, acima das coisas materiais; a morte não acha mais do que fracos laços entre a alma e o corpo, e esses laços se rompem quase instantaneamente... [124] (1858v, pp. 123-4).

Conforme o trecho acima, Kardec também buscou determinar o tempo do processo de perturbação que os espíritos experimentavam até o total desligamento do corpo físico. Para isso, ele refere ter feito perguntas diretas aos espíritos (KARDEC, 1858f) e acompanhado a superação do estado de perturbação de um espírito, evocando-o em dias sucessivos (KARDEC, 1857, pp. 165-6). Um caso ilustrativo está no diálogo com Georges, pai:

> – Quanto tempo durou essa perturbação?
> "Pouco para mim; bastante para ti".
> – Podeis avaliar a duração dessa perturbação conforme nossa maneira de contar?
> "Dez anos para ti, dez minutos para mim".
> – Mas, não se passou esse tempo todo desde que vos perdi; não há somente quatro meses?

[124] "L'observation prouve, et nous insistons sur ce mot observation, car toute notre théorie est la conséquence de faits étudiés, que la matière subtile qui constitue la seconde enveloppe de l'Esprit ne se dégage que peu à peu, et non point instantanément du corps. Ainsi les liens qui unissent l'âme et le corps ne sont point subitement rompus par la mort; or, l'état de trouble que nous avons remarqué dure pendant tout le temps que s'opère le dégagement.
[...] Plus l'homme a vécu matériellement, plus il a absorbé ses pensées dans les jouissances et les préoccupations de la personnalité, plus ces liens sont tenaces; il semble que la matière subtile se soit identifiée avec la matière compacte, qu'il y ait entre elles cohésion moléculaire; voilà pourquoi elles ne se séparent que lentement et difficilement.
[...] L'expérience prouve encore que la durée de ce dégagement varie selon les individus. Chez quelques uns il s'opère en trois ou quatre jours, tandis que chez d'autres il n'est pas entièrement accompli au bout de plusieurs mois. Ainsi la destruction du corps, la décomposition putride ne suffisent pas pour opérer la séparation; c'est pourquoi certains Esprits disent: Je sens les vers qui me rongent.
[...] Chez quelques personnes la séparation commence avant la mort; ce sont celles qui, de leur vivant, se sont élevées par la pensée et la pureté de leurs sentiments au-dessus des choses matérielles; la mort ne trouve plus que de faibles liens entre l'âme et le corps, et ces liens se rompent presque instantanément."

> "Se estivesses em meu lugar, terias sentido esse tempo"[125] (1858f, p. 19).

Em uma comunicação anterior, Kardec havia se deparado com uma temporalidade mais precisa. Foi na descrição de Verger, o assassino supliciado. Três dias depois da primeira evocação atribuída a ele, teria sido questionado:

> Te reconheces melhor agora? – Agora já estou ciente de que não sou mais deste mundo e não lastimo isso. Lastimo tão somente o que fiz; meu espírito porém está mais livre e sei, mais, que há uma série de vidas que nos ensinam conhecimentos úteis para ficarmos tão perfeitos quanto possível[126] (1857, pp. 165-6).

De acordo com Kardec, a consciência de sua situação espiritual três dias após sua primeira evocação, quando Verger teria se manifestado confuso, não se reconhecendo como morto, foi uma observação importante para a compreensão de Kardec do tempo da perturbação após o desencarne do espírito. Dessa forma, ele concluiu em maio de 1858: "A experiência prova, ainda, que a duração desse desligamento varia segundo os indivíduos. Em alguns se opera em três ou quatro dias, ao passo que, em outros, não está inteiramente realizada ao cabo de vários meses" (KARDEC, 1858v, pp. 123-4).

Entre maio de 1858 e abril de 1860, mês de lançamento da segunda edição de *O Livro dos Espíritos*, Kardec publicou novos relatos atribuídos aos espíritos, obtidos por ele e por seus correspondentes, sobre o tempo de duração da perturbação que segue à morte. Foram acrescentados depoimentos de espíritos que teriam superado a perturbação em algumas horas ou dias (KARDEC, 1858r; 1959g; 1859i) e de espíritos que teriam deixado o estado de perturbação após meses (KARDEC, 1858p; 1859h). E ainda narrativas de espíritos que teriam permanecido em perturbação por anos (KARDEC, 1858t; 1860d). Na segunda edição de *O Livro dos Espíritos*, ao tratar da perturbação dos espíritos após a morte, Kardec escreveu: "Muito variável é o tempo que

---

[125] "– Combien de temps a duré ce trouble? 'Peu pour moi, beaucoup pour toi.' – Pouvez-vous apprécier la durée de ce trouble selon notre manière de compter? 'Dix ans pour toi, dix minutes pour moi.' – Mais il n'y a pas ce temps que je vous ai perdu, puisqu'il n'y a que quatre mois? 'Si toi, vivant, tu avais été à ma place, tu aurais ressenti ce temps.'"

[126] "*Te reconnais-tu mieux maintenant?* – Je sais maintenant que je ne suis plus de ce monde, et je ne le regrette pas. J'ai regret de ce que j'ai fait, mais mon esprit est plus libre, et sait mieux qu'il y a une série d'existences qui nous donneront les connaissances utiles pour devenir parfaits autant que la créature le peut."

dura a perturbação que se segue à morte. Pode ser de algumas horas, como também de muitos meses e até de muitos anos"[127] (KARDEC, 1860, p. 88).

Observa-se que, no artigo de maio de 1858, as conclusões tiradas por Kardec a respeito do estado da alma após a morte eram ainda incompletas. Como ele mesmo admitiu, sua meta principal naquele artigo era analisar as manifestações físicas provocadas pelos espíritos. No entanto, Kardec antecipou que "essas considerações nos conduzirão a examinar a interessante questão da sensação dos Espíritos e de seus sofrimentos; fá-lo-emos em um outro artigo"[128] (KARDEC, 1858v, p. 124).

Em dezembro de 1858, Allan Kardec publicou, na *Revista Espírita*, o artigo *Sensations des Esprits* (Sensações dos Espíritos). Seu objetivo era realizar um estudo mais aprofundado das sensações dos espíritos por intermédio dos relatos após a morte reunidos até então (KARDEC, 1858w). De acordo com Kardec, esse artigo era resultado da análise de inúmeras evidências empíricas obtidas de espíritos que

> ocuparam todas as classes da sociedade, a todas as posições sociais; estudamo-los em todos os períodos de sua vida espírita, desde o instante em que deixaram seus corpos; nós os seguimos passo a passo, nessa vida de além-túmulo, para observar as mudanças que se operaram neles, em suas ideias, em suas sensações[129] (KARDEC, 1858w, p. 335).

Em sua teoria, Kardec parte do princípio de que o corpo seria o instrumento das sensações como frio, calor e dor, e a alma captaria essas percepções. Após a morte, as sensações próprias do corpo humano poderiam ser ativadas pelo espírito como uma lembrança, como no trecho:

> vimo-los passar através de chamas sem nada sentirem de penoso; a temperatura, portanto, não causa sobre eles nenhuma impressão. A dor que sentem, portanto, não é uma dor física propriamente dita, [...] é antes uma lembrança que uma realidade, mas uma lembrança também muito penosa[130] (KARDEC, 1858w. p. 333).

---

[127] "La durée du trouble qui suit la mort est très variable; il peut être de quelques heures, comme de plusieurs mois, et même de plusieurs années."

[128] "Ces considérations nous conduiraient à examiner l'intéressante question de la sensation des Esprits et de leurs souffrances; nous le ferons dans un autre article..."

[129] "ayant appartenu à tous les rangs de la société, à toutes les positions sociales; nous les avons étudiés à toutes les périodes de leur vie spirite, depuis l'instant où ils ont quitté leur corps; nous les avons suivis pas à pas dans cette vie d'outre-tombe pour observer les changements qui s'opéraient en eux, dans leurs idées, dans leurs sensations, et sous ce rapport les hommes les plus vulgaires ne sont pas ceux qui nous ont fourni les sujets d'étude les moins précieux."

[130] "nous en avons vu passer à travers les flammes sans rien éprouver de pénible; la température ne fait donc sur eux aucune impression. La douleur qu'ils ressentent n'est donc pas une douleur physique proprement dite [...] c'est plutôt un souvenir qu'une réalité, mais un souvenir tout aussi pénible."

Kardec afirmava que, além de interrogar espíritos que estão passando pelo desprendimento do corpo, ele também teria consultado espíritos reconhecidos como superiores que já tinham falecido há muitos anos, mas que poderiam ajudar na compreensão do fenômeno (KARDEC, 1858w).

Para melhor ilustrar, Kardec comparou as sensações físicas após a morte com as dos amputados. Para ele, assim como os amputados sentem dores no membro extraído, as sensações dos espíritos seriam reminiscências de suas ações em vida, gerando "uma espécie de repercussão moral que lhe transmitia a sensação do que se passava no corpo"[131] (KARDEC, 1858w, p. 334).

No caso dos suicidas, a união entre espírito e matéria por intermédio do perispírito permaneceria por mais tempo pelo fato de o desprendimento ser realizado de maneira abrupta e antes do tempo adequado (KARDEC, 1858n). Retornando ao caso do suicida da casa de banhos da Samaritana, Kardec descreveu a sensação de vermes roendo seu corpo não como uma lembrança registrada em seu perispírito, mas sim como uma ilusão que ele toma por realidade (KARDEC, 1858w, p. 336).

Kardec concluiu que os sentimentos e os sofrimentos experimentados pelos espíritos após a morte seriam consequência direta do desenvolvimento ético e dos atos do indivíduo em sua vida corporal. A separação entre a alma e o corpo poderia ser rápida, suave e insensível por um lado; e lenta, laboriosa ou terrivelmente penosa por outro, representando uma etapa natural da vida espiritual (KARDEC, 1858w, p. 338).

As observações de Kardec a respeito do tema geraram um novo capítulo na segunda edição de *O Livro dos Espíritos* chamado *Retour de la vie corporelle à la vie spirituelle* (Retorno da vida corpórea à vida espiritual), onde foram publicadas as conclusões de seus estudos sobre: a alma após a morte, separação da alma e do corpo e perturbação espiritual (KARDEC, 1860, pp. 81-6).

O tema suicídio também foi ampliado na segunda edição de *O Livro dos Espíritos*. Segundo Kardec, os relatos de suicidas iam ao encontro da religião, da moral e de todas as filosofias que condenam o suicídio por ser um ato contrário às leis da natureza. Para ele, suas conclusões iam além das especulações metafísicas, por terem sido observadas a partir de informações daqueles que o praticaram (KARDEC, 1860, p. 345).

[131] "une sorte de répercussion morale qui lui transmettait la sensation de ce qui se passait dans le corps."

Já o artigo *Sensações dos Espíritos*, foi tema de uma seção de *O Livro dos Espíritos* de 1860. *O ensaio teórico sobre a sensação dos espíritos* foi publicado após algumas modificações em relação ao artigo original.

A nova versão era composta de oito parágrafos e 2034 palavras, cerca de um terço menor que a primeira versão, que possuía 23 parágrafos e 3022 palavras. Kardec manteve quase que integralmente o conteúdo dos parágrafos do texto, realizando apenas algumas alterações de estilo no texto. O conteúdo retirado dizia respeito aos aspectos metodológicos que sustentavam sua teoria.

Foi omitido o primeiro parágrafo, onde Kardec informava ao leitor que sua metodologia de pesquisa sobre as sensações dos espíritos foi realizada a partir das respostas dos espíritos, mas principalmente de numerosas observações sobre o tema. Também foi retirado o depoimento da evocação de um membro da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas sobre um espírito de um homem conhecido do depoente que alegava sentir frio, assim como o diálogo de uma comunicação mediúnica. Partes do depoimento e da comunicação compuseram a pergunta 256 de *O Livro dos Espíritos*, que antecede o ensaio.

Ainda no novo texto, foram retiradas as referências das comunicações mediúnicas que serviram de base para a elaboração da teoria sobre as sensações dos espíritos e os três últimos parágrafos em que Kardec teceu considerações sobre as críticas que foram feitas a ele por evocar espíritos de assassinos, suicidas e pessoas vinculadas à matéria, ao invés de evocar apenas espíritos superiores.

O estudo do estado da alma após a morte e das sensações dos espíritos oferece um exemplo da progressividade da teoria de Kardec a partir dos relatos dos médiuns atribuídos aos espíritos até o desenvolvimento dos princípios teóricos do espiritismo. Em outro exemplo, a investigação dos fatos promoveu refutações e reformulações de seus princípios, como é o caso da possessão, que veremos a seguir.

4.3 A OBSESSÃO E A NEGAÇÃO DA POSSIBILIDADE DE POSSESSÃO

Kardec, em suas investigações, após aceitar a possibilidade de estabelecer relações entre o mundo espiritual e o mundo material, refere ter percebido uma vastidão de temas passíveis de serem pesquisados. Um deles era a possibilidade de um espírito desencarnado tomar posse do corpo de uma pessoa, o que era vulgarmente conhecido

como possessão. Na primeira edição de *O Livro dos Espíritos* Kardec negou o fato de forma taxativa: "Não; o Espírito não penetra em um corpo humano como tu entras em uma casa; [...] é sempre o espírito encarnado que age como quiser sobre o invólucro de que está revestido"[132] (KARDEC, 1857, p. 73). Para ele, a melhor hipótese explicativa para a possessão seria epilepsia, loucura ou êxtase[133], sendo a crença na possessão, no sentido vulgar do termo, decorrente da superstição popular (KARDEC, 1857, p. 87).

Rejeitado o conceito tradicional de possessão, Kardec acreditava que os seres encarnados estariam sujeitos à obsessão, definida como "a ação quase permanente de um Espírito estranho, que leva a pessoa a ser solicitada por uma necessidade incessante de agir desta ou daquela maneira e de fazer isto ou aquilo"[134] (KARDEC, 1858x, p. 269). Além da obsessão chamada de simples, haveria mais duas gradações: a fascinação e a subjugação. Segundo Kardec, a fascinação seria um gênero de obsessão na qual a ação direta de um espírito produziria uma ilusão sobre o pensamento do obsediado, prejudicando a compreensão das coisas morais (KARDEC, 1858x, p. 270). Em seu grau mais elevado estaria a subjugação, caracterizada pela influência do espírito na mente do obsediado, a ponto de gerar nele a paralisia de sua vontade, conduzindo-o a atitudes contrárias aos seus próprios interesses (KARDEC, 1858x, p. 270). Em uma de suas observações, Kardec descreveu a evolução de um quadro de subjugação:

> Obsidiado pelo Espírito que dele se apoderou e lhe não dava repouso, escrevia incessantemente. Se uma pena ou um lápis lhe caía na mão, tomava-o num movimento convulsivo e enchia páginas e páginas em poucos minutos. Na falta de instrumento, simulava escrever com o dedo, em qualquer parte onde se encontrasse: na rua, nas paredes, nas portas etc.
> [...] A subjugação havia chegado a um ponto em que se lhe tivessem dito para atirar-se na água ou partir para os antípodas, ele o teria feito. Quando queriam obrigá-lo a fazer qualquer coisa que lhe repugnava, era arrastado por uma força invisível[135] (1858x, pp. 270-1).

---

[132] "Non, l'esprit n'entre pas dans un corps comme tu entres dans une maison; il s'assimile avec un esprit incarné qui a les mêmes défauts et les mêmes qualités pour agir conjointement; mais c'est toujours l'esprit incarné qui agit comme il veut sur la matière dont il est revêtu".

[133] Êxtase (do gr. *ekstasis*, arrebatamento, arroubo de espírito; feito de *existêmi*, tomar de espanto) – paroxismo da emancipação da alma durante a vida corporal, de que resulta a suspensão momentânea das faculdades perceptivas e sensitivas dos órgãos. Nesse estado a alma não se prende mais ao corpo senão por laços fracos, que ela procura romper; pertence mais ao mundo dos Espíritos, que ela entrevê, do que ao mundo material. O êxtase é, algumas vezes, natural e espontâneo; pode também ser provocado pela ação magnética e, neste caso, é um grau superior de sonambulismo (KARDEC, 1858/1929, p.10).

[134] "L'obsession est l'action presque permanente d'un Esprit étranger, qui fait qu'on est sollicité par un besoin incessant d'agir dans tel ou tel sens, de faire telle ou telle chose."

[135] "Obsédé par l'Esprit qui s'était emparé de lui et ne lui laissait aucun repos, il écrivait sans cesse; dès qu'une plume, un crayon lui tombaient sous la main, il les saisissait par un mouvement convulsif et se mettait à remplir des pages entières en quelques minutes. À défaut d'instrument, il faisait le simulacre

Comparando os conceitos de possessão e subjugação, Kardec considerava o termo *subjugação* mais apropriado, porque implicaria o constrangimento do espírito sobre o obsediado, ao passo que a possessão sugeriria o apoderamento de um corpo por um espírito estranho, ideia rejeitada por Kardec, conforme se percebe no trecho:

> A Possessão seria, para nós, sinônimo da subjugação. [...] deixamos de adotar esse termo [...] porque implica a idéia do apoderamento de um corpo por um Espírito estranho, de uma espécie de coabitação, ao passo que o que há é apenas constrangimento. A palavra subjugação exprime perfeitamente a idéia. Assim, para nós, não há possessos, no sentido vulgar do termo[136] (1861/1869; p. 250).

A partir de 1862, Kardec passou a publicar vários casos que colocavam em questão suas ideias sobre possessão e subjugação. Um dos principais casos ficou conhecido como *Possédés de Morzine* (possessos de Morzine) e foi objeto de detido estudo por Kardec ao longo de seis artigos na *Revista Espírita* entre 1862 e 1863.

4.4 OS POSSESSOS DE MORZINE

Em 1857, uma série transtornos psíquicos e convulsões corporais acometeram os moradores da comuna de Morzine, departamento de Thonon, na Alta Savóia. A crise começou quando a região ainda estava sob a posse da Sardenha, com relatos de mulheres que alegavam terem tido visões da Virgem Maria que, logo depois, deram lugar a convulsões e a blasfêmias contra a eucaristia durante as crises (ARTHAUD, 1862, p. 20). A população da comuna atribuiu o fenômeno a possessão demoníaca e elas foram submetidas a sessões de exorcismo com o abade Pinget (RICHARD, 2011, p. 18).

Os exorcismos tiveram efeito em um primeiro momento, contudo, os casos se multiplicaram até 1861 (CONSTANS, 1863). A comuna, com uma população de 1.800 a 2.500 habitantes, chegou a registrar, em abril 1861, 200 casos, e a possessão simultânea

---

d'écrire avec son doigt, partout où il se trouvait, dans les rues, sur les murs, sur les portes, etc.
[…] La subjugation était arrivée à ce point, que s'ils lui eussent dit de se jeter à l'eau ou de partir pour les antipodes, il l'aurait fait. Lorsqu'ils voulaient lui faire faire quelque chose à quoi il répugnait, il se sentait poussé par une force invisible.”

[136] La possession serait, pour nous, synonyme de la subjugation. […] Si nous n'adoptons pas ce terme [...] qu'il implique également l'idée de prise de possession du corps par un Esprit étranger, d'une sorte de cohabitation, tandis qu'il n'y a que contrainte. Le mot *subjugation* rend parfaitement la pensée. Ainsi, pour nous, il n'y a pas de *possédés*, dans le sens vulgaire du mot.

de 130 pessoas (CUCHET, 2012, pp. 161-2). Quando Savóia e Nice foram anexadas pela França por meio de um plebiscito, em abril 1860, o governo francês pressionou os sacerdotes para que eles parassem com o que chamavam de práticas “supersticiosas”, tornando o fenômeno uma questão de saúde pública (HARRIS, 1997).

Em 1861, foram enviadas autoridades para tomar medidas que remediassem o problema. A principal delas era o Dr. Augustin Constans, inspetor-geral dos asilos de alienados, que visitou a região para realizar uma investigação epidemiológica no local onde ocorriam os casos (CONSTANS, 1863).

Constans seguiu o diagnóstico anterior do médico da localidade e de um psiquiatra de Lyon, Dr. Joseph Arthaud, concluindo que os habitantes de Morzine estariam sofrendo de uma monomania epidêmica, chamada de histero-demonopatia (ARTHAUD, 1863; CONSTANS, 1863). Essa patologia era definida como uma variedade de alienação mental que consiste em supor-se possuído do demônio (LARROUSSE, 1867).

Para Constans, os casos de histero-demonopatia decorriam do isolamento dessa pequena comunidade, localizada em uma área pobre, montanhosa e de difícil acesso. A região teria condições climáticas insalubres e a população, mal-nutrida, contribuindo para a epidemia (CONSTANS, 1863).

Além das condições socioeconômicas e geográficas, o forte vínculo dos moradores com o catolicismo seria um segundo fator determinante da epidemia, pois era considerado um clima religioso de excessiva severidade. De acordo com o inquérito, as tentativas de exorcismo apenas teriam aumentado o mal (CONSTANS, 1863).

Dr. Constans tomou medidas repressivas para acabar com a epidemia, mantendo tropas na praça da comuna, proibindo reuniões e dispersando os doentes para hospitais de diversas regiões, principalmente asilos de loucos. Acreditava que as duchas seriam um tratamento eficaz para esses casos (CUCHET, 2012, pp. 161-2). As medidas deram resultado e ele pediu a substituição, em abril de 1861, do abade Pinget e de algumas autoridades do governo local, atribuindo a eles a expansão da doença devido a suas práticas religiosas excessivas (CONTANS, 1863).

Allan Kardec tomou conhecimento do fenômeno em março de 1862, através de um de seus correspondentes, o capitão Blondin (KARDEC, 1862c). A carta veio acompanhada de uma brochura publicada por um dos médicos da comissão e por informações do Dr. Caille, o encarregado do ministro de acompanhar o inquérito do Dr. Augustin Constans, inspetor das casas de alienados (KARDEC, 1862c).

Durante um ano, Kardec realizou uma pesquisa abrangente sobre os casos de possessão. Nesse período, Kardec buscou evocar espíritos por diferentes médiuns, perguntando sobre o tema (KARDEC, 1862c); promoveu estudos com os membros da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (KARDEC, 1862c; 1862d); analisou casos semelhantes registrados na história (KARDEC, 1862c; 1862d; 1863c; 1863d); ponderou casos parecidos enviados por seus correspondentes de diferentes lugares (KARDEC, 1862d; 1863c; 1863d); analisou artigos publicados na imprensa sobre a possessão em Morzine (KARDEC, 1863e); leu diversos relatórios oficiais e acadêmicos sobre a epidemia de possessão (KARDEC, 1862c; 1863e); observou casos de possessão isolados em várias localidades (KARDEC, 1862e); e realizou uma viagem de campo para Morzine para avaliar os casos de possessão (KARDEC, 1862e; 1863e).

Com base em sua pesquisa, nos relatórios médicos do Dr. Joseph Arthaud e do Dr. César Chiara e nas observações realizadas na visita à região, Kardec publicou, em fevereiro e abril de 1863, dois artigos criticando as ações do Dr. Constans, tanto em seu diagnóstico quanto na forma como tratou da epidemia.

O relatório de Constans foi criticado em diversos pontos. Para Kardec, as condições de insalubridade do clima e o fato de a população ser desnutrida não encontrariam respaldo em suas observações e em outros relatórios médicos (KARDEC, 1863d; 1863e; 1863f; ARTHAUD, 1862; CHIARA, 1861), e se tais fatores fossem determinantes da epidemia, a possessão deveria ser igualmente observada em outras regiões com as mesmas características, o que não se verificava (KARDEC, 1863e, pp. 39-40).

Outra crítica observada era que o relatório do Dr. Constans teria ignorado uma variedade de características dos indivíduos quando em estado de possessão. Kardec mencionou uma série delas:

- Os pacientes se diziam controlados por um poder externo a eles, afirmando serem atormentados por seres invisíveis (KARDEC, 1863d). Durante as crises, os doentes faziam referência de si mesmo na terceira pessoa, com a constante manifestação da personalidade afirmando ser o demônio. (KARDEC, 1863e);
- Entre os intervalos dos episódios de possessão, os pacientes tinham um comportamento normal e durante as crises o batimento cardíaco não era alterado, apesar da intensa agitação provocada pelas crises. No decorrer delas, havia intensa oposição à religião, o que não se observava em sua convivência diária (KARDEC, 1863e);

- Os episódios de possessão também geravam a aquisição de novas habilidades, como crianças que se tornariam fluentes em idiomas como o francês e o alemão (KARDEC, 1863e). Os "possessos" relatariam eventos ocorridos simultaneamente em regiões distantes, ainda que eles nunca tivessem saído de sua região. Alguns adquiriam a habilidade de ler a mente de outras pessoas. Após a crise, os doentes alegavam não recordar sobre o que disseram e fizeram durante a crise (KARDEC, 1863e).

A principal crítica de Kardec ao trabalho do Dr. Constans era a avaliação apressada que ele tinha feito dos relatos, relegando-os à superstição devido ao excesso de religiosidade dos habitantes (KARDEC, 1863d). Embora fatores supersticiosos amplificassem os relatos sobre as crises, Kardec (1863e) apontava que o preconceito era o pior inimigo do observador, criticando a inflexibilidade das ideias do Dr. Constans em analisar esses fenômenos: "Dizemos simplesmente que, com sua ideia preconcebida, não viu senão o que queria ver, ao passo que, se ao menos tivesse admitido a possibilidade de outra causa, teria visto outra coisa"[137] (KARDEC, 1863f, p. 133).

Para Kardec, os possessos seriam médiuns inconscientes subjugados pela obsessão de um espírito. Ele observou que os possessos, muitas vezes, teriam consciência daquilo que faziam, mas seriam, na realizadade, subjugados, obrigados "a fazê-lo, como se um homem mais vigoroso que ele o constrangesse, contra sua vontade, a mover os braços, as pernas, a língua"[138] (KARDEC, 1862d, p. 359). O processo se daria através da ação do perispírito do obsessor que recobriria o perispírito do indivíduo obsediado como um manto, levando-o a uma espécie de catalepsia moral, transformando-o em um instrumento cego de sua vontade (KARDEC, 1862d).

A possessão, de acordo com Kardec, poderia tomar a aparência do que foi chamado de loucura obsessiva, a qual se distinguiria da loucura patológica por não ser fruto de uma alteração dos órgãos e por não ser tratada através dos medicamentos tradicionais (KARDEC, 1862c). A epidemia de Morzine seria "uma epidemia moral", pois não se trataria de uma doença do corpo, mas sim uma influência espiritual (KARDEC, 1862c, pp. 112-3).

Kardec concluiu seu estudo sobre Morzine, sem reconhecer a possibilidade de

[137] "Nous disons simplement qu'avec son idée préconçue il n'a vu que ce qui pouvait s'y rapporter, tandis que s'il eût été dans ses opinions d'admettre seulement la possibilité d'une autre cause, il aurait vu autre chose."
[138] "il est contraint de le faire, comme si un homme plus vigoureux que lui faisait mouvoir contre son gré ses bras, ses jambes et sa langue".

uma real possessão. Contudo, essas observações foram fundamentais para a mudança de sua opinião a respeito do tema.

4.5 O RECONHECIMENTO DO TERMO "POSSESSÃO"

Durante a investigação sobre os possessos de Morzine, Kardec pôde observar casos semelhantes de possessão em diversas regiões (KARDEC, 1862e). No departamento francês de Aube, acompanhou a recuperação de um jovem que teria tido características semelhantes à possessão (KARDEC, 1863c). Em dezembro de 1862, Kardec selecionou alguns casos de seus correspondentes que se assemelhavam aos descritos em Morzine. Entre eles, um relato vindo de Bordeaux, onde um médium, durante uma das sessões mediúnicas, teria adquirido sintomas semelhantes aos de possessão e tentado agredir os demais participantes da sessão, para depois pedir desculpas dizendo que sabia o que tinha feito, mas não conseguiu impedir (KARDEC, 1862d). Da Rússia, foi reportado um caso epidêmico parecido com o de Morzine (KARDEC, 1863f).

Kardec também afirmou ter observado um caso de possessão que lhe chamou a atenção por algumas características, como: a médium não ter conhecido o espírito; o espírito, chamado Charles Z... teria sido reconhecido em suas características por pessoas que o conheciam. Segundo Kardec, a médium

> tomava cada vez as poses e as maneiras habituais do Sr. Charles, virando-se sobre a costa da poltrona, cruzando as pernas, roçando o bigode, passando os dedos sobre seus cabelos, de tal sorte que, salvo o vestuário, poder-se-ia crer ter o Sr. Charles diante de si[139] (KARDEC, 1863g, p. 374)

Nesse caso, Kardec explorou a possibilidade de o espírito possuir o corpo de um médium; verificou o tempo em que se daria a possessão e concluiu que ela também poderia ser feita por um espírito bom (KARDEC, 1863g). Apesar da importância dessa alegada comunicação mediúnica, a observação empírica fundamental para seu convencimento foi o caso da senhorita Júlia.

Em dezembro de 1863, Kardec manifestou publicamente sua mudança de posição sobre a possessão a partir da observação da senhorita Júlia, afirmando:

---

[139] "se renversant sur le dos du fauteuil, croisant les jambes, se frisant la moustache, passant les doigts dans ses cheveux, de telle sorte que, sauf le costume, on aurait pu croire avoir M. Charles devant soi."

> Dissemos que não havia possessos no sentido vulgar da palavra, mas subjugados; retornamos sobre esta afirmação muito absoluta, porque nos está demonstrado agora que pode ali haver possessão verdadeira, de um Espírito errante a um Espírito encarnado.
> Eis um primeiro fato que é a prova disto, e que apresenta o fenômeno em toda a sua simplicidade[140] (KARDEC, 1863g, p. 373).

O fenômeno ocorrido com a senhorita Júlia foi objeto de estudo da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e resultou em dois artigos, em dezembro de 1863 e janeiro de 1864. Ela foi descrita como uma mulher de 23 anos, de bons modos e sem instrução que era acometida por crises geradas quando entrava em estado sonambúlico. Nas crises, a senhorita Júlia apresentava sintomas como os ocorridos em Morzine: falava de si na terceira pessoa; a personalidade supostamente manifestada afirmava chamar-se Fredegunda, um espírito inimigo; melhorava seu raciocínio e discernimento (KARDEC, 1863g; 1864e). De acordo com os relatos, Fredegunda seria responsável pelas agressões físicas que a senhorita Júlia realizava contra si própria, incluindo uma tentativa de suicídio (KARDEC, 1863g; 1864e). As crises durariam horas e, às vezes, ocorriam mais de uma vez por dia, interferindo na saúde da jovem (KARDEC, 1863g; 1864e).

Ao observar o caso da senhorita Júlia e relacioná-lo com os casos de possessão estudados por causa do episódio de Morzine, Kardec elaborou o novo conceito como uma gradação do estado obsessivo. Se, em 1858, Kardec refutou categoricamente o termo "possessão", em 1868, ele publicou no livro *A Gênese* uma seção inteira dedicada a explicar as relações existentes entre os diferentes tipos de obsessão e a possessão. Para ele, na obsessão o espírito atuaria externamente, constrangendo a pessoa a proceder contra a vontade dela. Na possessão, "o Espírito atuante se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; toma-lhe o corpo para domicílio, sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono, pois que isso só se pode dar pela morte"[141] (KARDEC, 1868, p. 231).

O conjunto dos casos demonstraria que o estado de possessão seria temporário, não passando de algumas horas, contudo, poderia repetir-se por anos e acontecer mais

[140] "Nous avons dit qu'il n'y avait pas de possédés dans le sens vulgaire du mot, mais des subjugués; nous revenons sur cette assertion trop absolue, car il nous est démontré maintenant qu'il peut y avoir possession véritable, c'est-à-dire substitution, partielle toutefois, d'un Esprit errant à l'Esprit incarné. Voici un premier fait qui en est la preuve, et qui présente le phénomène dans toute sa simplicité."
[141] "l'Esprit libre se substitue, pour ainsi dire, à l'Esprit incarné; il fait élection de domicile dans son corps, sans cependant que celui-ci le quitte définitivement, ce qui ne peut avoir lieu qu'à la mort."

de uma vez ao dia (KARDEC, 1863f; 1863g). Descrevendo outras características da possessão, Kardec afirmou que

> o Espírito se serve dele como se seu próprio fora: fala pela sua boca, vê pelos seus olhos, opera com seus braços, conforme o faria se estivesse vivo. Não é como na mediunidade falante, em que o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um desencarnado; no caso da possessão é mesmo o último que fala e obra; quem o haja conhecido em vida, reconhece-lhe a linguagem, a voz, os gestos e até a expressão da fisionomia[142] (KARDEC, 1868, p. 231).

Diferentemente dos casos de obsessão, os casos de possessão não seriam resultado apenas de espíritos malfeitores. Baseado no caso publicado atribuído ao espírito de Charles Z. (KARDEC, 1863g), ele argumentou:

> na possessão pode tratar-se de um Espírito bom que queira falar e que, para causar maior impressão nos ouvintes, toma do corpo de um encarnado, que voluntariamente lho empresta, como emprestaria seu fato a outro encarnado. Isso se verifica sem qualquer perturbação ou incômodo, durante o tempo em que o Espírito encarnado se acha em liberdade, como no estado de emancipação, conservando-se este último ao lado do seu substituto para ouvi-lo[143] (KARDEC, 1868, pp. 231-2).

Contudo, para ele, quando a possessão se dava por um espírito de má índole, como o apresentado pela senhorita Júlia, a situação se apresentaria mais grave, representando perigo à pessoa possuída.

> Ele não toma moderadamente o corpo do encarnado, arrebata-o, se este não possui bastante força moral para lhe resistir. Fá-lo por maldade para com este, a quem tortura e martiriza de todas as formas, indo ao extremo de tentar exterminá-lo, já por estrangulação, já atirando-o ao fogo ou a outros lugares perigosos. Servindo-se dos órgãos e dos membros do infeliz paciente, blasfema, injuria e maltrata os que o cercam; entrega-se a excentricidades e a atos que apresentam todos os caracteres da loucura furiosa[144] (KARDEC, 1868, p. 232).

---

[142] "L'Esprit [...] s'en sert comme du sien propre; il parle par sa bouche, voit par ses yeux, agit avec ses bras, comme il l'eût fait de son vivant. Ce n'est plus comme dans la médiumnité parlante, où l'Esprit incarné parle en transmettant la pensée d'un Esprit désincarné; c'est ce dernier lui-même qui parle et qui agit, et si on l'a connu de son vivant, on le reconnaît à son langage, à sa voix, à ses gestes et jusqu'à l'expression de sa physionomie."

[143] "La possession peut être le fait d'un bon Esprit qui veut parler et, pour faire plus d'impression sur ses auditeurs, *emprunte* le corps d'un incarné, que celui-ci lui prête volontairement, comme on prête son habit. Cela se fait sans aucun trouble ni malaise, et pendant ce temps l'Esprit se trouve en liberté comme dans l'état d'émancipation, et le plus souvent il se tient à côté de son remplaçant pour l'écouter."

[144] "il n'emprunte pas le corps, il s'en empare si le titulaire n'est pas *de force morale à lui résister*. Il le fait par méchanceté envers celui-ci, qu'il torture et martyrise de toutes les manières, jusqu'à vouloir le faire périr, soit par la strangulation, soit en le poussant dans le feu ou autres endroits dangereux. Se servant des

O termo *possessão*, remodelado, passou a ser utilizado por Allan Kardec, representando um dos conceitos teóricos que, em um primeiro momento, foram refutados, mas depois, diante das evidências empíricas obtidas, foram reformulados e inseridos na teoria espírita.

Ao reconstruir a elaboração de alguns conceitos incorporados ao Espiritismo, percebemos como Kardec teria utilizado dos relatos das conversas com espíritos para o desenvolvimento e revisão da teoria espírita. Sem tomar esses depoimentos como verdades absolutas, ele abria a possibilidade de revisão dos seus conceitos, quando novas evidências contrariavam hipóteses já estabelecidas. O caso da possessão é um dos mais peculiares exemplos.

membres et des organes du malheureux patient, il blasphème, il injurie et maltraite ceux qui l'entourent; il se livre à ces excentricités et à des actes qui ont tous les caractères de la folie furieuse.”

Conclusão

A primeira constatação desse estudo é a de que, analisando o contexto das pesquisas psíquicas e mediúnicas em meados do século XIX, Kardec merece ser lembrado como um intelectual francês que desenvolveu pesquisas pioneiras sobre o tema.

De acordo com o exposto no primeiro capítulo, entre 1811 e 1860, os fenômenos psíquicos derivados, especialmente, do sonambulismo magnético e do espiritualismo moderno foram intensamente explorados por diversos médicos, cientistas e intelectuais. Entre eles, havia grupos que consideravam os fenômenos psíquicos resultado do pensamento místico e supersticioso que não resistiria a uma análise metodológica mais rigorosa.

Um segundo grupo reconhecia a importância do estudo dessas manifestações para o desenvolvimento da compreensão sobre mente humana. Nele, havia aqueles que as classificavam como patologias mentais, associando-os com sintomas de loucura; outros ressaltavam sua importância para o entendimento de mecanismos involuntários e inconscientes da mente; ainda outros especularam sobre a possibilidade da existência de personalidades inteligentes imateriais.

No segundo capítulo verificou-se como Allan Kardec se inseriu nesse contexto. Utilizando de sua vasta erudição, como professor, escritor e membro de diversas sociedades científicas, ele realizou uma ampla abordagem da causa dos fenômenos psíquicos surgidos a partir das mesas girantes. Kardec propôs uma abordagem empírica e racional para o assunto, até então, considerado metafísico, na qual foram produzidas várias discussões pertinentes sobre aspectos epistemológicos e metodológicos de exploração dos fenômenos mediúnicos (MOREIRA-ALMEIDA, 2008).

Suas reconstruções racionais, apresentadas no terceiro capítulo, nos permitem compreender melhor seus aspectos metodológicos. Diferentemente do que é muitas vezes afirmado por autores espíritas e acadêmicos (WANTUIL, THIESEN, 2004; AUBRÉE, LAPLANTINE, 1990), Allan Kardec não parece ter sido apenas um "codificador" das comunicações mediúnicas, um compilador de documentos oriundos de diversas fontes em uma só obra (HOUAISS, 2009). Em sua metodologia, é marcante a presença da observação empírica. Um aspecto central do trabalho de Kardec foi a busca de “naturalização” da dimensão espiritual, que era tida como parte da natureza, regida por leis naturais passíveis de serem investigadas cientificamente. As

comunicações mediúnicas eram interpretadas como evidências empíricas analisadas por meio de métodos qualitativos, em que eram avaliadas a sua utilidade, e a replicabilidade das informações a partir do que chamou de controle universal das informações dos espíritos. Com este método, Kardec elaborou os princípios fundamentais do espiritismo.

Através dos estudos de caso, reunidos no quarto capítulo, percebe-se o processo de construção gradual e de reformulação das teorias explicativas com base nas observações empíricas das experiências mediúnicas. Ao reconstruirmos os elementos constituintes do ensaio teórico das sensações dos espíritos e da possessão, percebemos como Kardec utilizava as informações obtidas nos fenômenos mediúnicos para o desenvolvimento e teste de suas hipóteses. Sem tomar esses depoimentos como verdades absolutas, ele abria a possibilidade de revisão dos seus conceitos, quando novas evidências contrariavam hipóteses já estabelecidas, o caso da possessão é um dos mais ilustrativos exemplos. Como foi demonstrado, durante os últimos 15 anos de sua vida, em que ele se dedicou ao estudo da mediunidade, Kardec desenvolveu uma investigação sistemática dos fenômenos que se mostra mais sofisticada do que é perceptível à primeira vista em seus livros. Parte substancial dos seus livros são apresentações didáticas da "filosofia espírita", das conclusões teóricas de seus estudos, bem como seus aspectos racionais.

Nas primeiras doze edições da *Revista Espírita* é possível perceber seu método em que os médiuns eram tidos como um meio de acesso direto a dados empíricos a respeito do mundo espiritual. Ele procurava ampliar sua base de dados empíricos utilizando diversos médiuns, de diferentes contextos geográficos, muitas vezes desconhecidos uns dos outros. Enfatizava a descrição e a interpretação do conteúdo das mensagens obtidas durante o transe mediúnico, comparando semelhanças e diferenças entre elas em busca de informações úteis que pudessem integrar sua teoria. Kardec dava uma grande ênfase na análise do conteúdo das informações, sendo menos relevante a autoria das mensagens. No decorrer de sua pesquisa, Kardec contou com um número cada vez maior de correspondentes, o que foi de grande importância na obtenção do grande número relatos mediúnicos diversificados com os quais ele criou, desenvolveu e reformulou os seus princípios acerca do mundo espiritual. Pesquisador ativo na busca por informações a respeito dos princípios que integraram a sua teoria, Kardec também se utilizava de casos históricos acerca dos fenômenos mediúnicos e também de pesquisas de campo, visitando médiuns e locais onde as manifestações espirituais se davam.Através da observação dos fenômenos, Kardec discutiu as principais teorias

propostas à época para explicar experiências espirituais e psíquicas, teorias que ainda são debatidas pela psicologia e pela medicina na atualidade.

O presente estudo, contudo, apresenta limitações dado ser esse tema ainda pouco explorado pelos pesquisadores acadêmicos. Buscamos primordialmente identificar o processo de investigação das experiências mediúnicas desenvolvido por Allan Kardec. Como próximo passo, será de grande relevância uma análise crítica histórica, sociológica e epistemológica desse método. Sugerimos também pesquisas mais aprofundadas, tanto sobre outros pesquisadores psíquicos quanto da própria descrição do método de elaboração do espiritismo utilizado por Allan Kardec. É necessário explorar melhor os dois casos apresentados, bem como identificar e explorar outros casos em que se possa reconstruir o processo de elaboração e revisão de princípios da filosofia espírita.

Tais investigações são relevantes porque preenchem uma importante lacuna na história da psiquiatria, da psicologia, da parapsicologia e das religiões. Existe um campo vasto a ser explorado. Um melhor entendimento pode oferecer novas perspectivas para o conhecimento sobre as relações entre ciência e espiritualidade no século XIX, bem como o resgate de seus aspectos metodológicos pode contribuir para novos estudos no tema por pesquisadores atuais.

REFERÊNCIAS:

ABREU, Silvino Canuto. **O Primeiro Livro dos Espíritos de Allan Kardec**. 1ª edição bilíngue. Tradução: Silvino Canuto Abreu. São Paulo: ICESP, 2007.

ACADÉMIE DES SCIENCES, LETTRES ET ARTS D'ARRAS. **Buts de l'association.** Disponível em: http://www.office-culturel-arras.fr/ Acesso em: 25 jan. 2014.

AKSAKOF, Alexander. Researches on the historical origin of the reincarnation speculations of french spiritualists. **The Spiritualist,** pp. 74-5**,** 13 de agosto de 1875.

ALMEIDA, Angélica A. S.. **"Uma fábrica de loucos": psiquiatria X Espiritismo no Brasil (1900-1950).** Campinas, 2007. Tese (Doutorado em História) – Unicamp.

_____; MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. Construindo uma Nação: Propostas dos Psiquiatras para o Aprimoramento da Sociedade. In: RIGONATTI, S. P. **Temas em Psiquiatria Forense e Psicologia Jurídica.** São Paulo: Vetor Editora, 2003.

_____; _____. Inácio Ferreira: institutionalizing the integration of medicine and paranormal phenomena. The Parapsychological Association & The Society for Psychical Research Convention 2008. **Journal of the Society for Psychical Research** 73(4):223-230, oct 2009.

ALMIGNANA, Abade. **Du somnambulisme, des tables tournantes et des médiums, considérés leurs rapports avec la théologie et la physique**. Paris: Dentu et Germer-Baillière, 1854.

ALVARADO, Carlos. Dissociation in Britain during the late nineteenth Century: the Society for Psychical Research, 1882-1900. **Journal of Trauma & Dissociation,** v. 3 n. 2, pp. 9-33, 2002.

_____. The Concept of Survival of Bodily Death and the Development of Parapsychology. **Journal of the Society for Psychical Research,** v. 67, n. 2, pp. 65-95, 2003.

_____. Investigating Mental Mediums: Research Suggestions from the Historical Literature. **Journal of Scientific Exploration,** v. 24, n. 2, pp. 197-224, 2010.

_____. Fenômenos psíquicos e o problema mente-corpo: notas históricas sobre uma tradição conceitual negligenciada. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, SP, v. 40, n. 4, p. 157-161, 2013.

ARAGO, François; BARRAL, Jean A.; FLOURENS, Pierre. **Oeuvres completes de François Arago, v. 4**. Paris: Gide et J. Baudry, 1854.

ARTHAUD, Joseph. **Relation d'une Hystero-Démonopathie Épidémique Observée a Morzine.** Lyon Imprimerie d'Aimé Vingtrimier, 1862.

AUBRÉE, Marion. Brésil: santé mentale et sphère magico-religieuse. **Tiers-Monde,** v. 47, n. 187, pp. 547-556, 2006.

_____; LAPLANTINE, François. **La Table, Le Livre Et Les Esprits**. Paris: Éditions Jean-Claude Làttes, 1990.

BABINET, Jacques. **Études et lectures sur les sciences d'observation et leurs applications pratique.** Paris: Mallet-Bachelier, 1856.

BARRIER, M. Les spiritualists d'Amérique. **L'Univers.** Paris: 26 de julho de 1852.

BERGÉ, Christine. Transe en pays spirite. **Archives des Sciences Sociales des Religions**, n. 79, pp. 37-46, 1992.

BERTRAND, Alexandre. **Du magnétisme animal en France.** Paris: J. B. Baillière. 1826.

BILLOT, G. P. **Recherches psychologiques sur la cause des phénomènes extraordinaires observés chez les modernes voyans: improprement dits somnambules magnétiques**. Paris: Albanel & Martin, 1839.

BLACKWELL, Anna. The origin of Allan Kardec's "Spirits Book". **The Spiritualist,** pp. 105-6, 27 de agosto de 1875.

_____. Translator's preface. In: KARDEC, Allan. **The Spirits Book.** Boston: Colby and Rich, Publishers, 1893.

BORDEAU, Michel. Auguste Comte. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. 2013 Disponível em: http://plato.stanford.edu/entries/comte.

BRAID, James. Hypnotic therapeutics, illustrated by cases: With an appendix on table-moving and spirit-rapping. **Monthly Journal of Medical Science,** v. 17, p. 14-47, 1853.

BRESADOLA, Marco. Medicine and science in the life of Luigi Galvani (1737–1798). **Brain Research Bulletin**, v. 46, n. 5, p. 367–380, 1998.

BRITTEN, Emma H. **Nineteenth century miracles: or, spirits and their work in every country of the earth. A complete compendium of the great movement known as "Modern Spiritualism".** New York: William Britten, 1883.

BRUNEL, Françoise. Albitte Antoine-Louis. In: Soboul, Albert**.** ***Dictionnaire historique de la Révolution française***. Paris: Presses universitaires de France, coll. « quadrige », 2005.

BURDIN, Charles; DUBOIS, Frédéric. **Histoire académique du magnétisme animal: accompagnée de notes et de remarques critiques sur toutes les observations et expériences faites jusqu'à ce jour.** Paris: Ballière, 1841.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento 2: Da Enciclopédia à Wikipédia.** Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Zahar, 2011.

CAHAGNET, Louis A. **The celestial telegraph; or, The secrets of the life to come revealed through magnetism.** London: published by geo. peirce, 310, strand.1848/1850.

CARPENTER, William. Electrobiology and mesmerism. **Quarterly Review 93.** p. 501-557, 1853.

CHARDEL, Casimir M. **Esquisse de la nature humaine expliquée par le magnétisme animal.** Paris: Encyclopédie Portative, 1826.

CHEVREUL, Michel. **De la baguette divinatoire du pendule dit explorateur et des Tables tournantes au point de vue de l´histoire, de la critique et de la méthode experimentale.** Paris: Mullet-Bachelier, 1854.

CHIARA, César. **Les diables de Morzine en 1861, ou Les nouvelles possédées (Extrait de la Gazette médicale de Lyon).** Lyon: Mégret, 1861.

CHIBENI, Silvio Seno. A página de rosto da segunda edição de O Livro dos Espíritos. **Jornal Mundo Espírita**. Curitiba: FEP, março, pp. 6-7, 2002.

_____; MOREIRA-ALMEIDA, A. Investigando o desconhecido: filosofia da ciência e investigação de fenômenos "anômalos" na psiquiatria. **Revista de Psiquiatria Clínica.** v. 34, n. 1, pp. 8-15, 2007.

COLIN, François. **En ligne le Bulletin de la S.E.I.N paru sans interruption de 1802 à 1943.** 04 dez. 2009. Disponível em: http://www.industrienationale.fr/. Acesso em 25 jan. 2014.

COLLIN, J. V. **Bienfaits du Somnambulisme**. 1868.

CONSTANS, Augustin. **Relation sur une épidemie d'hystéro démonophatie en 1861, 2ª ed.** Paris: Ed. Delahaye, 1863.

COON, Deborah. Testing the Limits of Sense and Science: American Psychologists Combat Spiritualism (1880-1920). American Psychologist, v. 47, n. 2, pp.143-151, 1992.

CRABTREE, Adam. **From Mesmer to Freud: magnetic sleep and the roots of psychological healing.** New Heaven and London: Yale University, 1993.

_____. "Automatism" and the emergence of dynamic psychiatry. **Journal of the History of the Behavioral Sciences,** v. 39, n. 1, pp. 81-87, 2003.

CROYET, Jérôme. **Albitte: Le tigre de l'Ain.** Paris: Musnier Gilbert (Editions), 2004.

CUCHET, Guillaume. Le retour des esprits : la naissance du spiritisme sous le Second Empire. **Revue D'Histoire Moderne & Contemporaine,** v. 54, n. 2, pp. 74-90, 2007.

_____. **Les voix d'outre-tombe: tables tournantes, spiritisme et société au XIXe siècle.** Paris: Seuil, 2012.

CUVILLERS, Henin de. **Le magnétisme animal retrouvé dans l'antiquité.** Paris: Chez Barrois l'aine, 1821.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

_____. Estudos sobre religião e saúde mental realizados no Brasil: histórico e perspectivas atuais. **Revista de Psiquiatria Clínica,** v.34, n. 1, pp. 25-33, 2007.

DAMAS, Jorge; BARROS, Stênio de. **Allan Kardec: análise de documentos biográficos.** Niterói: Publicações Lachâtre, 1999.

DARNTON, Robert. **O Lado oculto da revolução: Mesmer e o final do Iluminismo na França.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

DELAAGE, Henri. **Le monde occulte on mystères du magnétisme dévoilés par le somnambulisme.** Paris, Paul Lesigne, éditeur, 1851.

DELEUZE, Joseph P. F.; FOISSAC, Pierre. **Practical Instruction in Animal Magnetism.** Traduzido para o inglês por Thomas Coles Hartshorn. Paris: J.B. Baillière; Leipzig: T.O. Weigel, 1819/1850.

_____. **Défense du magnétisme animal contre les attaques dont il est l'objet dans le Dictionnaire des sciences médicales.** Paris: Belin-Leprieur, 1819.

_____; ROSTAN, Léon L. **Instruction pratique sur le magnétisme animal, augmentée d'un chapitre du docteur L. Rostan.** Paris: Société pour les publications littéraires, 1836.

DELICADO, Ana. Para que servem as sociedades científicas? **Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología et Sociedad,** v. 7, n. 19, 2011.

DIXON, Thomas. **Science and Religion: a very short introduction.** Oxford: Oxford University Press, 2008.

DODS, John B. **Spirit manifestations examined and explained: Judge Edmonds refuted; or, An exposition of the involuntary powers and instincts of the human mind.** De Witt & Davenport, 1854.

DOYLE, Arthur C. **História do Espiritismo.** Tradução: Júlio Abreu Filho. São Paulo: Editora Pensamento, 1926/2007.

DUBOIS, Frédéric. **Examen historique et resume des expériences prétendues magnétiques faites par la commission de l'Académie Royale de médecine.** Paris: 1833.

DUPUY, Roger. **Nouvelle histoire de la France contemporaine: Tome 2, La République jacobine : Terreur, guerre et gouvernement révolutionnaire 1792-1794.** Paris: Seuil, 2005

EDELMAN, Nicole. **Voyantes, guérisseuses et visionnaires en France, 1785-1914.** Paris: Bibliothèque Albin Michel, 1995.

ELLENBERGER, Henri F. **The discovery of the unconscious: the history and evolution of dynamic psychiatry.** New York: Basic Books, 1970.

FARADAY, Michael. Professor Faraday on table-moving. **Athenaeum.** London, n. 1340, p. 801-8013. 1853.

FERNANDES, Washington Luis N. **Allan Kardec e os mil núcleos espíritas de todo o mundo com os quais se correspondia em 1864...** Disponível em: http://www.spiritist.org/larevistaespirita/mil.htm Acesso em: 11 de jun 2011.

FERREIRA, Juliana. **Estudando o Invisível: William Crookes e a nova força.** São Paulo: EDUC/FAPESP, 2004

FLINT, Austin; LEE, Charles; COVENTRY, C. B. Discovery of the source of the Rochester Knockings. **Buffalo Medical Journal**, v. 6, p. 628-633, 1851.

FODOR, Nandor. **Encyclopedia of Psychic Science**. London: Arthurs Press, 1934.

FOISSAC, Pierre. **Mémoire sur le magnétisme animal adresse à MM. les membres de l'Académie des sciences et de l'Académie de médecine**. Paris: Didot le jeune, 1825.

GASPARIN, Agènor. **Science vs. modern spiritualism: a treatise on turning tables, the supernatural in general, and spirits, volume 1**. Kiggins & Kellogg, 1857.

GAULD, Alan. **The founders of psychical research.** London: Routledge & Kegan Paul Ltd., 1968.

GENTIL, Joseph A. **Magnétisme-somnambulisme: Manuel élémentaire de l'aspirant magnétiseur**. Paris: E. Dentu, 1853.

GEZUNDHAJT, Henriette. An evolution of the historical origins of hypnotism prior to the twentieth century: between spirituality and subconscious. **Contemporary Hypnosis,** v. 24, n. 4, pp. 178-194, 2007.

GIUMBELLI, Emerson. **O Cuidado dos Mortos: Uma história da condenação e legitimação do Espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

GONÇALVES, Valéria P.; ORTEGA, Francisco. Uma nosologia para os fenômenos sobrenaturais e a construção do cérebro "possuído" no século XIX. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.20, n.2, pp. 373-389, 2013.

HARRIS, Ruth. Possession on the borders: The "mal de Morzine" in the nineteenth-century France. **The Journal of the Modern History**, v. 19, n. 3, pp. 451-78. 1997.

HASTINGS, A. **With the tongues of men and angels: a study of channeling**. Fort Worth, TX. Holt: Rinehart and Winston, 1991.

HOBSBAWN, Eric. **A Era das Revoluções (1789-1848).** São Paulo: Paz e Terra, 1962/2007.

_____. **A Era do Capital.** São Paulo: Paz e Terra, 1987/2007.

_____. **A Era dos Impérios (1875-1914).** São Paulo: Paz e Terra, 1975/2007.

HOLTON, G. Einstein, Michelson, and the "Crucial" Experiment**.** ***Isis***. Vol. 60, n. 2 (Summer, 1969), pp. 132-97. 1969. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/229907. Acesso em: 20 de abril de 2013.

HOUAISS, Antônio. **Novo dicionário Houaiss da língua portuguesa: com a nova ortografia da língua portuguesa, 1 ed**. São Paulo: Editora Objetiva, 2009.

INCONTRI, Dora. **Pestalozzi: educação e ética.** São Paulo: Editora Scipione, 1997.

_____. **Pedagogia espírita: um projeto brasileiro e suas raízes**. Bragança Paulista: Comenius, 2004.

INSTITUT HISTORIQUE. **Journal d'Institut Historique, tome troisième.** Paris : a l'administration de l'Institut Historique, 1835.

JABERT, Alexander. Estratégias populares de identificação e tratamento da loucura na primeira metade do século XX: uma análise dos prontuários médicos do Sanatório Espírita de Uberaba. 2011. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro**, v.18, n.1, pp. 105-120, jan.-mar. 2011.

JAMES, Frank. A. J. L. **Michael Faraday: A very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

JANET, Pierre. **L'Automatisme psychologique**, 4 ed. Paris: Félix Alcan, 1903.

JUNG-STILLING, Johan H. **Theory of pneumatology: in reply to the question, what ought to be believed or disbelieved concerning presentiments, visions, and apparitions according to nature, reason, and scripture**. Tradução para o inglês: George Bush, 1854.

KARDEC, A. **Le Livre des Esprits,** 1. ed. Paris, E. Dentu, libraire, Palais Royal, Galerie d'Orléans, 13, 1857**.**

_____. Instruction Pratique sur les Manifestations Spirites, 10ª ed. Paris: 1858/1929.

_____. Variétés. Les banquets magnétiques. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v. 1, n. 6, pp. 175-6, 1858.

_____. Le magnétisme et le spiritisme. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v. 1, n. 3, pp. 91-3, 1858a.

_____. Le Livre des Esprits contenant les principes de la doctrine spirite sur la nature des êtres du monde incorporel, leurs manifestations et leurs rapports avec les hommes, les lois morales, la vie présente, la vie future et l'avenir de l'humanité. écrit sous la dictée et publié par l'ordre d'esprits supérieurs, par Allan Kardec. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques.** Paris, v.1, n. 1, pp.33-6, 1858b.

_____. M. Home (premier article). **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v.1, n. 2, pp. 58-63, 1858c.

_____. Observations à propos des dessins de Jupiter. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v.1, n. 8, pp. 222-3, 1858d.

_____. Médium peintre en Amérique. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v.1, n. 11, pp. 309-13, 1858e.

_____. Evocations particulières: une convertion. **Revue Spirite : journal d'études psychologiques**, Paris, v.1, n. 1, p. 19-21, 1858f.

_____. Introduction**. Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v.1, n. 1, pp.1-6, 1858g.

_____. Jupiter et quelques autres mondes. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques**. Paris, v.1, n. 3, pp. 67-73, 1858h.

_____. Des contradictions dans le language des Esprits. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v.1, n. 8, pp. 210-23, 1858i.

_____. Manifestations Physiques. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques. Paris**, v.1, n. 1, pp.13-5, 1858j.

_____. Entretiens d'outre-tombe. – Mlle Clary D. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques**, Paris, v.1, n. 2, pp. 56-8, 1858k.

_____. Evocations particulières: Mère, je suis là!. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques**, Paris, v.1, n. 1, pp. 17-9, 1858l.

_____. Entretiens familiers d'outre-tombe: La reine d'Oude. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v.1, n. 3, pp. 82-5, 1858m.

_____. Entretiens familiers d'outre-tombe: L'assassin Lemaire. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v.1, n. 3, pp. 79-82, 1858n.

_____. Entretiens familiers d'outre-tombe: Le suicidé de la Samaritaine. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques**, Paris, v.1, n. 6, pp. 166-9, 1858o.

_____. Suicide par amour. Le cordonnier et la piqueuse de bottines (problème moral). **Revue Spirite: journal d'études psychologiques**, Paris, v.1, n. 9, pp. 261-4, 1858p.

_____. Un Esprit au convoi de son corps. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques**, Paris, v.1, n. 9, pp. 326-8, 1858q.

_____. Entretiens familiers d'outre-tombe. – Madame Schwabenhaus. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques**, Paris, v.1, n. 9, pp. 255-9, 1858r.

_____. Entretiens familiers d'outre-tombe: Méhémet-Ali. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques**, Paris, v.1, n. 4 , pp.114-7, 1858s.

_____. Entretiens familiers d'outre-tombe. – Une veuve du Malabar. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques**, Paris, v.1, n. 12 , pp. 344-6, 1858t.

_____. Entretiens familiers d'outre-tombe: Le docteur Xavier ; sur diverses questions psycho-physiologiques. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v.1, n. 3, pp. 85-8, 1858u.

_____. Théorie des manifestations physiques (premier article). **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v.1, n. 5, pp. 121-5, 1858v.

_____. Sensations des Esprits. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques**, Paris, v.1, n. 12, pp. 331-8, 1858w.

_____. Des obsédés et des subjugués. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques**, Paris, v.1, n.10 , pp. 265-76, 1858x.

_____. **Qu'est-ce que le Spiritisme: Introduction a la connaissance du monde invisible par les manifestations des esprits**, 8 ed. Paris: Encyclopédie Spirite, 1859/1868.

_____. Problème moral. Les cannibales. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v. 2, n. 4, pp. 96-8, 1859.

_____. Pneumatographie, ou écriture directe. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v. 2, n. 10, pp. 205-10, 1859a.

_____. Dirkse Lammers. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v. 2, n. 12, pp. 336-7, 1859b.

_____. Le Follet de Bayonne. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v. 2, n. 1, pp. 10-8, 1859c.

_____. Phénomène de transfiguration. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v. 2, n. 3, pp. 62-6, 1859d.

_____. Hitoti, chef tahitien. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v. 2, n. 3, pp. 76-8, 1859e.

_____. M. Adrien, médium voyant. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques**, Paris, v.2, n. 1, pp. 7-8, 1859f.

_____. Mort d'un Spirite. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques**, Paris, v.2, n. 9, pp. 244-9, 1859g.

_____. Un Esprit qui ne se croit pas mort. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v.2, n. 12, pp. 319-22, 1859h.

_____. Bulletin de la Société parisienne des Études Spirites. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v.2, n. 12, pp. 221-3, 1859i.

_____. **Le Livre des Esprits.** 2. ed. rev. e amp. Paris: Didier et Cie, Libraires-Editeurs, 1860.

_____. La Phrénologie et la Physiognomonie. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v. 3, n. 7, pp. 198-204, 1860a.

_____. Fait de pneumatographie ou écriture directe. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v. 3, n. 5, pp. 155-7, 1860b.

_____. Manifestations spontanées. Le Boulanger de Dieppe. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v. 3, n. 3, pp. 77-81, 1860c.

_____. Histoire d'un damné. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques**, Paris, v.3, n. 2, p. 50-61, 1860d.

_____. Considérations sur le but et le caractère de la Société. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques**, Paris, v.3, n. 4, p. 99-104, 1860e.

_____. En vente: Le Livre des Esprits. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques**, Paris, v. 3, n. 3, p. 96, 1860f.

_____. **Le Livre des Médiums,** 11 ed. Paris : Didier et Cie, Libreires-Editeurs, 1861/1869.

_____. Essai sur la théorie de l'hallucination. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v. 4, n. 7, pp. 193-8, 1861.

_____. M. Squire, médium. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris,

v. 4, n. 2, pp. 37-42, 1861a.

_____. Le Livre des Médiums. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v. 4, n. 1, pp. 6-8, 1861b.

_____. Phrénologie spiritualiste et spirite. – Perfectibilité de la race nègre. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v. 5, n. 7, pp. 96-106, 1862.

_____. Jésus enfant au milieu des docteurs. Dernier tableau de M. Ingres. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v. 5, n. 6, pp. 176-178, 1862a.

_____. *Voyage Spirite em 1862.* Paris, Encyclopédie Spirite, 1862b.

_____. Épidémie démoniaque en Savoie. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v.5, n. 4, pp. 109-114, 1862c.

_____. Étude sur les *Possédés de Morzine*, les causes de l'obsession et les moyens d'y remédier. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques**, Paris, v.5, n. 12, pp. 353-63, 1862d.

_____. Voyage spirite en 1862. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques**, Paris, v.5, n. 11, pp. 321-2, 1862e.

_____. Sur les communications des Esprits. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v. 6, n. 9, pp. 227-8, 1863.

_____. Esprits visiteurs. François Franckowski. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v. 6, n. 10, pp. 309-10, 1863a.

_____. Examen des communications médianimiques qui nous sont adressées. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques**, Paris, v. 6, n. 5, pp. 156-9, 1863b.

_____. Étude sur les *Possédés de Morzine* (2e article). *Revue Spirite: journal d'études psychologiques*, Paris: Typ. de Cosson et Ce, v.6, n. 1, pp. 1-9, 1863c.

_____. Étude sur les *Possédés de Morzine* (3e article). **Revue Spirite: journal d'études psychologiques**, Paris, v.6, n. 2, pp. 33-41, 1863d.

_____. Étude sur les *Possédés de Morzine* (4e article). **Revue Spirite: journal d'études psychologiques**, Paris, v.6, n. 4, pp. 101-14, 1863e.

_____. Étude sur les *Possédés de Morzine* (5e article). **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v.6, n. 5, pp. 133-42, 1863f.

_____. Un cas de possession – Mademoiselle Julie. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques**, Paris, v.6, n. 12, pp. 373-7, 1863g.

_____. Transmission de la pensée. - Mon fantastique, par Émile Deschamps. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v. 7, n. 10, pp. 300-6, 1864.

_____. *Comment et pourquoi je suis devenu Spirite ?* par M. Borreau. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v. 7, n. 12, pp. 300-6, 1864a.

_____. L'Évangile selon le Spiritisme, 3 ed. Paris: Encyclopédie Spirite, 1864b.

_____. Autorité de la doctrine spirite. Contrôle universel de l'enseignement des Esprits. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques**, Paris, v. 7, n. 4, pp. 99-105, 1864c.

_____. De la perfection des êtres créés. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v. 7, n. 3, pp. 65-71, 1864d.

_____. Un cas de possession - Mademoiselle Julie (2e article). **Revue Spirite: journal d'études psychologiques**, Paris, v.7, n. 1, pp. 11-8, 1864e.

_____. ***Le Ciel et l'Enfer ou la justice divine selon le spiritisme,* 1ª ed**., Paris, 1865.

_____. Étude sur la médianimité. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,**

Paris, v. 8, n. 5 , pp. 154-6, 1865a.

_____. Nouvel et définitif enterrement du Spiritisme. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v. 9, n. 3 , pp. 58-61, 1866.

_____. Caractères de la Révélation Spirite. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques.** Paris, v. 10, n. 9, pp. 257-79, 1867.

_____. **La genèse: Les miracles et les prédictions selon le spiritisme**. Paris: Typ. de Rouge frères, Dunon et Fresné, 1868.

_____. **Catalogue raisonné des ouvrages pouvant servir a fonder une bibliothèque spirite, 3 ed.** Paris: Impr. de Rouge frères, Dunon et Fresné, rue du Four, 43. 1868/1869.

_____. Caractères de la révélation spirite, par Allan Kardec. **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v. 11, n. 2 , pp. 63-64, 1868a.

_____. **Oeuvres Posthumes**. Paris, 1890/1924.

KERNER, Justinus A. **The Seeress of Prevorst: being revelations concerning the inner-life of man and the inter-diffusion of a world of spirits in the one we inhabit**. Tradução para o inglês: Catherine Crowe. London: Partridge & Brittan, 1830/1855.

KOENIG, Harold. Religião, espiritualidade e psiquiatria: uma nova era na atenção à saúde mental. **Revista de Psiquiatria Clínica,** v.34, suplemento 1, pp. 5-7, 2007.

KRAGH, H. **An Introduction to the Historiography of Science**. Cambridge University Press, 1989.

KROPF, S. P.; AZEVEDO, N.; FERREIRA, L. O. Doença de Chagas: a construção de um fato científico e de um problema de saúde pública no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, pp. 347-65, 2000.

LACHAPELLE, Sofie. **A world outside science. French attitudes toward mediumistic phenomena (1853-1931)**. Dissertation in history, University of Notre-Dame, 2002.

_____. Attempting Science: the creation and early development of the Institut Métapsychique International in Paris, 1919-1931, **Journal of the History of the Behavioral Sciences,** v. 41, n. 1, pp. 1-24, 2005.

LACHÂTRE, Maurice. **Nouveau Dictionnaire Universel**. Paris: F. Cantel, 1869.

LADOUS, Régis. **Le Spiritisme.** Paris: Cerf, 1989.

LAKATOS, Imre. History of Science and its Rational Reconstructions. **Boston Studies in the Philosophy of Science, VIII.** 1970.

LALANDE, André. **Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LAMBALLE, Jobert. De la contraction rythmique musculaire involontaire. **Annales de l' Académie des sciences.** p. 760-763, 18 de abril de 1859.

LAMONT, Peter. Spiritualism and a mid-victorian crisis of evidence. **The Historical Journal,** v. 47, n. 4, pp. 897–920, 2004.

_____. Reflexivity, the role of history, and the case of mesmerism in early Victorian Britain. **History of Psychology**, v. 13, n. 4, p. 393–408. 2010.

LARROUSSE, Pierre. **Grand Dictionnaire Universel du XIXe Siècle, tome troisième**. Paris: Librairie Classique, Larrousse et Boyer, 1867.

LE DUC, Philibert. **Histoire de la Révolution dans l'Ain, tome cinquième.** Bourg-en-Bresse: Francisque Martin-Bottier, 1884.

LE MALÉFAN, Pascal. **Folie et Spiritisme: Histoire du discours**

psychopathologique sur la pratique du spiritisme ses abords et ses avatars (1850-1950). Editions L'Harmattan, 1999.

_____; EVRARD, Renaud; ALVARADO, Carlos S. Spiritist delusions and spiritism in the nosography of French psychiatry (1850–1950). **History of Psychiatry**, v. 24, n. 4, p. 477–491, 2013.

LEAHEY, Thomas H.; LEAHEY, Grace E. **Psychology's occult doubles: psychology and the problem of pseudoscience.** Nelson-Hall, 1983**.**

LEYMARIE, Pierre Gaëtan. Correspondence. **The Spiritualist.** Londres, pp. 174-7, 08 de Outubro de 1875.

_____. Voeu d'organization spirite **Revue Spirite: journal d'études psychologiques,** Paris, v. 29, n. 19, pp. 631-4, 1886.

LUCCHETTI, G, AGUIAR, P. R. D. C, BRAGHETTA, C. C., VALLADA C. P., MOREIRA-ALMEIDA, A., VALLADA H. Spiritist Psychiatric Hospitals in Brazil: Integration of Conventional Psychiatric Treatment and Spiritual Complementary Therapy. **Culture, Medicine and Psychiatry,** 04 November 2011.

LYONS, Sherrie L. **Species, Serpents, Spirits, and Skulls: Science at the margins in the Victorian Age.** Albany, NY: State University of New York Press, 2009.

MARALDI, Everton et al. Importance of a psychosocial approach for a comprehensive understanding of mediumship. **Jounal of Scientific Exploration,** v. 24, n. 2, pp. 181-196, 2010.

MARMIN, Nicolas. Métapsychique et psychologie en France (1880-1940). **Revue d'Histoire des Sciences Humaines.** v. 1, n. 4, pp. 145-171, 2001.

MARTINS, Sebastião P. **Os fundamentos históricos da pedagogia espírita: de Comenius a Kardec.** Rio de Janeiro: Edições Léon Denis, 2006.

MASON, S. F. **História da Ciência: As principais Correntes do Pensamento Científico.** Tradução: Flávio e José Vellinho de Lacerda. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1962.

MATHIEU, Paul. F. **Un mot sur les tables parlantes suivi du crayon magique et du guéridon poete.** Paris: Jules Laisné, 1854.

MÈGE, Jean Baptiste. **Manifeste des principes de la Société phrénologique de Paris: adopté dans sa séance du 9 décembere 1834.** 1835.

MÉHEUST, Bertrand. **Somnambulisme et médiumnité, tome 2: le choc des sciences psychiques**. Ed Synthélabo, coll. Les empêcheurs de penser en rond, 1999.

MESMER, Franz. A. Memória sobre a descoberta do magnetismo animal. In: FIGUEIREDO, Paulo Henrique de. **Mesmer: A ciência negada e os textos escondidos.** 2. ed. Tradução: Álvaro Glerean. São Paulo: Lachâtre, 2007.

MIRVILLE, Jules E. **Pneumatologie: Manifestations fluidiques devant la science moderne**. Paris: H. Vrayet de Surcy, 1863.

MONROE, John. **Laboratories of Faith: mesmerism, spiritism, and occultism in modern France**. Ithaca: Cornell University Press, 2008.

MOREIL, André. **La vie et l'oeuvre d'Allan Kardec**. Sperar, 1961.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; LOTUFO NETO, Francisco. A Mediunidade vista por alguns pioneiros da área mental. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 31, n. 3, pp.132-141, 2004.

_____; et al. History of Spiritist Madness in Brazil. **History of Psychiatry,** v. 16, n. 1, pp. 5-25, 2005.

_____; LOTUFO NETO, Francisco. Spiritist views of mental disorders in Brazil. **Transcultural Psychiatry**. v. 42, n. 4, pp. 570-595, dez. 2005.

_____. Espiritualidade e saúde: passado e futuro de uma relação controversa e desafiadora. **Revista de Psiquiatria Clínica,** v. 34, n. 1, pp. 3-4, 2007.

_____. Allan Kardec and the Development of a Research Program in Psychic Experiences. The Parapsychological Association & The Society for Psychical Research Convention 2008. Winchester - UK. **Proceedings of Presented Papers,** v.51, pp. 327-332, 2008.

_____; Peres. M.F.; Aloe, F.; Lotufo Neto, Francisco. Koenig, Harold G. Versão em Português da Escala de Religiosidade da Duke – DUREL. **Revista de Psiquiatria Clínica,** São Paulo, SP, v. 35, p. 31-32, 2008.

_____. O crescente impacto das publicações em espiritualidade e saúde e o papel da Revista de Psiquiatria Clínica. **Revista de Psiquiatria Clínica,** v. 37, n. 2, pp. 41-42, 2010.

NUMBERS, Ronald. **Galileo goes to Jail and other Myths about Science and Religion**. Cambridge: Harvard University Press, 2009.

OPPENHEIM, Janet. **The other world: Spiritualism and Psychical Research in England, 1850-1914**. Cambridge: Cambridge University Press. 1985.

PEZZANI, André. **Condamnation des manifestations spirites**. Paris: Ledoyen librairie, 1860.

PAGE, Charles G. **Psychomancy: spirit-rappings and table-tippings exposed**. D. Appleton, 1853.

PARAPSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **Clairvoyance**. Disponível em: http://archived.parapsych.org/glossary. Acesso em: 25 jan. 2014.

_____. **Telepathy**. Disponível em: http://archived.parapsych.org/glossary. Acesso em: 25 jan. 2014.

PAROT, Françoise. Psychology experiments: Spiritism at the Sorbonne. **Journal of the History of Behavioral Sciences,** v. 29, pp. 22-28, 1993.

POST, R. C. **Physics, patents, and politics: a biography of Charles Grafton Page.** Science History Publications: New York, 1976.

PRICHARD, John. **A few sober words of table-talk about table-spirits**. London: G. C. Liebenrood, courier office, 1853.

PRIEUR, Jean. **Allan Kardec et son époque.** Paris: Editions du Rocher, 2004

PUYSÉGUR, Marquês de. **Du magnétisme animal, considéré dans ses rapports avec diverses branches de la Physique générale**. Paris, 1809.

_____. **Recherches, expériences et observations physiologiques sur l'homme dans l'état de somnambulisme naturel, et dans le somnambulisme provoque**. Paris, 1811.

PUTTINI, R. **Medicina e religião num espaço hospitalar espírita**: Tese de Doutorado. Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); 2004.

RAIA, Courtenay. From ether theory to ether theology? Oliver Lodge and the physics of immortality. **Journal of the History of the Behavioral Sciences,** v. 43, n. 1; pp. 19-43, 2007.

REICHENBACH, Karl. **Researches on magnetism, electricity, heat, light, crystallization, and chemical attraction: in their relations to the vital force**. Taylor, Walton and Maberly, 1850.

RÉMOND, René. **O Século XIX, 1815-1914.** Tradução: Frederico Pessoa de Barros. São Paulo: Editora Cultrix, 1986.

RICHARD, Jean-Christophe. **Les Possédées de Morzine - Livre 1.** Recueil de documents anciens, 2010.

RICHET, Charles. **Traité de Métapsychique**. Paris: Librairie Félix Alcan, 1922.

RIVAIL, Hippolyte L. D. **Plan proposé pour l'amelioration de l'éducation publique**. Paris: Dentu, Libraire, 1828.

_____. **Examen sur la question suivante, proposee par la société royale d'arras, Quelles sont les modifications utiles et faciles a introduire dans l'enseignement actuel des collèges pour le mettre plus en rapport avec l'ètat de la civilization et les besoins de l'epoque?.** 1831.

_____. **Discours prononce a la distribution des prix, du 14 août 1834.** Paris: Instituition Rivail, 1834.

ROGERS, Edward C. **Philosophy of mysterious agents, human and mundane**. Editora: J. P. Jewett, 1856

ROUBAUD, Félix. **La danse des tables: phénoménes physologiques démontrés**. Librairie nouvelle, 1853.

ROSTAN, Léon L. **Du magnétisme animal**. Paris: Rignoux, 1825.

SAMSON, George W. **"To daimonion:" or the spiritual medium.** Massachussets: Gould and Lincoln, 1852.

SAUSSE, Henri. **Biographie de Allan Kardec**. L'encyclopedie Spirite (www.spiritisme.net), 1896/1927.

SNOW, Herman. **Spirit-intercourse: containing incidents of personal experience while investigating the new phenomena of spirit thought and action**. Crosby, Nichols, 1853.

SOCIETÉ D'EMULATION DE L'AIN**. Société d'Emulation de l'Ain, reconnue d'utilitée publique.** Disponível em: http://societe-d-emulation-de-l-ain.over-blog.com/. Acesso em: 25 jan. 2014.

SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH (Great Britain). **Proceedings of the Society for Psychical Research volume 1.** Harvard University, 1883.

SOMMER, Andreas. Psychical research and the origins of American psychology: Hugo Münsterberg, William James and Eusapia Palladino. **History of the Human Sciences,** v. 25, n. 2, p. 23-44, 2012.

_____. Normalizing the Supernormal: The formation of the "Gesellschaft für Psychologische Forschung" ("Society for Psychological Research"), c. 1886–1890. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, Vol. 49, n. 1, pp. 1–26 Winter 2012a.

SHARP, Lynn. **Secular spirituality: reincarnation and spiritism in nineteenth-century France.** Lanham: Lexington Books, 2006.

_____. Fighting for the afterlife: spiritists, catholics and popular religion in nineteenth-century France. **The Journal of Religious History,** v. 23, n. 3, pp. 282-295, 1999.

STOLL, Sandra. **Espiritismo à Brasileira**. São Paulo: Edusp, 2003.

STROMBECK, Friedrich K. **Histoire de la guérison d'une jeune personne, par le magnétisme animal, produit par la nature elle-même**. Paris: Librairie grecque, latine, allemande, 1814.

TASCHER, Paul. **Seconde lettre de gros Jean à son évêque au sujet des tables parlantes, des possessions et autre diableries**. 1855.

TESTE, Alphonse. **Manuel pratique du magnétisme animal**. Paris: Librairie de J. B. Baillière, 1840.

TOWNSHEND, Chauncy H. **Mesmerism proved true: And the Quarterly Reviewer reviewed.** T. Bosworth, 1854.

TULARD, Jean; FAYARD; FIERRO, Alfred. **dictionnaire de la Révolution française. 1789-1799.** Paris: coll. « Bouquins », 1987.

VALENTINE, Elizabeth R. Guest Editorial. **History of the Human Sciences.** v.25, n. 2, p. 1, 2012.

VARÈZE, Claude. **Allan Kardec.** Athêna, 1948.

VARTIER, Jean. **Allan Kardec: la naissance du spiritisme.** Paris: Hachette, 1971.

VIREY, Julien J. Examen impartial de la médecine magnétique, de sa doctrine, de ses procedes, et de ses cures. **Dictionnaire des sciences médicales**, v. 29. pp. 463-558, 1818.

WANTUIL, Zêus; THIESEN, Francisco. **Allan Kardec: o educador e o codificador, volume 1.** Rio de Janeiro, FEB, 2004.

WEISBERG, Barbara. **Talking to the dead. Katie and Maggie Fox and the rise of spiritualism**. New York, Harper Collins, 2004.

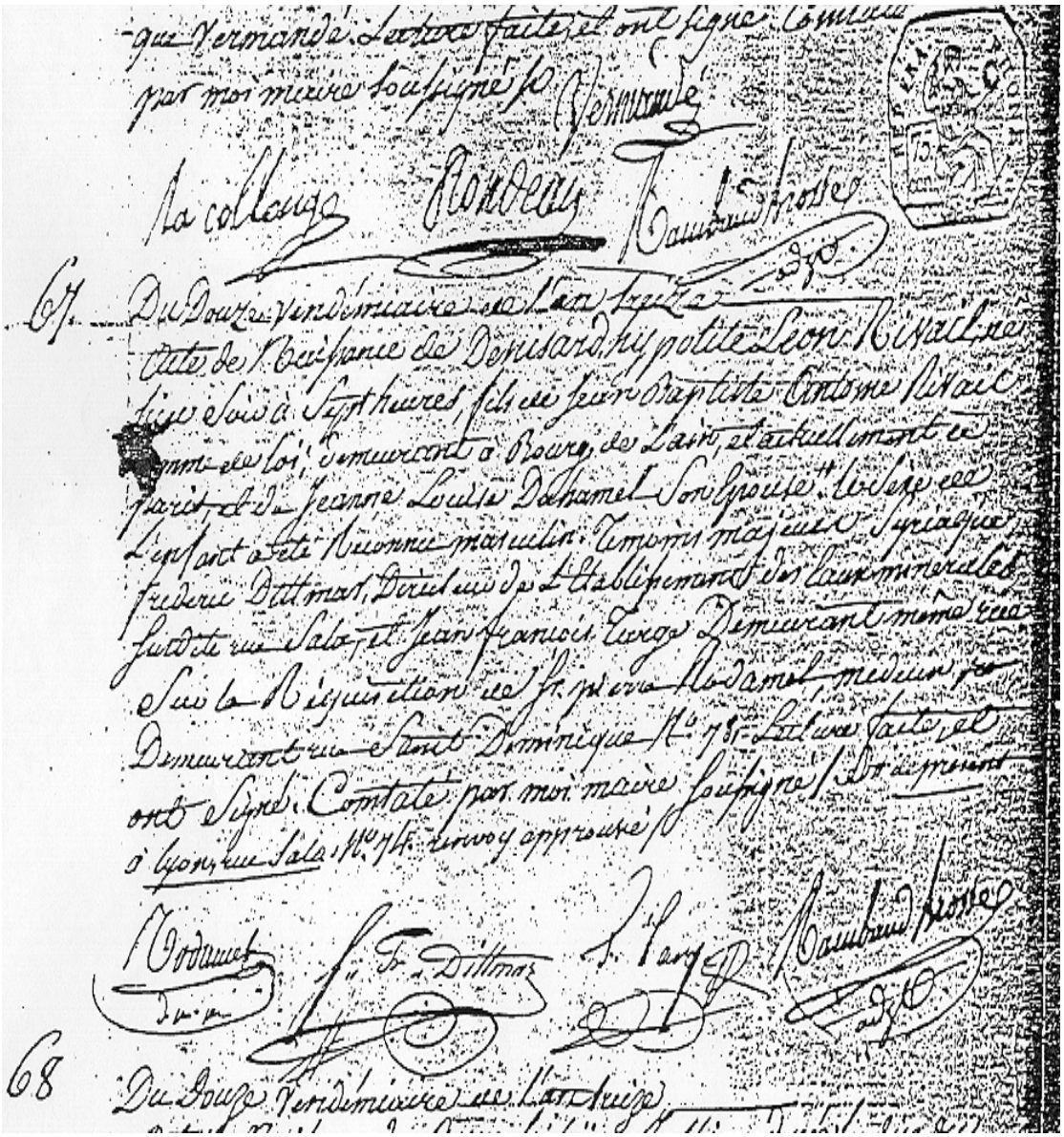
WILSON, Fred. John Stuart Mill IN: **Stanford Encyclopedia of Philosophy.** 2007. Disponível em: http://plato.stanford.edu/entries/mill.

WOLFFRAM, Heather. Hallucination or materialization? The animism versus spiritism debate in late-19th-century Germany. **History of the Human Sciences,** v. 25, n. 2, p. 45-66, 2012.

WOOLGAR, S. W. Writing an Intellectual History of Scientific Development: The Use of Discovery Accounts. **Social Studies of Science**, v. 6, n. 3/4, pp. 395-422, 1976.

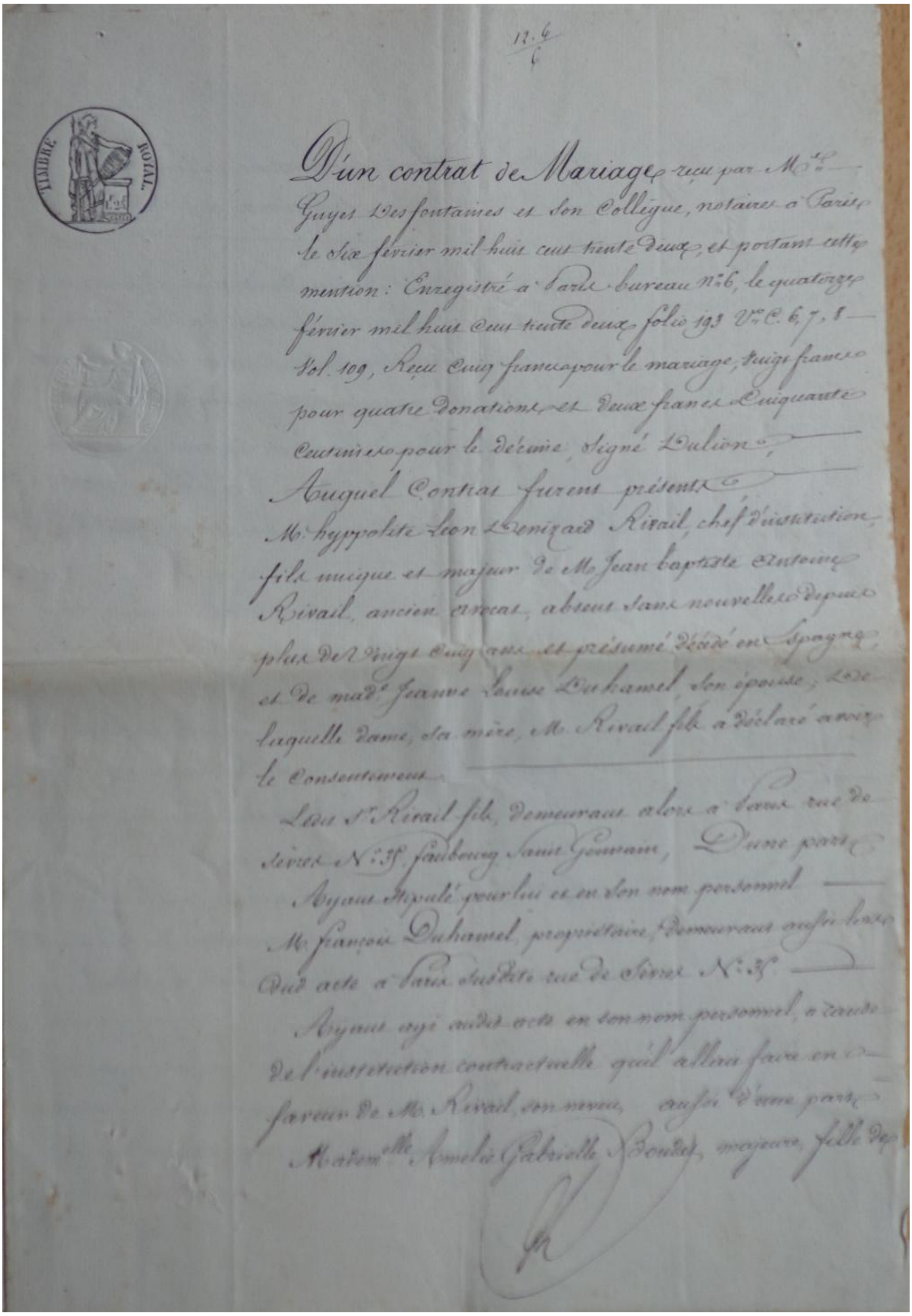
ANEXOS:

ANEXO I – Registro de nascimento de Allan Kardec.



(Fonte: DAMAS, Jorge; BARROS, Stênio de. **Allan Kardec: análise de documentos biográficos.** Niterói: Publicações Lachâtre, 1999.)

ANEXO II – Contrato de casamento de Hippolyte Léon Denizard Rivail com Amélie-Gabrielle Boudet.



D'un contrat de Mariage reçu par Mes
Guyet Desfontaines et son Collègue, notaires à Paris,
le six février mil huit cent trente deux, et portant cette
mention: Enregistré à Paris bureau N°6, le quatorze
février mil huit cent trente deux, folio 193 V°. C. 6, 7, 8 —
Vol. 109, Reçu cinq francs pour le mariage, vingt francs
pour quatre donations et deux francs cinquante
centimes pour le décime, signé Dulion,
Auquel contrat furent présents
M. hyppolite Leon Denizard Rivail, chef d'institution,
fils unique et majeur de M. Jean baptiste Antoine
Rivail, ancien avocat, absent sans nouvelles depuis
plus de vingt cinq ans et présumé décédé en Espagne,
et de madᵉ Jeanne Louise Duhamel, son épouse, de
laquelle dame, sa mère, M. Rivail fils a déclaré avoir
le consentement.
Ledit Sr Rivail fils, demeurant alors à Paris rue de
Sèvres N° 35, faubourg Saint Germain, D'une part,
Ayant stipulé pour lui et en son nom personnel
M. François Duhamel, propriétaire, demeurant aussi lors
dud acte à Paris dudite rue de Sèvres N° 35 —
Ayant agi audit acte en son nom personnel, à cause
de l'institution contractuelle qu'il allait faire en
faveur de M. Rivail, son neveu, aussi d'une part,
Mademoiselle Amélie Gabrielle Boudet, majeure, fille de

M. Julien Louis Boudet, propriétaire, et Dame Julie Louise Soignes de la Combe, son épouse, aussi comparante audit acte.

Ladite Demoiselle Boudet, demeurant ordinairement avec ses père et mère, au Château du Loir, département de la Sarthe, mais lors dudit Contrat, logée avec eux à Paris rue de la planche n°. 10, faubourg St. Germain.

Ayant stipulé pour elle et en son nom personnel

D'autre part

Et Mr. et mad.e Boudet, ci-dessus nommés, qualifiés et domiciliés

Ayant agi en leurs noms personnels à cause, tant du consentement qu'ils ont déclaré donner au mariage projeté entre Mr. Rivail et mad.elle Leur fille, que de l'institution contractuelle qu'ils ont faite en faveur de cette dernière

aussi d'autre part

A été, entr'autres conditions civiles dud. mariage extrait littéralement ce qui suit :

Article 1er. Les futurs époux se marient sous le régime de la communauté conformément aux dispositions du Code Civil mais avec les modifications exprimées dans les articles suivants.

Art.e 2.e La totalité des biens qui vont être apportés en mariage ou constitués en dot, sera exclue de la communauté. Il en sera de même de tous ceux tant en meubles

qu'immeubles qui, pendant le mariage, écherront à chacun des futurs époux par succession, donation, legs ou autrement, le tout sera repris lors de la dissolution de la communauté par celui des époux du chef duquel ces biens seront provenus. La communauté ne devant se composer que des acquêts faits avec le produit des économies qui pourront avoir lieu. ———

Art. 3e. Réciproquement la communauté ne sera pas chargée des dettes que l'un des époux aurait contractées avant le mariage, ni de celles grevant les biens qui pourront échoir à chacun d'eux, elles seront acquittées par celui des époux qu'elles concerneront, sans que l'autre, ses biens, ni ceux de la future communauté y soient aucunement obligés. ———

Art. 4. Le futur époux apporte en mariage, savoir: ———

1° Ses effets, linge, hardes, bijoux et livres à son usage personnel d'une valeur de deux mille cinq cents francs. ———

2° Son établissement d'instruction, avec le diplôme, la clientelle et le matériel qui en dépendent, le tout d'une valeur de quarante deux mille six cent soixante un francs. ———

3° en deniers comptants deux mille quatre cent quarante huit francs soixante un centimes. ———

4° en effets en portefeuille six cent trois francs quarante cinq centimes. ———

5° une créance sur les S.r et D.e Delacombe de deux mille cent quarante sept francs quatre vingt dix centimes non productible d'intérêts. ———

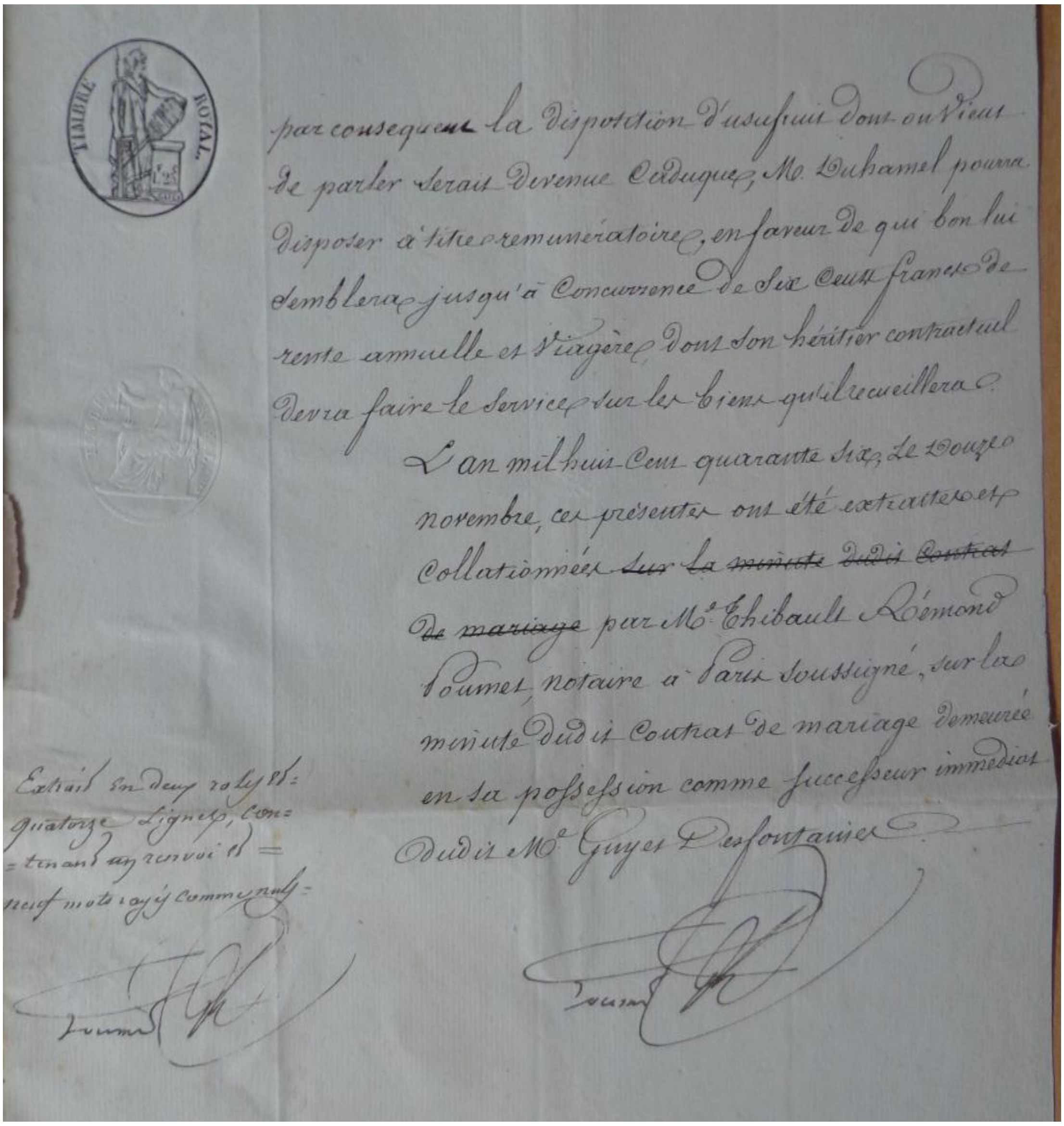
6° La portion courue de la pension des élèves, deux mille dix francs vingt cinq centimes

7° et diverses créances d'un recouvrement incertain sur M. M. Laurent de Bordeaux, Vidal, marchand de vins, et Maurol, huit cent douze francs cinq centimes, non productibles d'intérêts.

Sur le montant de cet apport, le futur époux déclare devoir à une personne de sa famille vingt neuf mille cinquante sept francs quarante huit centimes, remboursables à terme éloigné; à une autre parente avec même terme ~~deux~~ mille deux cent quarante francs quatre vingts centimes, et à divers par billets quatre mille neuf cent dix francs quatre vingt dix huit centimes

Il a été donné connoissance de cet apport à la future epouse qui le reconnoit.

Art.e 5.e En considération dudit futur mariage, M. Duhamel institue M. Rivail, son neveu, pour son seul et unique héritier de tous les biens meubles et immeubles qu'il laissera au jour de son décès, sous la réserve seulement par M.r Duhamel de pouvoir disposer de l'usufruit des mêmes biens, au profit, sur la tête et pendant la vie de mad.e Rivail, sa sœur, mère du futur époux, comme aussi dans le cas où mad.e Rivail aurait prédécédé M. Duhamel, et où


TIMBRE ROYAL

par conséquent la disposition d'usufruit dont on vient
de parler serait devenue caduque, Mr Duhamel pourra
disposer à titre rémunératoire, en faveur de qui bon lui
semblera, jusqu'à concurrence de six cent francs de
rente annuelle et viagère, dont son héritier contractuel
devra faire le service sur les biens qu'il recueillera.

L'an mil huit cent quarante six, le douze
novembre, ces présentes ont été extraites et
collationnées ~~sur la minute dudit contrat
de mariage~~ par Mr Thibault Rémond
Poumet, notaire à Paris soussigné, sur la
minute dudit contrat de mariage demeurée
en sa possession comme successeur immédiat
dudit Mr Guyet Desfontaines.

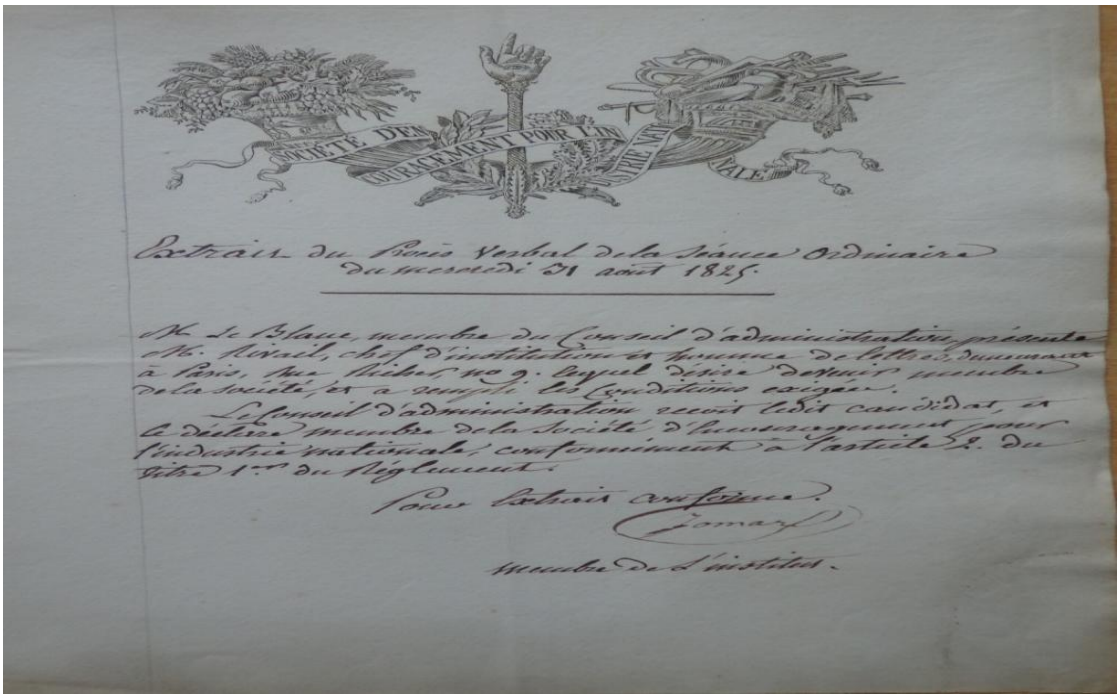
Extrait en deux rôles et quatorze lignes, contenant un renvoi et neuf mots rayés comme nuls.

Poumet

Poumet

(Fonte: Union Spirite Française et Francophone)

ANEXO III – Carta de aceite da *Société d'Encouragement pour l'Industrie Nationale* (Sociedade de Encorajamento para a Indústria Nacional).



Extrait du Procès Verbal de la Séance Ordinaire
du mercredi 21 août 1825.

(Fonte: Union Spirite Française et Francophone)

ANEXO IV – Diploma da *Société Royale d'Émulation et, d'Agriculture, du département de l'Ain* (Sociedade Real de Emulação e de Agricultura do Departamento de l'Ain).

Société D'Émulation et D'Agriculture
DU — DÉPARTEMENT DE L'AIN

(Fonte: Union Spirite Française et Francophone)

ANEXO V – Diploma da *Société de Prévoyance des Chefs d'Institution et des Maîtres-de-Pension de Paris* (Sociedade de Previdência dos Chefes de Instituição e Mestres de Pensão em Paris).

SOCIÉTÉ DE PRÉVOYANCE
DES
CHEFS D'INSTITUTION ET MAITRES DE PENSION DE PARIS.

Diplôme de Fondateur.

LE CONSEIL D'ADMINISTRATION de la Société de Prévoyance des Chefs d'Institution et Maîtres de Pension de Paris,

Vu l'acte passé par devant Mr Morisseau, notaire, et son Collègue, les 10, 11, 12 et 13 mars 1829, et l'article 35 des Statuts de la Société,

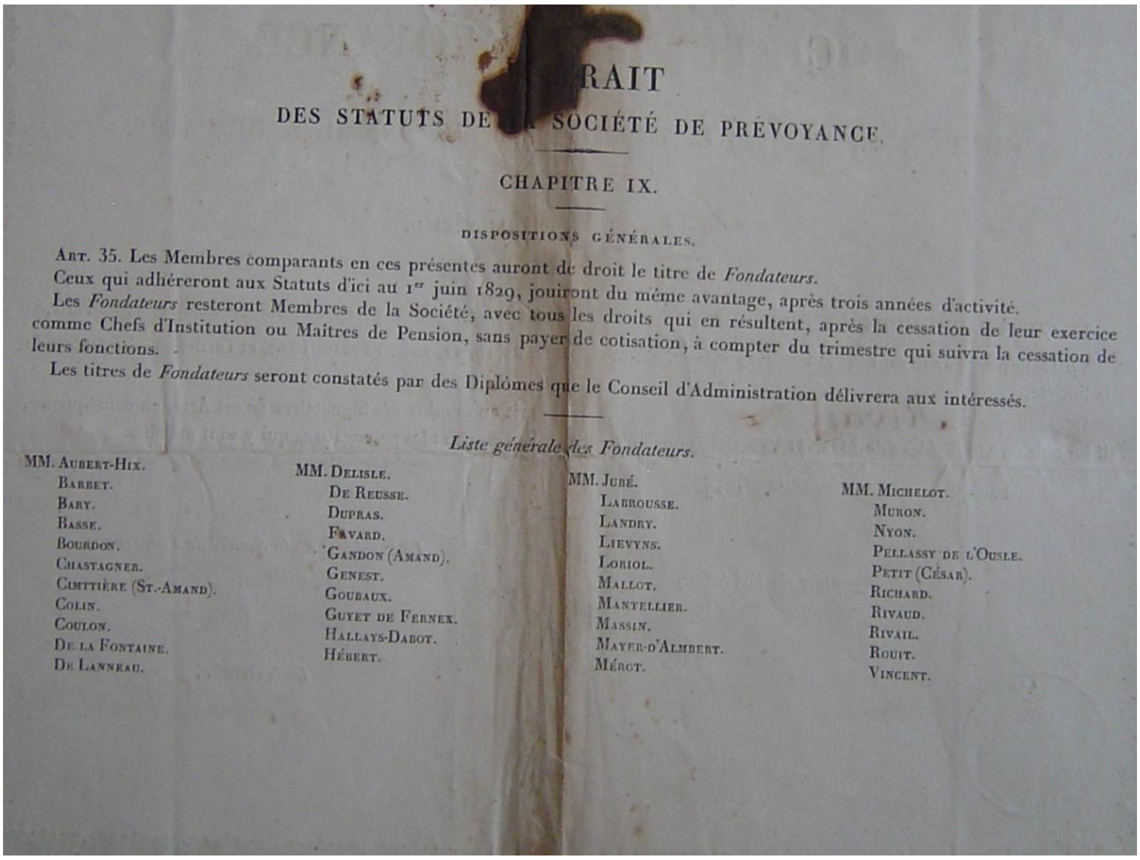
Déclare que Mr Rivail (Hippolyte Léon Denizard) est inscrit au nombre des Signataires de cet Acte; en conséquence, il lui a délivré le Diplôme de FONDATEUR, pour en jouir avec les droits et les prérogatives qui y sont attachés.

Paris, le premier avril 1829.

Le Président de la Société de Prévoyance,

Signature du Fondateur,

Le Secrétaire,



EXTRAIT
DES STATUTS DE LA SOCIÉTÉ DE PRÉVOYANCE.

CHAPITRE IX.

DISPOSITIONS GÉNÉRALES.

Art. 35. Les Membres comparants en ces présentes auront de droit le titre de *Fondateurs*.
Ceux qui adhéreront aux Statuts d'ici au 1er juin 1829, jouiront du même avantage, après trois années d'activité.
Les *Fondateurs* resteront Membres de la Société, avec tous les droits qui en résultent, après la cessation de leur exercice comme Chefs d'Institution ou Maîtres de Pension, sans payer de cotisation, à compter du trimestre qui suivra la cessation de leurs fonctions.
Les titres de *Fondateurs* seront constatés par des Diplômes que le Conseil d'Administration délivrera aux intéressés.

Liste générale des Fondateurs.

MM. Aubert-Hix.
Barbet.
Bary.
Basse.
Bourdon.
Chastagner.
Cottière (St.-Amand).
Colin.
Coulon.
De la Fontaine.
De Lanneau.

MM. Delisle.
De Reusse.
Dupras.
Favard.
Gandon (Amand).
Genest.
Goubaux.
Guyet de Fernex.
Hallays-Dabot.
Hébert.

MM. Jubé.
Labrousse.
Landry.
Lievyns.
Loriol.
Mallot.
Mantellier.
Massin.
Mayer-d'Albert.
Mérot.

MM. Michelot.
Muron.
Nyon.
Pellassy de l'Ousle.
Petit (César).
Richard.
Rivaud.
Rivail.
Rouit.
Vincent.

(Fonte: Union Spirite Française et Francophone)

ANEXO VI – Diploma da *Société Grammaticale* (Sociedade Gramatical).

Société Grammaticale

Fondée à PARIS l'an 1807,

par

URBAIN DOMERGUE.

La Société Grammaticale a reçu au nombre de ses membres résidant Monsieur Rivail, Chef d'institution en foi de quoi elle lui a délivré le présent Diplôme.

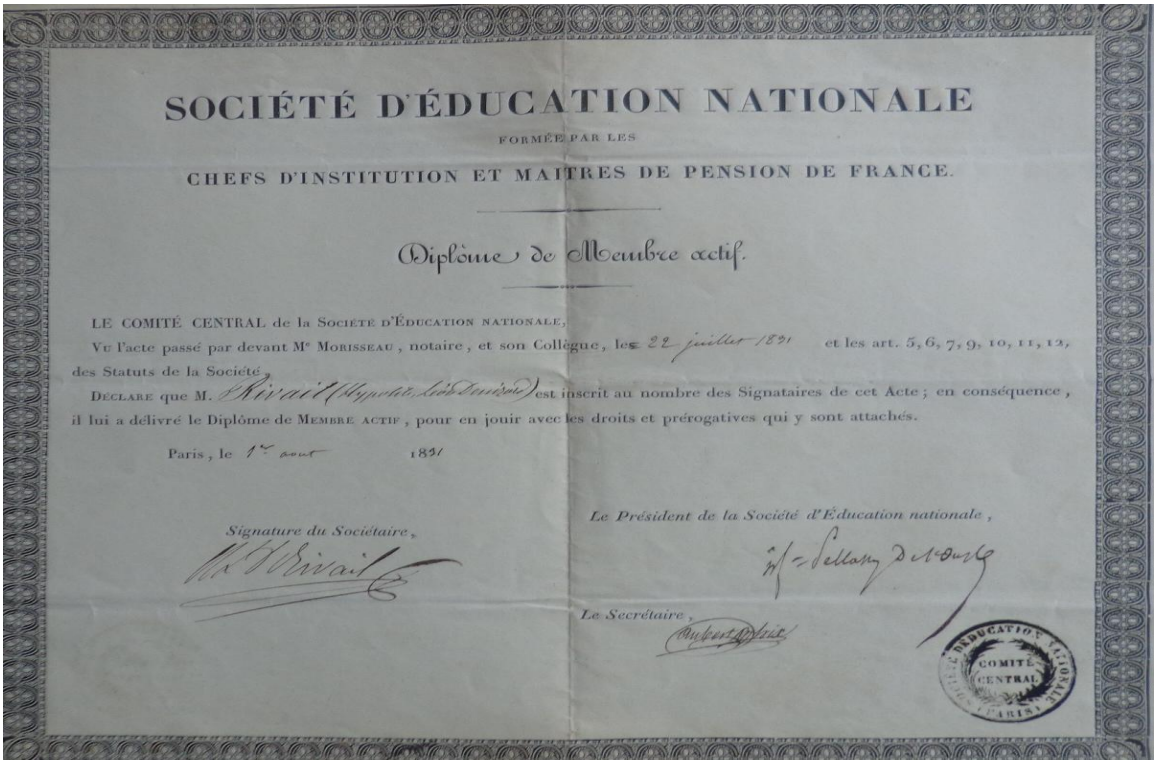
Fait en séance à Paris le 13 décembre mil huit cent vingt neuf

Signature du porteur.

Président — Vice-Président — Secrét. gal — Secrét. partic. — Trésorier

(Fonte: Union Spirite Française et Francophone)

ANEXO VII – Membro da *Société d'Éducacion Nationale* (Sociedade de Educação Nacional).



SOCIÉTÉ D'ÉDUCATION NATIONALE

FORMÉE PAR LES

CHEFS D'INSTITUTION ET MAITRES DE PENSION DE FRANCE.

Diplôme de Membre actif.

LE COMITÉ CENTRAL de la SOCIÉTÉ D'ÉDUCATION NATIONALE,

Vu l'acte passé par devant Me MORISSEAU, notaire, et son Collègue, les 22 juillet 1831 et les art. 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, des Statuts de la Société,

DÉCLARE que M. Rivail (Hypolite, Léon Denizard) est inscrit au nombre des Signataires de cet Acte; en conséquence, il lui a délivré le Diplôme de MEMBRE ACTIF, pour en jouir avec les droits et prérogatives qui y sont attachés.

Paris, le 1er aout 1831

Signature du Sociétaire,

Le Président de la Société d'Éducation nationale,

Le Secrétaire,

SOCIÉTÉ D'ÉDUCATION NATIONALE — COMITÉ CENTRAL — PARIS

(Fonte: Union Spirite Française et Francophone)

ANEXO VIII – Diploma da *Société Française de Statistique Universelle* (Sociedade Francesa de Estatística Universal).

SOCIÉTÉ de Statistique FRANÇAISE Universelle,

Fondée à Paris, par M. CÉSAR MOREAU, le 22 Novembre 1829.

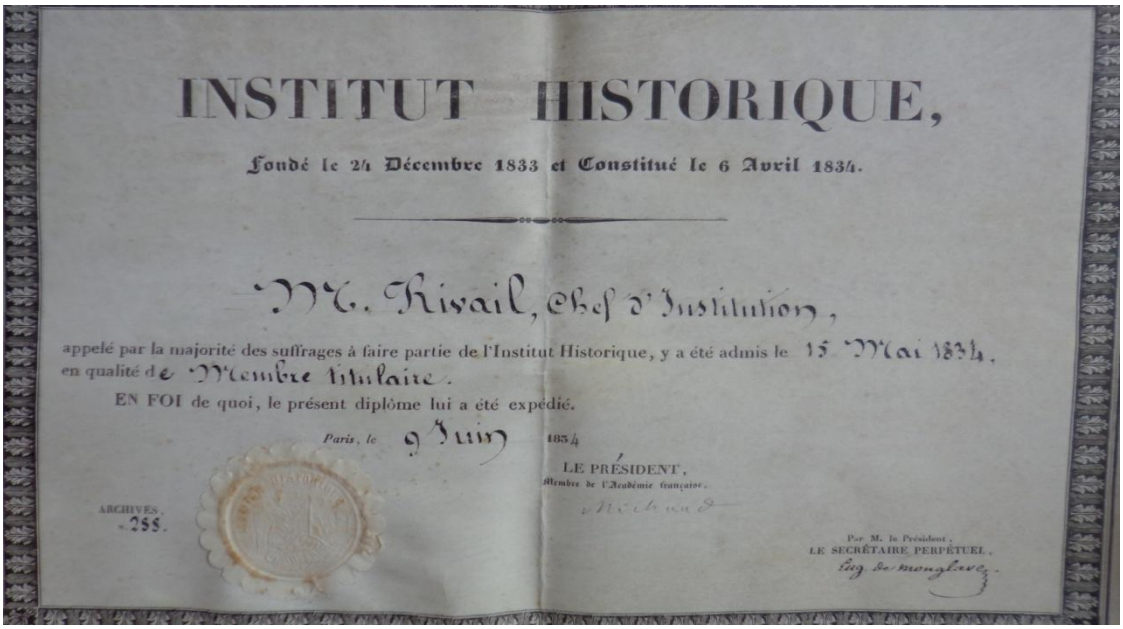
La Société Française de Statistique Universelle, sur la Présentation et d'après le Rapport qui lui a été fait par son Conseil d'Administration en Séance du Dix huit Janvier Mil huit Cent trente, a admis au nombre de ses Membres Titulaires Monsieur Rivail, Chef d'Institution, &c.

En foi de quoi la Société lui a fait expédier le présent Diplôme.

A Paris, le 28 Février 1831.

(Fonte: Union Spirite Française et Francophone)

ANEXO IX – Diploma e carta de aceite do *Institut Historique* (Instituto Histórico).



INSTITUT HISTORIQUE,

Fondé le 24 Décembre 1833 et Constitué le 6 Avril 1834.

M. Rivail, Chef d'Institution,

appelé par la majorité des suffrages à faire partie de l'Institut Historique, y a été admis le 15 Mai 1834, en qualité de Membre titulaire.

EN FOI de quoi, le présent diplôme lui a été expédié.

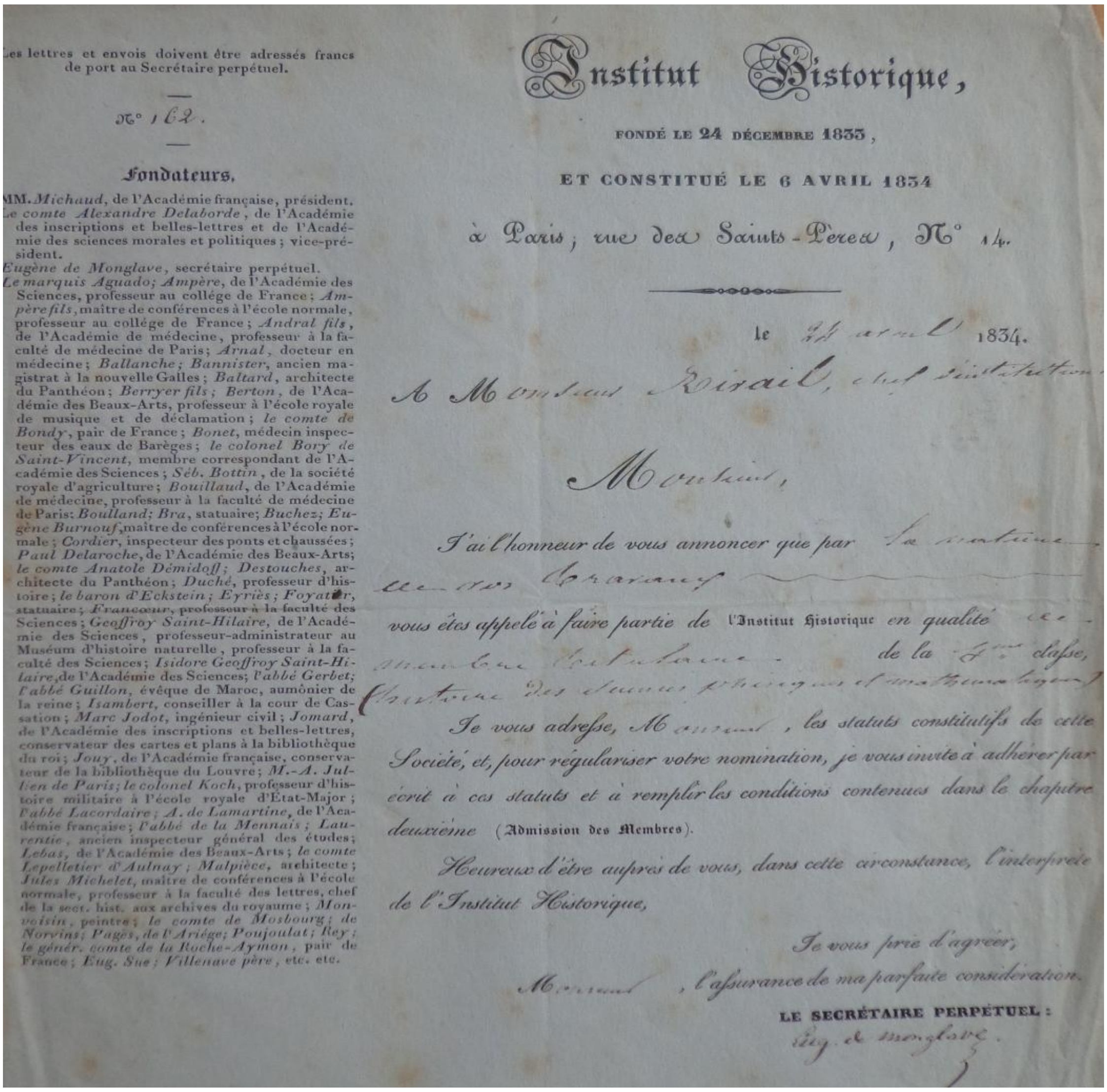
Paris, le 9 Juin 1834

LE PRÉSIDENT,
Membre de l'Académie française.

ARCHIVES. 255.

Par M. le Président:
LE SECRÉTAIRE PERPÉTUEL.

(Fonte: Union Spirite Française et Francophone)



Les lettres et envois doivent être adressés francs de port au Secrétaire perpétuel.

N° 162.

Fondateurs.

MM. *Michaud*, de l'Académie française, président.
Le comte Alexandre Delaborde, de l'Académie des inscriptions et belles-lettres et de l'Académie des sciences morales et politiques ; vice-président.
Eugène de Monglave, secrétaire perpétuel.
Le marquis Aguado; Ampère, de l'Académie des Sciences, professeur au collége de France ; *Ampère fils*, maître de conférences à l'école normale, professeur au collége de France ; *Andral fils*, de l'Académie de médecine, professeur à la faculté de médecine de Paris; *Arnal*, docteur en médecine ; *Ballanche ; Bannister*, ancien magistrat à la nouvelle Galles ; *Baltard*, architecte du Panthéon ; *Berryer fils ; Berton*, de l'Académie des Beaux-Arts, professeur à l'école royale de musique et de déclamation ; *le comte de Bondy*, pair de France ; *Bonet*, médecin inspecteur des eaux de Barèges ; *le colonel Bory de Saint-Vincent*, membre correspondant de l'Académie des Sciences ; *Séb. Bottin*, de la société royale d'agriculture ; *Bouillaud*, de l'Académie de médecine, professeur à la faculté de médecine de Paris: *Boulland; Bra*, statuaire; *Buchez; Eugène Burnouf*, maître de conférences à l'école normale ; *Cordier*, inspecteur des ponts et chaussées ; *Paul Delaroche*, de l'Académie des Beaux-Arts; *le comte Anatole Démidoff; Destouches*, architecte du Panthéon ; *Duché*, professeur d'histoire ; *le baron d'Eckstein ; Eyriès ; Foyatier*, statuaire ; *Francœur*, professeur à la faculté des Sciences ; *Geoffroy Saint-Hilaire*, de l'Académie des Sciences, professeur-administrateur au Muséum d'histoire naturelle, professeur à la faculté des Sciences; *Isidore Geoffroy Saint-Hilaire*, de l'Académie des Sciences; *l'abbé Gerbet; l'abbé Guillon*, évêque de Maroc, aumônier de la reine ; *Isambert*, conseiller à la cour de Cassation ; *Marc Jodot*, ingénieur civil ; *Jomard*, de l'Académie des inscriptions et belles-lettres, conservateur des cartes et plans à la bibliothèque du roi ; *Jouy*, de l'Académie française, conservateur de la bibliothèque du Louvre ; *M.-A. Jullien de Paris; le colonel Koch*, professeur d'histoire militaire à l'école royale d'État-Major ; *l'abbé Lacordaire ; A. de Lamartine*, de l'Académie française ; *l'abbé de la Mennais ; Laurentie*, ancien inspecteur général des études; *Lebas*, de l'Académie des Beaux-Arts ; *le comte Lepelletier d'Aulnay ; Malpièce*, architecte ; *Jules Michelet*, maître de conférences à l'école normale, professeur à la faculté des lettres, chef de la sect. hist. aux archives du royaume ; *Monvoisin*, peintre ; *le comte de Mosbourg ; de Norvins ; Pagès, de l'Ariége ; Poujoulat ; Rey ; le génér. comte de la Roche-Aymon*, pair de France ; *Eug. Sue ; Villenave père*, etc. etc.

Institut Historique,

FONDÉ LE 24 DÉCEMBRE 1833,

ET CONSTITUÉ LE 6 AVRIL 1834

à Paris ; rue des Saints-Pères, N° 14.

le 24 avril 1834.

A Monsieur Rivail, chef d'institution

Monsieur,

J'ai l'honneur de vous annoncer que par la nature de vos travaux

vous êtes appelé à faire partie de l'Institut Historique en qualité de membre titulaire de la 4me classe, (histoire des sciences physiques et mathématiques)

Je vous adresse, Monsieur, les statuts constitutifs de cette Société, et, pour régulariser votre nomination, je vous invite à adhérer par écrit à ces statuts et à remplir les conditions contenues dans le chapitre deuxième (Admission des Membres).

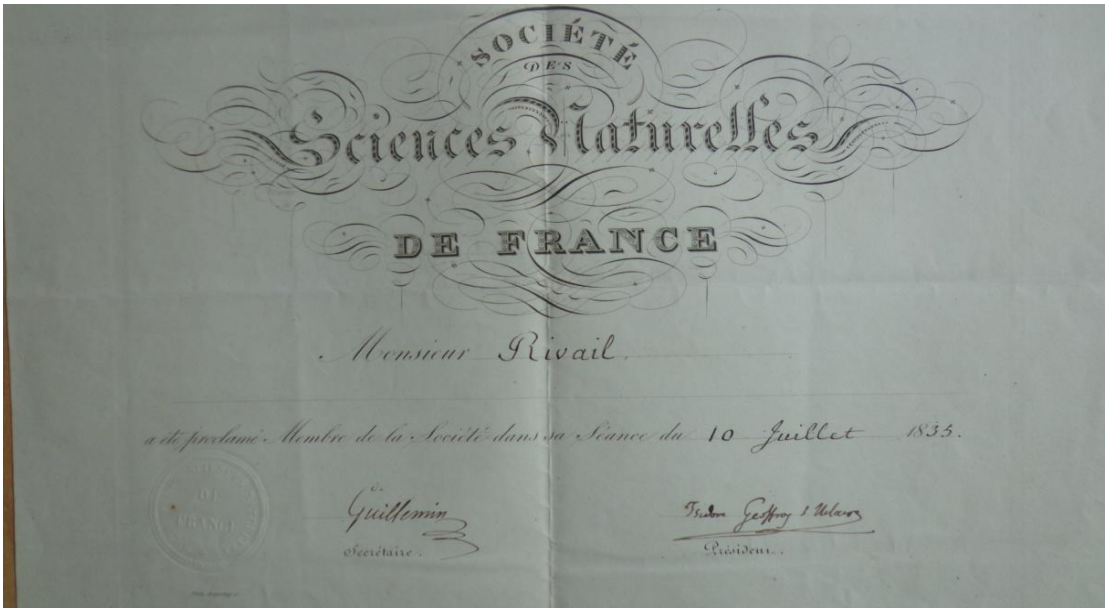
Heureux d'être auprès de vous, dans cette circonstance, l'interprète de l'Institut Historique,

Je vous prie d'agréer, Monsieur, l'assurance de ma parfaite considération.

LE SECRÉTAIRE PERPÉTUEL :
Eug. de Monglave.

(Fonte: Union Spirite Française et Francophone)

ANEXO X – Diploma da *Société des Sciences Naturelles de France* (Sociedade de Ciências Naturais da França).


SOCIÉTÉ
DES
Sciences Naturelles
DE FRANCE

Monsieur Rivail

a été proclamé Membre de la Société dans sa Séance du 10 Juillet 1833.

Guillemin
Secrétaire.

Président.

(Fonte: Union Spirite Française et Francophone)

ANEXO XI – Diploma do *Institut des Langues* (Instituto de Línguas).

INSTITUT DES LANGUES,

Fondé à Paris, le 28 avril 1837.

Monsieur Rivail (Hyppolite, Léon, Denizard) Chef d'Institution,
a été admis au nombre des Membres résidents de l'INSTITUT DES LANGUES, dans la Séance
générale du 19 Juillet 1838
En foi de quoi, le présent Diplôme lui a été délivré
Fait à Paris, le 19 Juillet 1838
Le Président de la 1re Classe,

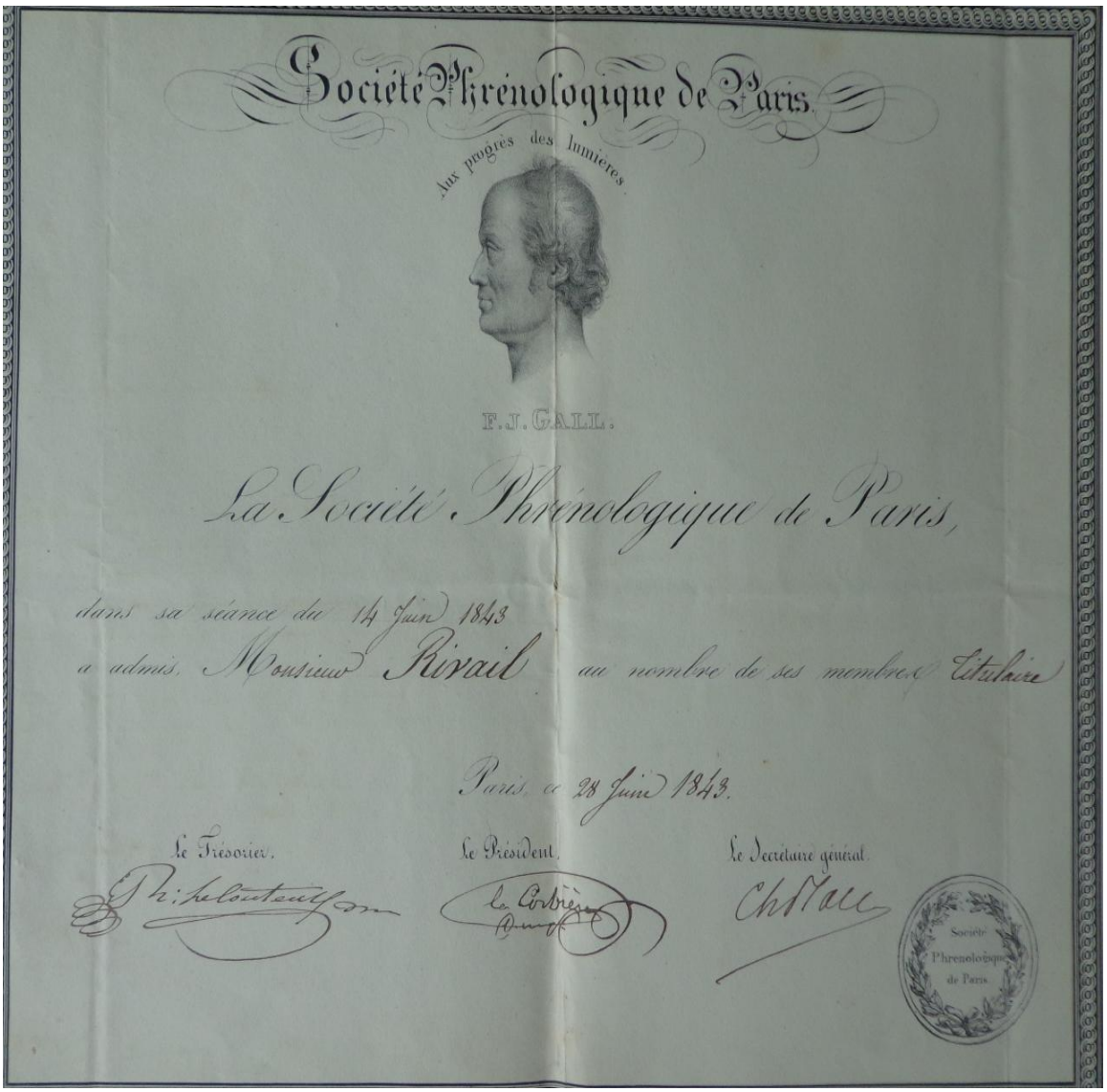
Le Président,
Charles Nodier.

Le Secrétaire perpétuel,

N° 44

(Fonte: Union Spirite Française et Francophone)

ANEXO XII – Diploma da *Société Phrénologique de Paris* (Sociedade Frenológica de Paris).


Société Phrénologique de Paris

Aux progrès des Lumières

F. J. GALL.

La Société Phrénologique de Paris,

dans sa séance du 14 Juin 1843

a admis Monsieur Rivail au nombre de ses membres titulaires

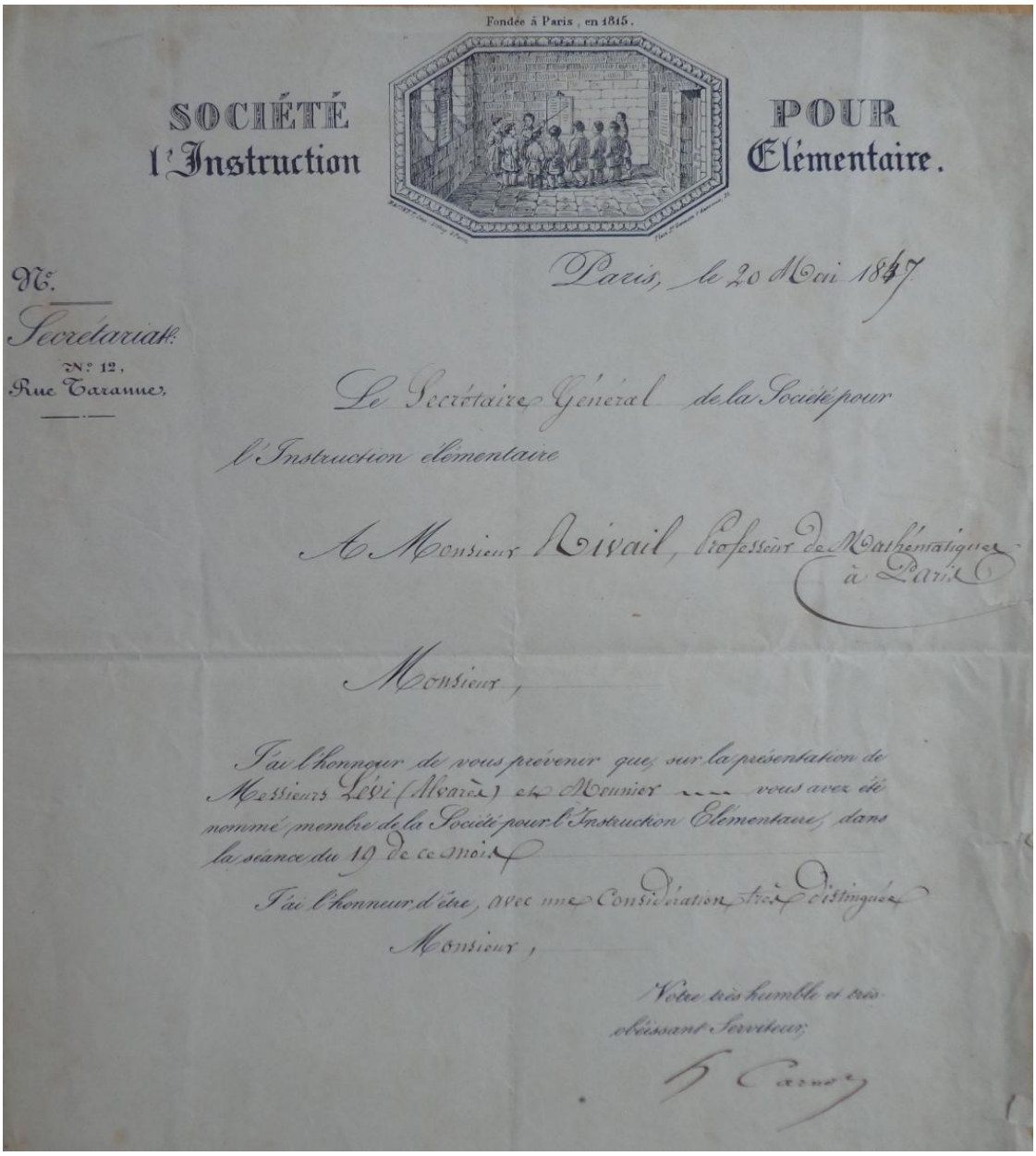
Paris, ce 28 Juin 1843.

Le Trésorier. Le Président. Le Secrétaire général.

Société Phrénologique de Paris

(Fonte: Union Spirite Française et Francophone)

ANEXO XIII – Carta de aceite da *Société pour l'Instruction Élémentaire* (Sociedade para a Instrução Elementar).



Fondée à Paris, en 1815.

SOCIÉTÉ pour l'Instruction Élémentaire.

N.
Secrétariat.
N° 12,
Rue Taranne.

Paris, le 20 Mai 1847

Le Secrétaire Général de la Société pour l'Instruction élementaire

A Monsieur Rivail, Professeur de Mathématiques à Paris

Monsieur,

J'ai l'honneur de vous prévenir que, sur la présentation de Messieurs Lévi (Alexis) et Mennier ---- vous avez été nommé membre de la Société pour l'Instruction Élémentaire, dans la séance du 19 de ce mois.

J'ai l'honneur d'être, avec une Considération très distinguée

Monsieur,

Votre très humble et très obéissant Serviteur

(Fonte: Union Spirite Française et Francophone)